

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas

Priscila Soares Evangelista

**PROCESSOS DE REDUÇÃO EM SÍLABA ÁTONA FINAL EM PROGRAMAS DE
ENTRETENIMENTO DA TV ABERTA BRASILEIRA**

Belo Horizonte
2020

Priscila Soares Evangelista

**PROCESSOS DE REDUÇÃO EM SÍLABA ÁTONA FINAL EM PROGRAMAS DE
ENTRETENIMENTO DA TV ABERTA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira

Área de concentração: Variação e Mudança Linguística

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

E92p	<p>Evangelista, Priscila Soares Processos de redução em sílaba átona final em programas de entretenimento da TV aberta brasileira / Priscila Soares Evangelista. Belo Horizonte, 2020. 157 f. : il.</p>
	<p>Orientador: Marco Antônio de Oliveira Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras</p>
	<p>1. Linguística. 2. Fonética. 3. Língua portuguesa - Fonologia. 4. Língua portuguesa - Variação. 5. Televisão - Programas. 6. Comunicação de massa. I. Oliveira, Marco Antônio de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.</p>
	CDU: 801.4

Priscila Soares Evangelista

**PROCESSOS DE REDUÇÃO EM SÍLABA ÁTONA FINAL EM PROGRAMAS DE
ENTRETENIMENTO DA TV ABERTA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Área de concentração: Variação e Mudança Linguística

Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira _ PUC Minas (Orientador)

Profa. Dra. Valquíria Carolina Pimentel Sales de Carvalho _ PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Seung-Hwa Lee _ UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 23 de Março de 2020.

*Aos meus pais Roosevelt e Elizeuda, a meu irmão Alexandre e a
tia Fátima (in memoriam), dedico esta dissertação.*

AGRADECIMENTOS

Este texto marca a realização de mais um sonho. Reconheço que ninguém vence sozinho e que esta conquista só foi possível graças à benevolência de Deus e o amparo daqueles que de forma direta ou indireta me ajudaram a trilhar a linha de chegada.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, meu amigo fiel, que nunca me desampara. Durante essa minha trajetória, grandes foram os desafios que tive que enfrentar, sobretudo, os momentos difíceis, mas em todos esses momentos o Senhor esteve ao meu lado me dando força e suprindo todas as minhas necessidades. Sem Ele nada seria possível!

Quero também agradecer a meu pai, Roosevelt, que tanto me incentivou a prosseguir com os estudos. Muitos foram os sacrifícios feitos para que eu pudesse estudar e, conseqüentemente, ter uma boa formação profissional e pessoal. Sua dedicação e interesse por minha carreira acadêmica me impulsionaram a querer voar cada vez mais alto.

À minha mãe, Elizeuda, mulher guerreira e batalhadora, que me ensinou a ter fé nos momentos difíceis e a nunca desistir dos meus sonhos. Seus sábios conselhos e ensinamentos me fizeram ir além do que sempre imaginei.

Ao meu irmão, Alexandre, que por diversas vezes abriu mão dos seus próprios sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Sem o seu apoio à caminhada seria muito mais difícil.

À tia Fátima (*in memoriam*), que não pôde estar comigo neste momento tão importante, mas que sempre estará presente em minha mente e em meu coração. Com seu exemplo aprendi que é possível ser feliz mesmo diante das adversidades e a nunca desistir de lutar.

Ao tio Rosemilton, por toda ajuda a mim prestada nos anos iniciais de minha carreira acadêmica.

A Daia, que se dispôs a *revisar o meu texto*.

Agradeço, ainda, à PUC Minas pela concessão da bolsa de estudo e por todo apoio a mim concedido, desde a graduação em Letras.

Dedico, também, agradecimento a minha amiga Ludmila, por sua paciência e disponibilidade em esclarecer minhas dúvidas e compartilhar seus conhecimentos comigo. Serei eternamente grata por todo apoio técnico, sobretudo, pelas valiosas horas em que se dedicou a me ensinar a manusear o programa estatístico *GoldVarb2001* e por nossa amizade.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira, que sempre se mostrou disposto a compartilhar comigo seu amplo conhecimento. Seus sábios conselhos e ensinamentos ampliaram minha visão de mundo, despertando meu interesse pela pesquisa ainda na graduação. Seu raciocínio lógico nas análises linguísticas, sua leitura atenta e críticas construtivas contribuíram para meu crescimento enquanto pesquisadora. E porque não dizer do meu privilégio em tê-lo como meu orientador? Afinal de contas, nesses sete anos como sua orientanda, aprendi a manter o foco, a ter disciplina e o mais importante: ser perseverante!

*Ao eterno Mestre, Marco Antônio,
Meus sinceros agradecimentos,
Shalom*

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo investigar alguns processos de redução fonológica na sílaba átona final, tendo como fonte de dados as falas registradas em programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Para tanto, serão analisados os seguintes fenômenos: haplologia, redução da sequência [ndo], redução da preposição PARA e redução da sequência final (Z)INHO. Os programas televisivos escolhidos para a análise são: *Casos de Família*, (do canal SBT, gênero Talk Show), *Domingo Show*, (da Record TV, gênero Auditório), *Amaury Jr.*, (da Bandeirantes, gênero Colunismo Social) e *Metrópolis* (da TV Cultura, gênero Variedades), todos pertencentes à categoria entretenimento. O objetivo central desta pesquisa está na identificação dos fatores linguísticos e sociais que possam controlar a ocorrência dos fenômenos de redução, sejam eles fatores favorecedores ou inibidores dos fenômenos. Além do mais, pretende-se compreender o comportamento de tais fenômenos na mídia televisiva e verificar se o discurso da mídia falada impede o processo de redução fonológica quando comparado à fala coloquial. Os procedimentos metodológicos aqui empregados foram norteados pelo modelo sociovariacionista desenvolvido por Labov (1972/2008). Após a análise qualitativa e quantitativa dos dados, verificou-se que a fala acelerada favorece significativamente os fenômenos de redução fonológica. Também observou-se que os programas *Casos de Família* e *Domingo Show*, por apresentarem um estilo informal e temas mais sensacionalistas, são os que mais favorecem os processos de redução fonológica. Em contrapartida os programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis*, por apresentarem maior cuidado com a linguagem e um conteúdo mais voltado para o universo da arte, cultura e sofisticação, foram os que menos favoreceram os fenômenos de redução. Nesta pesquisa também verificou-se que os trabalhadores braçais, com baixo nível de escolaridade, pertencentes às classes menos favorecidas, são os que mais realizaram as reduções. Vale dizer que mesmo em situações tensas, onde geralmente há um monitoramento maior da própria fala, esses falantes tendem a apresentar um estilo de fala menos cuidado. Em compensação, os falantes que exercem atividades socioeconômicas de maior destaque na sociedade e que apresentam maior grau de instrução tendem a preferir o uso das formas de maior prestígio. Ao que tudo indica isso é na verdade uma tentativa de preservar o *status* no grupo social do qual faz parte.

Palavras-chave: Fonologia do português; Redução fonológica; Variação linguística; Mídia falada.

ABSTRACT

The goal of this work is to investigate some processes of phonological reduction in the final unstressed syllable, and have as source of data the speeches registered in entertainment programs of the Brazilian public-access television. Therefore, the following phenomena will be analyzed: haplology, sequence reduction [ndo], preposition reduction FOR, and final sequence reduction (Z)INHO. So, the television programs chosen for the analysis are: *Casos de Família*, (from SBT channel, Talk Show genre), *Domingo Show*, (from Record TV, Auditorium genre), *Amaury Jr.* (from Bandeirantes, Social Columnism genre) and *Metrópolis* (TV Cultura, genre Varieties), all belonging to the entertainment category. The main purpose of this research is to identify the linguistic and social factors that can control the occurrence of reduction phenomena, whether they are factors that approval or inhibit the phenomena. Furthermore, it is intended to understand the behavior of such phenomena in television media and to verify if the speech of spoken media interfere in the process of phonological reduction when compared to colloquial speech. The methodological procedures used here were guided by the sociovariationist model developed by Labov (1972/2008). After qualitative and quantitative analysis of the data, checked that accelerated speech significantly favors the phenomena of phonological reduction. It was also observed that the programs *Casos de Família* and *Domingo Show*, for presenting an informal style and more sensational themes, are the ones that favor the phonological reduction processes. Otherwise, the *Amaury Jr.* and *Metrópolis* programs, due to their greater care with language and more content focused on the universe of art, culture and sophistication, were the ones that least favored the reduction phenomena. In this research it was also found that manual workers, with low level of education, belong to the less favored classes, are the ones that realized more reductions. It is worth to say that even in tense situations, where there is usually a greater monitoring of their own speech, these speakers tend to have a less careful style of speech. Nevertheless, speakers who perform more prominent socioeconomic activities in society and who are more educated tend to prefer the use of the most prestigious forms. To what everything points out, this is actually an attempt to preserve the status in the social group of which you in it.

Keywords: Portuguese Phonology; Phonological reduction; Linguistic variation; Spoken media.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Chave de Códigos_ HAPLOLOGIA.....	92
Quadro 2- Chave de Códigos_ Redução da Sequência NDO.....	93
Quadro 3- Chave de Códigos_ Redução da Preposição PARA.....	94
Quadro 4- Chave de Códigos_ Redução da Sequência Final (Z)INHO	95

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Representação da palavra prisma.....	48
Esquema 2 - Representação da palavra padrinho (forma plena)	49
Esquema 3 - Representação do processo de redução da palavra padrinho	50
Esquema 4 - Representação da palavra construindo (forma plena).....	50
Esquema 5 - Representação do processo de redução da palavra construindo	51
Esquema 6 - Representação da expressão “tudo de bom” (forma plena)	52
Esquema 7 - Representação do processo de redução da expressão “tudo de bom”	53
Esquema 8 - Representação do processo de redução da preposição PARA (para > pra) 68	68
Esquema 9 - Representação do processo de redução da preposição PARA (pra > pa) ...	69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Programas e Número de Ocorrências (Haplologia).....	106
Gráfico 02 - Programas e Número de Ocorrências (Redução da Sequência NDO)	117
Gráfico 03 - Número de Ocorrências das Variantes da Preposição PARA	118
Gráfico 04 - Programas e Número de Ocorrências (Redução Prep. PARA)	126
Gráfico 05 - Programas e Número de Ocorrências (Redução da Sequência Final (Z)INHO).....	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Haplologia e Estilo de Fala	98
Tabela 02 - Haplologia e Status Social.....	98
Tabela 03 - Haplologia e Faixa Etária	99
Tabela 04 - Haplologia e Consoante da Sílabla Candidata ao Apagamento.....	99
Tabela 05 - Haplologia e Velocidade de Fala	100
Tabela 06 - Haplologia e Gênero do Programa	101
Tabela 07 - Haplologia e Vogal da Sílabla Candidata ao Apagamento.....	102
Tabela 08 - Haplologia e Contexto Fonético da Palavra Seguinte	103
Tabela 09 - Haplologia e Sexo dos Informantes.....	104
Tabela 10 - Haplologia e Classe de Palavra	104
Tabela 11 - Redução da Sequência NDO e Estilo de Fala.....	107
Tabela 12 - Redução da Sequência NDO e Contexto Fonético Precedente (Vogal)	108
Tabela 13 - Redução da Sequência NDO e Faixa Etária	109
Tabela 14 - Redução da Sequência NDO e Velocidade de Fala	109
Tabela 15 - Redução da Sequência NDO e Classe Morfológica	110
Tabela 16 - Redução da Sequência NDO e Gênero do Programa.....	111
Tabela 17 - Redução da Sequência NDO e Status Social.....	112
Tabela 18 - Redução da Sequência NDO e Sexo dos Informantes	113
Tabela 19 -Redução da Sequência NDO e Contexto Fonético da Palavra Seguinte	114
Tabela 20 - Redução da Sequência NDO e Palavra Precedente Reduzida	114
Tabela 21 - Redução da Sequência NDO e Número de Sílabas.....	115
Tabela 22 - Redução da Preposição PARA e Sexo dos Informantes	119
Tabela 23 - Redução da Preposição PARA e Estilo de Fala	120
Tabela 24 - Redução da Preposição PARA e Gênero do Programa	120
Tabela 25 - Redução da Preposição PARA e Gênero do Programa	121
Tabela 26 - Redução da Preposição PARA e Contexto Fonético da Palavra Seguinte..	122
Tabela 27 - Redução da Preposição PARA e Status Social	123
Tabela 28 - Redução da Preposição PARA e Classe da Palavra Seguinte	123
Tabela 29 - Redução da Preposição PARA e Velocidade de Fala	124
Tabela 30 - Redução da Preposição PARA e Faixa Etária	124
Tabela 31 -Distribuição de Dados por Variante em Cada Pesquisa	125
Tabela 32 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Gênero do Programa.....	128
Tabela 33 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Composição Morfológica	128
Tabela 34 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Estilo de Fala.....	129
Tabela 35 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Status Social.....	130
Tabela 36 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Velocidade de Fala	131
Tabela 37 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Sexo	131
Tabela 38 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Tipo de Sufixo	132
Tabela 39 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Faixa Etária	132

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

PB	Português Brasileiro
C	Consoante
V	Vogal
CV	Consoante + Vogal
CCV	Consoante + Consoante + Vogal
σ	Sílaba
#	Fronteira de Morfema Derivacional
##	Fronteira de Palavra
\$	Fronteira de Sílabas
Ø	Apagamento
*	Agramatical
CF	Casos de Família
DS	Domingo Show
AJ	Amaury Jr.
Me	Metrópolis

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	31
2	APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA: A REDUÇÃO FONOLÓGICA	33
2.1	Fenômenos Analisados	35
2.1.1	<i>Haplologia.....</i>	35
2.1.2	<i>Redução da Sequência NDO.....</i>	36
2.1.3	<i>Redução da Preposição PARA.....</i>	37
2.1.4	<i>Redução da Sequência Final (Z)INHO.....</i>	38
3	QUADRO TEÓRICO	41
3.1	O Estudo da Linguagem no Contexto Social	41
3.2	Fonologia Autossegmental e Métrica.....	48
3.3	Revisão da Literatura	53
3.3.1	<i>Haplologia.....</i>	53
3.3.2	<i>Redução da Sequência NDO.....</i>	58
3.3.3	<i>Redução da Preposição PARA.....</i>	59
3.3.4	<i>Redução da Sequência Final (Z)INHO.....</i>	62
4	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E REGRAS FONOLÓGICAS	65
4.1	Haplologia	65
4.2	Redução da Sequência NDO.....	66
4.3	Redução da Preposição PARA	68
4.4	Redução da Sequência Final (Z)INHO.....	70
5	METODOLOGIA	75
5.1	Universo da Pesquisa.....	75
5.2	Coleta e Tratamento dos Dados	76
5.3	Programas de TV Selecionados para Análise dos Fenômenos	77
5.3.1	<i>Casos de Família</i>	78
5.3.2	<i>Domingo Show.....</i>	79
5.3.3	<i>Amaury Jr.</i>	80
5.3.4	<i>Metrópolis.....</i>	80
5.4	Variáveis Independentes Analisadas	81
5.4.1	<i>Haplologia e Variáveis Internas</i>	81
5.4.1.1	<i>Classe de Palavra.....</i>	81
5.4.1.2	<i>Contexto Fonético da Palavra Seguinte.....</i>	82
5.4.1.3	<i>Consoante da Sílabas Candidata ao Apagamento.....</i>	82
5.4.1.4	<i>Vogal da Sílabas Candidata ao Apagamento</i>	82
5.4.1.5	<i>Velocidade de Fala.....</i>	83
5.4.2	<i>Redução da Sequência NDO e Variáveis Internas</i>	83
5.4.2.1	<i>Classe Morfológica</i>	83
5.4.2.2	<i>Contexto Fonético da Palavra Seguinte.....</i>	83
5.4.2.3	<i>Contexto Fonético Precedente (Vogal)</i>	84
5.4.2.4	<i>Número de Sílabas.....</i>	84
5.4.2.5	<i>Velocidade de Fala.....</i>	85
5.4.2.6	<i>Palavra Precedente Reduzida</i>	85

5.4.3	Redução da Preposição PARA e Variáveis Internas	85
5.4.3.1	<i>Contexto Fonético da Palavra Seguinte</i>	85
5.4.3.2	<i>Classe da Palavra Seguinte</i>	86
5.4.3.3	<i>Velocidade de Fala</i>	86
5.4.4	Redução da Sequência Final (Z)INHO e Variáveis Internas	87
5.4.4.1	<i>Classe da Palavra Primitiva</i>	87
5.4.4.2	<i>Composição Morfológica</i>	87
5.4.4.3	<i>Tipo de Sufixo</i>	87
5.4.4.4	<i>Velocidade de Fala</i>	88
5.5	Variáveis Independentes Sociais	88
5.5.1	<i>Sexo do Informante</i>	88
5.5.2	<i>Status Social</i>	89
5.5.3	<i>Estilo de Fala</i>	90
5.5.4	<i>Faixa Etária</i>	91
5.5.5	<i>Gênero do Programa</i>	91
5.6	Chave de Códigos	92
5.6.1	<i>Chave de Códigos_ Haplologia</i>	92
5.6.2	<i>Chave de Códigos_ Redução da Sequência NDO</i>	93
5.6.3	<i>Chave de Códigos_ Redução da Preposição PARA</i>	94
5.6.4	<i>Chave de Códigos_ Redução da Sequência Final (Z)INHO</i>	95
6	ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	97
6.1	Haplologia _ Grupos Eliminados	97
6.1.1	<i>Estilo de Fala</i>	97
6.1.2	<i>Status Social</i>	98
6.1.3	<i>Faixa Etária</i>	98
6.1.4	<i>Consoante da Sílabas Candidata ao Apagamento</i>	99
6.2	Haplologia _ Grupos Selecionados	99
6.2.1	<i>Velocidade de Fala</i>	100
6.2.2	<i>Gênero do Programa</i>	100
6.2.3	<i>Vogal da Sílabas Candidata ao Apagamento</i>	102
6.2.4	<i>Contexto Fonético da Palavra Seguinte</i>	102
6.2.5	<i>Sexo</i>	103
6.2.6	<i>Classe de Palavra</i>	104
6.3	Relevância dos Fatores na Produção da Haplologia	105
6.4	Redução da sequência NDO _ Grupos Eliminados	107
6.4.1	<i>Estilo de Fala</i>	107
6.4.2	<i>Contexto Fonético Precedente (Vogal)</i>	108
6.4.3	<i>Faixa Etária</i>	108
6.5	Redução da sequência NDO _ Grupos Selecionados	109
6.5.1	<i>Velocidade de Fala</i>	109
6.5.2	<i>Classe Morfológica</i>	110
6.5.3	<i>Gênero do Programa</i>	110
6.5.4	<i>Status Social</i>	112
6.5.5	<i>Sexo</i>	113
6.5.6	<i>Contexto Fonético da Palavra Seguinte</i>	113
6.5.7	<i>Palavra Precedente Reduzida</i>	114
6.5.8	<i>Número de Sílabas</i>	115
6.6	Relevância dos Fatores na Redução da Sequência NDO	116

6.7	Redução da preposição PARA	118
6.8	Redução da Preposição PARA _ Grupos Eliminados	119
6.8.1	<i>Sexo</i>	119
6.8.2	<i>Estilo de Fala</i>	119
6.8.3	<i>Gênero do Programa</i>	120
6.8.4	<i>Contexto Fonético da Palavra Seguinte</i>	121
6.9	Redução da Preposição PARA _ Grupos Selecionados	122
6.9.1	<i>Status Social</i>	122
6.9.2	<i>Classe da Palavra Seguinte</i>	123
6.9.3	<i>Velocidade de Fala</i>	123
6.9.4	<i>Faixa Etária</i>	124
6.10	Relevância dos Fatores na Redução da Preposição PARA.....	125
6.11	Redução da sequência final (Z)INHO _ Grupos Eliminados	127
6.11.1	<i>Gênero do Programa</i>	127
6.11.2	<i>Composição Morfológica</i>	128
6.11.3	<i>Estilo de Fala</i>	129
6.12	Redução (Z)INHO _ Grupos Selecionados	129
6.12.1	<i>Status Social</i>	129
6.12.2	<i>Velocidade de Fala</i>	130
6.12.3	<i>Sexo</i>	131
6.12.4	<i>Tipo de Sufixo</i>	131
6.12.5	<i>Faixa Etária</i>	132
6.13	Relevância dos Fatores na Redução (Z)INHO.....	133
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	137
	ANEXOS A _ Resultados Criados pelo Programa Estatístico VARBRUL: HAPLOGIA	143
	ANEXOS B _ Resultados Criados pelo Programa Estatístico VARBRUL: Redução da Sequência NDO	147
	ANEXOS C _ Resultados Criados pelo Programa Estatístico VARBRUL: Redução da Preposição PARA	151
	ANEXOS D _ Resultados Criados pelo Programa Estatístico VARBRUL: Redução da Sequência Final (Z)INHO	155

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar alguns processos de redução fonológica na fala de participantes de programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Os dados linguísticos aqui analisados foram retirados dos seguintes programas: *Casos de Família*, (do canal SBT, gênero Talk Show), *Domingo Show*, (da Record TV, gênero Auditório), *Amaury Jr.*, (da TV Bandeirantes, gênero Colunismo Social) e *Metrópolis* (da TV Cultura, gênero Variedades), todos pertencentes à categoria entretenimento.

Dentre os variados processos de redução fonológica encontrados no português brasileiro selecionamos quatro fenômenos bastante recorrentes em nossa língua, a saber: *Haplologia*, *redução da sequência [ndo]*, *redução da preposição “para”* e *redução da forma (z)inho*. Vale dizer que todos os fenômenos aqui estudados apresentam uma característica comum: um cancelamento, parcial ou total, na última sílaba final átona da palavra.

Esta pesquisa foi realizada com base em análises qualitativas e quantitativas, seguindo, assim, o modelo teórico-metodológico apresentado pela sociolinguística variacionista. Dessa forma, durante a análise serão considerados tanto fatores linguísticos quanto sociais que possam eventualmente influenciar a escolha do falante por determinada variante. Assim sendo, nesta pesquisa consideramos os seguintes fatores sociais: sexo, *status* social, estilo de fala, faixa etária e gênero do programa. Ademais, como todos os fenômenos são de natureza probabilística, durante a análise serão utilizadas técnicas quantitativas com a finalidade de identificar os fatores linguísticos e sociais relevantes para cada fenômeno analisado.

Salientamos ainda que a escolha dos programas televisivos não foi feita de forma aleatória. Embora pertencentes a gêneros diferentes, esses programas apresentam algumas características relevantes para a análise sociolinguística. Os programas *Casos de Família* e *Domingo Show*, por exemplo, são populares e sensacionalistas. Neste tipo de programa o importante é conseguir audiência, custe o que custar e, assim sendo, as atrações a serem apresentadas devem seguir uma linguagem mais direta e informal. Este é, inclusive, um dos segredos para atrair a atenção do grande público.

Com relação ao perfil dos participantes, é importante destacar que, boa parte é formada por pessoas simples, com baixo nível de escolaridade, pertencentes às classes menos favorecidas. Em contrapartida, nos demais programas, *Amaury Jr.* e *Metrópolis*, grande parte dos convidados possui nível superior e são pertencentes às classes mais privilegiadas. Nesses programas o importante é mostrar o *glamour*, *status* e conhecimento.

Nossa hipótese inicial, a ser verificada, é a de que os programas populares, *Casos de Família e Domingo Show*, por apresentarem fala mais espontânea e estilo mais informal, são mais favorecedores dos fenômenos de redução aqui analisados. Em suma, esta pesquisa está organizada da seguinte forma:

1. Capítulo: descrição sucinta dos programas televisivos escolhidos para a análise;
2. Capítulo: apresentação breve do panorama da redução fonológica no português brasileiro, seguido da apresentação dos fenômenos fonológicos aqui analisados e seus casos de bloqueio;
3. Capítulo: apresentação dos pressupostos teóricos seguidos por esta pesquisa e dos trabalhos mais relevantes ligados aos fenômenos aqui estudados;
4. Capítulo: exposição das Regras Fonológicas de cada variável analisada;
5. Capítulo: apresentação da metodologia utilizada na pesquisa. Além disso, abordaremos de forma sucinta as características de cada programa televisivo, assim como a apresentação das variáveis linguísticas e sociais investigadas;
6. Capítulo: análise estatística dos dados e discussão dos resultados;
7. Capítulo: considerações finais deste trabalho.

2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA: A REDUÇÃO FONOLÓGICA

Toda e qualquer língua apresenta variação. Assim sendo, em uma determinada língua podemos encontrar diversas formas em competição, dentre as quais podemos citar os fenômenos de variação fonológica.

Antes de adentrarmos no assunto que nos interessa, a redução fonológica, faz-se necessário explicar a diferença entre fonética e fonologia. A fonética é a ciência que se dedica ao estudo e a descrição dos sons da fala. Já a fonologia concentra-se no estudo dos sistemas fonêmicos, de forma a identificar seus traços e o modo como seus elementos estão organizados na língua. De maneira geral fonética e fonologia andam juntas, “Enquanto a Fonética descreve o que acontece quando um falante fala, a Fonologia almeja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua desse falante.”(CAGLIARI, 2002, p.18).

Nos últimos anos, sobretudo, vários pesquisadores têm se dedicado ao estudo da variação linguística no português brasileiro. Entre os fenômenos de variação está a redução fonológica, que focaliza o apagamento ou supressão de um segmento da palavra, seja ele vogal, consoante, glide ou sílaba. (ASSIS, 2010). Dentre os fatores que podem influenciar a supressão de um segmento está a velocidade de fala. Assim sendo, enquanto a velocidade lenta trabalha para a manutenção do segmento (ABAURRE-GNERRE, 1981), a velocidade rápida favorece o apagamento.

Como exemplo de redução fonológica, podemos citar o processo de quebra de encontros consonantais tautossilábicos, (CRISTÓFARO-SILVA, 2000). Nesse processo os encontros consonantais ocorrem na mesma sílaba, favorecendo assim o cancelamento da consoante líquida. Segundo Cristófaró Silva, esse processo é passível de ocorrer quando o encontro consonantal for seguido por:

- a) Vogal postônica
Destro – desto / vidro – vido / nobre – nobe
- b) Vogal pretônica
Através – atavés / suprimir – supimir / preciso – peciso
- c) Vogal tônica
Sublime – subime / explícito – expícito/ problema – probema

Oliveira (1997) analisa o cancelamento do (r) em final de sílaba, sobretudo em nominais. Conforme o autor, algumas palavras, como *revólver*, *açúcar* e *trabalhador* são sempre pronunciadas sem o (r) final, enquanto que em outras, como *maxilar*, *super* e *dólar*, o cancelamento do (r) nunca acontece. Diante desse quadro, o autor chega à conclusão de que, mesmo estando o (r) em posição fraca, o que teoricamente seria o contexto ideal, em algumas palavras o apagamento não acontece. Ao que tudo indica esse processo de redução fonológica não está condicionado a fatores linguísticos contextuais, “Ou seja, parece que o controle é mesmo lexical, podendo as listas variar de falante para falante.” (OLIVEIRA, 1997, p.46).

Há também outros processos de redução bastante recorrentes em nossa língua, dos quais podemos citar:

- a) Aférese: apagamento de segmento inicial
Enamorar > [-]namorar / abacate > [-]bacate
- b) Síncope: apagamento de segmento medial
Xícara > xícra
- c) Apócope: apagamento de segmento final
Malee (latim) > mal / cantar > cantá[-]
- d) Apagamento de glide (monotongação):
Caixa > caxa

Nesta pesquisa avaliaremos o processo de cancelamento, parcial ou total, da última sílaba átona da palavra, em programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Os fenômenos aqui analisados são:

- a) Haploglia:
Dentro de campo = den[-] de campo
- b) Redução da sequência [ndo]:
Trabalhando = trabalhano
- c) Redução da preposição *para*:
Eu fui pra escola.
Vamos pa praia.
- d) Redução da sequência final (z)inho
Menininho = meninim
Pobrezinho = pobrezim

2.1 Fenômenos Analisados

Neste capítulo faremos uma breve apresentação dos fenômenos de redução fonológica abordados por esta pesquisa. Vale ressaltar que todos os fenômenos aqui estudados apresentam uma característica comum: um cancelamento, parcial ou total, na última sílaba átona da palavra. Portanto, abordaremos de forma breve os seguintes fenômenos: *Haplologia*, *Redução da sequência NDO*, *Redução da preposição PARA* e *Redução da sequência final (Z)INHO*.

2.1.1 Haplologia

A haplologia é um fenômeno de natureza fonológica muito presente no português brasileiro (doravante, PB). Sua principal característica é o apagamento da última sílaba átona de uma palavra, ou da vogal desta sílaba, quando seguida de sílaba átona ou tônica inicial da palavra seguinte. Em outras palavras, uma pronúncia como “*de repente sentiu saudade*”, também pode ser observada como “*de repen[-] sentiu saudade*” ou “*quanto tempo*” para “*quan[-] tempo*”. Como observado nos exemplos anteriores, em ambos os casos houve perda total da última sílaba da palavra. No entanto, também pode ocorrer uma perda parcial na última sílaba átona como em “*quanto tempo cê tem...*” para “*quanto temp[-] cê tem...*”. Note que, nesse caso, somente a vogal final foi cancelada.

Ao contrário do que se pensa, não são todos os contextos propícios à ocorrência da haplologia. Em alguns casos, o fenômeno é simplesmente bloqueado, como verificado abaixo:

- a) “*vou cantar muito amanhã*” -----→ **vou can[-] muito amanhã*
 b) “*o abacaxi estragou*” -----→ **o abaca[-] estragou*

No primeiro exemplo o bloqueio ocorre, pois ambas as sílabas da fronteira são tônicas, o que impede a realização do fenômeno. Já no segundo exemplo, o processo é impedido devido ao fato da sílaba candidata ao apagamento ser tônica. Em virtude disso, o bloqueio em ambos os casos é justificado pela falta de contexto propício à ocorrência do fenômeno. Ou seja, sílabas finais tônicas não são passíveis de apagamento!

De maneira geral a ocorrência de haplologia “causa comentários jocosos, irônicos e sarcásticos, estigmatizando certos falares regionais.” (MENDES, 2009, p. 20) e é devido a

isso, que a sociolinguística a considera como uma variável não padrão. Nos programas humorísticos, por exemplo, é comum ver na fala dos personagens do campo ou da roça a presença desse fenômeno. Entretanto, observa-se que a haplogogia não é algo exclusivo do campo, uma vez que sua ocorrência também é observada na fala de habitantes das grandes capitais brasileiras, como em Belo Horizonte (MENDES, 2009), São Paulo (PAVEZI, 2006), Belém (PAZ, 2013), Porto Alegre (BATTISTI, 2005), entre outras.

No próximo capítulo, portanto, daremos continuidade à discussão sobre a haplogogia tendo em vista a análise teórica do fenômeno e o levantamento dos principais trabalhos e discussões já feitas sobre o assunto.

2.1.2 Redução da Sequência NDO

Na língua falada, principalmente na fala coloquial, é comum perceber a presença de formas variantes em competição, dentre elas podemos citar a redução que ocorre na sequência /ndo/ para /no/.

Conforme Melo (1946), esse processo de redução é fruto da interferência das línguas tupi e africana. No entanto, o autor destaca que esse fenômeno também foi observado em outras línguas alheias à interferência dessas línguas de contato. Marroquim (1934) discorda, no entanto, da ideia de que o apagamento da oclusiva /d/ em sequência /nd/ tenha sido consequência da influência das línguas africanas. Isso porque “No grupo dialetal aquilano-umbro-romano dá-se o mesmo fenômeno, outrora mais generalizado na Itália, sem suspeita de influência africana.” (MARROQUIM, 1934, p. 86). O que demonstra que esse fenômeno também pode ser observado em outras línguas de origem latina (MOLLICA, MATTOS 1989).

Embora o apagamento da oclusiva /d/ em contexto [ndo] seja comum no PB, ainda assim esse tipo de redução é tido por muitos como característica do falar caipira, (COUTINHO 1976), contribuindo, assim, para o seu estigma.

Em suma, o que ocorre nesse processo é a redução da oclusiva /d/, como em: *cantando* para *cantano* ou *comendo* para *comeno*. Na perspectiva de alguns autores esse processo de redução só ocorre com morfemas de gerúndio e não com outras formas verbais ou classes gramaticais, como defendido por Ferreira (2010). Entretanto, nesta pesquisa observamos que tal processo pode atingir não apenas o gerúndio como também outras classes de palavras. Contudo, aprofundaremos mais sobre esse assunto nas próximas seções.

Vale ressaltar ainda que, não são todos os contextos [ndo] propícios à ocorrência do fenômeno. Como já mencionado por Ferreira (2010), o processo é bloqueado nas formas verbais não gerundivas, como em:

- **Ando** = **ano* (1ª pessoa do verbo andar)
- **Mando** = **mano* (1ª pessoa do verbo mandar)
- **Vendo** = **veno* (1ª pessoa do verbo vender)
- **Prendo** = **preno* (1ª pessoa do verbo prender)
- **Aprendo** = **apreno* (1ª pessoa do verbo aprender)
- **Confundo** = **confuno* (1ª pessoa do verbo confundir)
- **Prescindo** = **prescino* (1ª pessoa do verbo prescindir)

No próximo capítulo daremos continuidade à discussão aqui iniciada.

2.1.3 Redução da Preposição PARA

Dentre os vários processos de redução fonológica podemos destacar a redução da preposição *PARA*, que pode ser verificada tanto na forma da variante *PRA*, quanto *PA*. A primeira autora a abordar esse fenômeno sob a vertente da sociolinguística foi Henrietta Cerdegren em 1970. Em seu estudo ela analisa a preposição *para* e suas variantes *pra* e *pa* no espanhol do Panamá. Apesar de esse tipo de redução ser muito presente no PB, ainda existem poucas pesquisas que abordam o tema, principalmente na vertente da análise sociovariacionista.

Por mais que seja comum a presença da variante *para* em textos escritos, na fala essa variável está perdendo força (SILVA, 2010), dando lugar à forma *pra*. Contudo, nos últimos anos, tem-se notado que outra variante, ainda mais inovadora, *_pa_*, tem ganhado espaço no discurso falado e, ao que tudo indica, o uso dessa variante está relacionado não só a fatores linguísticos como também sociais.

Embora o processo de redução da preposição *PARA* seja possível em praticamente todos os contextos, o processo é bloqueado quando a mesma estiver em final de frase, sobretudo em frases interrogativas incompletas (GAZOLA, 2008), como verificado abaixo:

Você foi *para*? Você foi *pra*?

Conforme Gazola (2008), a rejeição da variante *pra* em final de sentença se justifica pelo fato de a forma contraída *pra* necessitar de complemento, que na verdade, é o elemento necessário para inserção da preposição *pra* no sintagma.

Ademais, é importante salientar que no processo em que ocorre o cancelamento da última sílaba da preposição *PARA* _ *PA* [-], não há a presença de haplogogia, mas sim de um processo de redução, no qual a sílaba final é apagada. A explicação para isso é simples: o fenômeno haplogogia só atinge palavras e não clíticos. Falando de forma mais detalhada, as palavras morfossintáticas estão divididas em dois grandes grupos: aquelas que pertencem às palavras funcionais, ou seja, as preposições, conjunções, artigos, complementizadores entre outros, e as que pertencem às palavras lexicais, como os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

Em fonologia as palavras funcionais, por não apresentarem acento, não podem assumir o papel de palavra fonológica, sendo consideradas, portanto, como clíticos. Em contrapartida, como as palavras lexicais são sempre acentuadas, são elas que passam então a representar as palavras fonológicas. Por consequência disso, a preposição *PARA* passa a ser considerada, então, como clítico dissilábico e suas variantes *pra* e *pa* como clíticos monossilábicos. Devido a isso, tal processo não pode ser considerado como haplogogia, visto que ocorre em clítico e não em palavras. Nas próximas seções, aprofundaremos mais sobre o fenômeno *PARA* > *PRA* > *PA*.

2.1.4 Redução da Sequência Final (Z)INHO

A variável (Z)INHO, encontrada em final de palavras, também pode, assim como os demais fenômenos estudados por esta pesquisa, apresentar-se numa forma reduzida. Tal redução é verificada pela presença das variantes *zim* ou *im* em palavras do tipo: *meninINHO* que pode aparecer como *meninIM*, ou *bonZINHO* como *bonZIM*.

Em suma, essa variável é encontrada tanto em palavras monomorfêmicas, como em: *viZINHO*, *soZINHO*, *moINHO* e *sobrINHO*, quanto em palavras bimorfêmicas do tipo: *café + ZINHO* (*caféZINHO*), *bar + ZINHO* (*barZINHO*) ou *pouco + INHO* (*pouquINHO*). Note que nas palavras bimorfêmicas, a presença do sufixo (Z)INHO define o grau do diminutivo.

De maneira geral, o processo de redução de (Z)INHO atinge principalmente os diminutivos, como em: *cadernINHO* para *cadernIM*, ou *amorZINHO* para *amorZIM*. Entretanto, isso não anula a possibilidade de encontrarmos redução em palavras

monomorfêmicas do tipo: **carinho** / **carim** ou **caminho** / **camim**, **vizinho** / **vizim**, **sobrinho** / **sobrim**, e assim por diante.

Contudo, vale dizer que nem todos os contextos são favoráveis ao processo de redução, isso porque nos casos em que (Z)INHv vem acompanhado pelo sufixo flexional –a, indicando gênero feminino, o processo é bloqueado, como em:

Menin**INHA** = **meninim*

Cadeir**INHA** = **cadeirim*

Cois**INHA** = **coisim*

PAz**INHA** = **PAZim*

Coz**INHA** = **cozim*

As**INHA** = **asim*

Campa**INHA** = **campaim*

Far**INHA** = **farim*

Nas próximas seções, abordaremos mais sobre este tema.

3 QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo apresentaremos os pressupostos teóricos seguidos por esta pesquisa: a Sociolinguística Variacionista, desenvolvida por Labov (1972/2008) e a Fonologia Autossegmental. Falaremos também sobre os trabalhos mais relevantes ligados aos fenômenos aqui estudados, assim como seus principais resultados.

3.1 O Estudo da Linguagem no Contexto Social

A Sociolinguística Variacionista é a área da linguística que se dedica ao estudo da língua em seu contexto social. Para tanto entende a língua como algo heterogêneo, portanto, passível de variação.

Durante muitos anos a questão da variação foi excluída dos estudos da linguagem. Em um primeiro momento, a língua passou a ser vista como um sistema homogêneo, pronto e acabado, eliminando assim qualquer possibilidade de variação (SAUSSURE 2012). Essa era a vertente seguida pelo estruturalismo europeu que se dedicava exclusivamente à descrição da língua, deixando de lado a fala. Embora Saussure, precursor do estruturalismo, considerasse a mudança linguística como objeto de estudo, não conseguiu elaborar uma teoria que fosse capaz de explicar tal processo. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), o fato de ignorarem a possibilidade de variação colaborou para a não compreensão do processo de mudança, visto que toda e qualquer mudança linguística implica variação (TARALLO, 1997).

Em contrapartida, o estruturalismo americano, representado por Bloomfield passa então a admitir, ainda que de forma tímida, a variabilidade da língua. A partir daí a diversidade linguística passa a ser vista como uma realidade inerente à comunidade de fala. No entanto, os estudos desenvolvidos por Bloomfield dedicam-se exclusivamente à descrição das línguas nos níveis morfológico, fonológico e sintático. Dessa forma, fatores sociais que pudessem eventualmente interferir no processo de variação não foram levados em consideração.

Interessado nos fenômenos de mudança e variação, Labov passa então a analisar a língua em uso, dentro da comunidade de fala. É em 1963, por meio do estudo na ilha de *Martha's Vineyard*, que Labov desenvolve a teoria da mudança e variação. Neste estudo ele analisa os fatores linguísticos e sociais envolvidos no alçamento do núcleo dos ditongos /ay/ e /aw/ entre os falantes da região.

Conforme observado pelo autor, alguns moradores da ilha tendiam a usar as variantes consideradas padrão [ay] e [aw], enquanto que outros as variantes [ɛy] e [ɛw], ou até mesmo [əy] e [əw]. Assim, na tentativa de entender o motivo para o uso de uma forma e não outra, Labov passa então a colher dados de fala dos moradores em diferentes situações: em entrevistas formais, leituras de textos, questionários e por meio da observação dos falantes em situações mais informais de fala, como em conversas de bares, lanchonetes, restaurantes e lojas.

Os dados coletados pelo autor foram analisados tendo em vista tanto fatores sociais, como *sexo, idade, ocupação, etnia e distribuição geográfica*, quanto fatores linguísticos como *ambiente segmental*, (consoantes seguintes e precedentes aos ditongos); *fatores prosódicos* (tonicidade); *estilo de fala* (fala espontânea, fala cuidada, leitura e fala excitada, quando o falante está envolvido emocionalmente); e *léxico* (quais palavras favoreceriam mais a centralização do ditongo). Conforme verificado por Labov, as consoantes surdas seguintes favorecem o alçamento do núcleo do ditongo, assim como as consoantes obstruintes, orais, apicais e oclusivas. Em uma escala decrescente, o autor apresenta então as consoantes mais favorecedoras às menos favorecedoras da centralização, tais como “/t, s; p, f; d, v, z; k, θ, ð; Ø: l, r; n; m/” (LABOV, 1972/2008, p.39).

Com base nos resultados Labov observou que os falantes com idade entre 31 a 45 anos eram mais propensos ao alçamento dos ditongos /ay/ e /aw/ que os demais. Além do mais, ele também verificou que dentre as três ocupações analisadas (pescadores, fazendeiros e outros), a que mais favoreceu o índice de alçamento foi a dos pescadores. Com relação aos grupos étnicos analisados (ingleses, portugueses e indígenas), foram os descendentes de ingleses que mais realizaram o fenômeno.

Há ainda outro grupo de fatores que se mostrou bastante relevante para o fenômeno em questão: o de distribuição geográfica. Conforme relata Labov (1972/2008) a ilha de Martha's Vineyard é dividida em duas partes: Ilha Alta (*Up-Island*), localizada em uma área estritamente rural, e Ilha Baixa (*Down-Island*), formada por vilarejos. De acordo com os dados da pesquisa, as áreas da Ilha Alta rural foram as que mais favoreceram o alçamento dos ditongos, sendo o maior número de ocorrências observado na região de Chilmark .

Com base na história sociocultural da região, Labov verificou que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ não era feita de forma aleatória. Essas diferenças fonéticas, observadas na fala dos moradores da ilha, carregavam consigo um grande significado social (LABOV 1972/2008). Isso porque a ilha de Martha's Vineyard tem atraído um grande número de turistas, o que tem alterado a vida pacata e a rotina dos moradores da região. Conforme

observado pelo autor, os moradores da Ilha Baixa (*Down- Island*) têm olhado com bons olhos as mudanças advindas dessa nova fase, sobretudo as mudanças econômicas resultantes do turismo. Esses moradores, de maneira geral, apresentam pouca ou nenhuma centralização dos ditongos, aproximando-se assim, da fala dos veranistas. Em contrapartida, os moradores da Ilha Alta rural (*Up-Island*), sobretudo os chilmarkenses, são mais conservadores e têm olhado com reprovção a atividade turística na região. Assim, na tentativa de preservarem a identidade local, eles tendem a centralizar os ditongos o que é uma marca linguística proveniente da geração mais velha.

Ainda de acordo com Labov (1972/2008), são os mais jovens de ascendência inglesa, os que mais apresentam centralização. Ao que tudo indica, eles procuram se espelhar em seus ancestrais e nos moradores da Ilha Alta, sobretudo, nos pescadores de Chilmark que, por sua vez, parecem ser mais

independentes, habilidosos com vários tipos de ferramentas e equipamentos, sem papas na língua, corajosos e fortes fisicamente. Mais importante ainda, carregam consigo a convicção permanente de que a ilha pertence a eles. Se alguém pretender permanecer na ilha, esse modo estará sempre presente em sua mente. Se pretender partir, adotará um grupo de referência do continente, e a influência dos antepassados diminuirá consideravelmente. O efeito diferencial no grau de centralização usado é resultado direto dessa oposição de valores. (LABOV, 1972/2008, p. 58)

Em suma, os estudos de Labov (1966) contribuíram muito para o avanço da sociolinguística. Por meio de suas pesquisas descobriu-se que a variação não é aleatória sendo, portanto, influenciada por diversos fatores sociais tais como *classe social, escolaridade, faixa etária, sexo, ocupação, distribuição geográfica* entre outros. Portanto, é por esta razão, que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.” (LABOV, 1972/2008 p. 21). Esse é, inclusive, um dos motivos pelos quais Saussure não conseguiu explicar o processo de mudança linguística.

Sobre o comportamento verbal do falante, vale dizer que esse é reflexo do meio com o qual ele tem contato. Igualmente deste modo, os membros de uma determinada comunidade de fala tendem a usar as variantes típicas do grupo com o qual se identifica, (WIEDEMER, 2008). No entanto, é importante salientar que embora os traços linguísticos compartilhados funcionem como uma “digital” do grupo, ainda assim, não se pode definir uma comunidade de fala simplesmente pelos elementos linguísticos partilhados. A esse respeito, Labov (1972/2008, p. 150) explica que:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

Por outro lado, conforme demonstrou Labov (1966), por meio do estudo detalhado da comunidade de fala torna-se possível verificar quais traços linguísticos são positivados por seus falantes e quais são negativados, sendo naturalmente evitados. Ademais, também é possível averiguar o motivo pelo qual alguns falantes escolhem uma forma e não outra e quais fatores condicionadores estão por trás dos fenômenos de mudança e variação.

Dentre os fatores condicionadores que podem influenciar a escolha do falante por determinada variante, estão:

a) Gênero

Conforme já verificado em diversas pesquisas, como em Ferreira (2010), Oliveira (2012), Paz (2013), entre outros, as mulheres tendem a ser mais conservadoras preferindo as formas de maior prestígio social. Esse comportamento linguístico diferenciado é fruto de uma tradição herdada de geração em geração no qual é dever da mulher ter uma conduta correta, discreta e recatada, e isso inclui sua linguagem. Em vista disso, é esperado que as mulheres se portem de maneira distinta dos homens. A esse respeito, Vieira (2011, p.8) explica que:

Da mesma forma que se espera das mulheres uma linguagem mais polida, parece normal que os homens sejam rudes e até mesmo obscenos linguisticamente. A fala é a materialização dessas imposições sociais: mulheres e homens falam de formas distintas porque adotam as variantes e as identidades linguísticas que julgam mais adequadas a seus sexos.

b) Faixa Etária

Por meio do estudo de diferentes faixas etárias é possível perceber se as ocorrências analisadas revelam mudança linguística em curso, onde geralmente uma variante desaparece, ou se indicam variação estável. No caso de mudança, as variantes inovadoras tendem a ser mais frequentes na fala dos jovens, motivo pelo qual eles tendem a liderar o processo de mudança. Os idosos são os últimos a serem alcançados pelo processo. Em contrapartida, no caso da variação estável, as variantes inovadoras tendem a ser mais recorrentes na fala dos jovens e idosos. Os adultos, por estarem inseridos no mercado de trabalho, apresentam em menor frequência as variantes tidas como inovadoras.

c) Estilo de Fala

Segundo Labov (1972/2008), não existe falante com estilo único de fala, o que significa dizer que um mesmo falante pode apresentar alternância de estilo. Assim, em uma determinada situação, ele pode apresentar fala mais cuidada, um estilo mais formal, enquanto, em outra pode manifestar uma fala menos monitorada, num estilo mais informal. Tudo dependerá do contexto social e do nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável. A respeito da alternância de estilo, Bueno e Martins (2011, p. 6) explicam que:

um falante aplica as regras em situações que exijam mais formalidade, porque o assunto ou a pessoa com quem fala exige um tratamento mais formal, selecionando um estilo monitorado. E em situações mais descontraídas, o falante vai sentir-se mais relaxado e pode até usar um estilo mais informal.

Portanto, várias são as situações que podem influenciar no estilo de fala apresentado pelo falante como o tema abordado, o contexto social no qual está inserido e a relação de proximidade ou distanciamento entre os interlocutores. Dessa forma, pode-se dizer que o falante tende a adaptar seu estilo de fala conforme o tipo de situação. Logo, em situações formais o falante passa a prestar mais atenção à própria fala, optando, assim, pelas formas de maior prestígio social. Isso é observado, sobretudo, nas falas dos indivíduos com maior nível de escolaridade, pertencentes às classes mais altas. Já nas situações informais, os falantes tendem a apresentar fala menos monitorada e mais espontânea, favorecendo, assim, o uso das variantes de menor prestígio.

Vale dizer que mesmo em situações formais, os falantes das classes mais baixas tendem a apresentar um estilo de fala mais informal. Isso acontece devido ao fato de esses falantes manifestarem pouco domínio da norma padrão ensinada na escola. Por consequência disso, mesmo nas situações que exigem um maior controle da própria fala, esses falantes tendem a optar pelas variantes não padrão, socialmente consideradas como estigmatizadas.

d) Classe Social

Cada grupo social apresenta um comportamento diferenciado quanto a sua forma de falar. Em geral, o falante tende a optar por variantes típicas do grupo social do qual faz parte. Por conseguinte, falantes pertencentes às classes mais privilegiadas tendem a preferir as formas de maior prestígio social, enquanto, os falantes das classes mais baixas as formas menos prestigiadas. Conforme Bueno e Martins (2011, p.15)

Isto quer dizer que um indivíduo pertencente a uma classe social menos favorecida tem características de fala diferentes das de indivíduos de classes mais favorecidas. Acredita-se que as classes mais elevadas são detentoras da fala mais formal ou de prestígio, pois têm mais acesso aos bens culturais.

Não é exagero dizer que parte do juízo de valor atribuído ao indivíduo é geralmente determinado socialmente. No campo da linguagem não é diferente. Conforme se observa, “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, p. 4).

Dessa forma, como em uma comunidade de fala é comum ver formas variantes em competição, que são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, o valor atribuído a cada variante acaba sendo determinado socialmente. Como resultado, uma variante pode ser considerada de prestígio, estigmatizada ou neutra.

As variantes de prestígio são aquelas usadas geralmente em situações formais, que exigem do falante maior atenção à própria fala, como em entrevistas de emprego ou no trabalho frente ao chefe. Os falantes com maior nível de escolaridade, pertencentes às classes mais privilegiadas da sociedade são os mais optantes pelas formas de maior prestígio. Ao que tudo indica, a opção pelas formas prestigiadas é, na verdade, uma tentativa de preservar o *status* social do falante dentro do grupo do qual faz parte.

Em contrapartida, as variantes estigmatizadas são aquelas evitadas nos estilos mais formais de fala. Essas variantes, por não estarem de acordo com a norma padrão, recebem, por fim, avaliação negativa por parte de alguns falantes do grupo social. De maneira geral, são os falantes das classes mais baixas os que mais exibem as formas estigmatizadas, ou não padrão. Esses falantes, geralmente por terem pouco ou nenhum acesso aos bens culturais e menor nível de escolaridade, acabam por apresentar um conhecimento limitado quanto às formas prestigiadas, ensinadas na escola. Devido a isso, mesmo em situações formais de fala eles tendem a utilizar as formas não padrão, avaliadas socialmente como estigmatizadas.

Contudo, quando uma forma linguística passa despercebida pelos falantes, não sendo conferido a ela nenhum julgamento de valor, é sinal que a variante tornou-se neutra, (LABOV, 1972/2008).

Vale dizer, portanto, que o nível de consciência do falante quanto ao valor associado a determinada variante, se estigmatizada ou prestigiada, será a definição se tal variante é adequada ou não para determinada situação. Em geral, os falantes das classes mais altas, por apresentarem maior domínio da norma padrão, são mais resistentes ao uso das formas

estigmatizadas em situações formais de fala. No entanto, é importante salientar que o valor atribuído à variedade linguística não é orientado apenas pela classe social dos falantes, mas por uma série de outros fatores, tais como nível de escolaridade, gênero, profissão e até mesmo a naturalidade dos falantes.

e) Escolaridade

Socialmente falando, uma variedade é detentora de prestígio quando está de acordo com as regras da norma culta, explanada na escola e defendida pela elite, principal responsável por controlar e influenciar as relações sociais. Em função desta influência, tanto a mídia quanto os meios jurídicos, políticos e acadêmicos passaram, então, a adotar a variedade padrão como a única detentora de prestígio social. Com efeito, as demais variedades que fugirem do que é prescrito pela gramática normativa, são consideradas inferiores ou erradas.

Desta forma, sendo a escola a principal responsável por disseminar o uso da variedade padrão, quanto maior for o nível de escolaridade do falante, maior será sua preferência pelas formas prestigiadas. Consequentemente, os falantes das classes populares, com pouco ou nenhum acesso à escola, apresentarão domínio deficitário quanto às formas de prestígio. A esse respeito Camacho faz uma importante observação:

Em geral, indivíduos de baixa escolarização e que exercem atividades produtivas que não exigem senão habilidades manuais tendem a ser menos estimulados quanto à capacidade de operar com regras variáveis (ao menos no âmbito de seu trabalho). Nesse caso, como lhe foram vedadas as possibilidades de adaptar seu estilo às circunstâncias de interação, a variedade que usam acaba representando uma poderosa barreira para toda possibilidade de ascensão social que depender de capacidade verbal. (CAMACHO 2011, p 43)

Consequentemente, isto contribuirá para que a variedade linguística usada por tais falantes seja depreciada pelos falantes que apresentam maior nível de escolaridade. Portanto, devido o fato de a variedade padrão servir como referência para todas as formas de expressão, os falantes acabam sendo julgados quanto à “conformidade ou desvio em relação a essa norma.” (CAMACHO, 2011, p. 46).

Desta forma, a inserção de fatores sociais na pesquisa sociolinguística é, portanto, justificada em função do seu importante papel enquanto possível influenciador da mudança/variação. Para mais, não resta dúvida que tais fatores possam auxiliar o pesquisador na compreensão e explicação dos fenômenos em variação.

3.2 Fonologia Autossegmental e Métrica

A Teoria Autossegmental, desenvolvida por (GOLDSMITH, 1976), é um modelo fonológico que visa representar e descrever os diversos fenômenos de natureza fonológica de uma língua. Este modelo atua levando em consideração tanto os aspectos segmentais quanto suprasegmentais da fala, como entoação, sílaba, acento e duração.

Na Fonologia Autossegmental os fonemas passam a ser analisados em camadas organizadas hierarquicamente. Conforme Carvalho (2015), a organização hierárquica dos autossegmentos se dá por meio de quatro constituintes silábicos, a saber:

- *onset* (O): elemento que antecede o núcleo silábico sendo formado por uma ou duas consoantes, como em: **bo**-ta ou **pris**-ma.
- Rima (R): elemento que precede o núcleo silábico, podendo dar origem à coda.
- Núcleo (N): elemento formado por uma ou duas vogais, como em: **mar** ou **pai**
- Coda (C): elemento preenchido por uma ou duas consoantes em posição pós vocálica, como em: per-na ou trans-pi-rar.

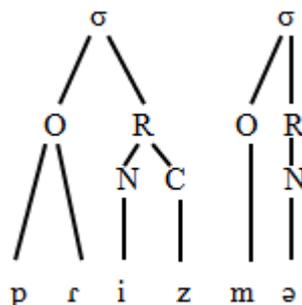
Vale destacar que a distribuição dos constituintes silábicos se dá por meio de uma estrutura arbórea, conforme verificado no esquema (1):

A- Prisma

Transcrição Fonética
[ˈpriz.mə]

Transcrição Fonológica
/ˈpriS.ma/

Esquema 1 - Representação da palavra *prisma*



Fonte: Elaborado pela Autora

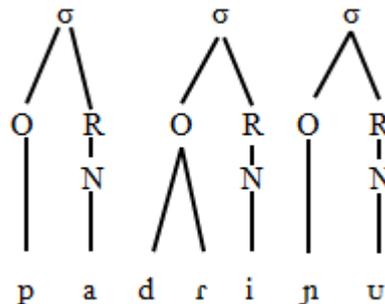
Decerto, por meio da Fonologia Autossegmental torna-se possível “analisar a estrutura interna da sílaba para encontrar os traços relevantes de seus componentes e identificar como esses traços segmentais combinam entre si para gerar variantes por meio dos processos fonológicos.” (MENDES, 2009, p. 56). Muitos autores utilizam a Teoria Autossegmental para explicar os diversos processos fonológicos, como os de nasalização, assimilação e enfraquecimento de sílaba.

Por meio desse modelo, portanto, é possível representar formalmente os traços que fazem parte dos segmentos de modo que nas regras fonológicas esses traços podem tanto funcionar de forma isolada quanto em um conjunto solidário, (BISOL, 2001). Na perspectiva da fonologia autossegmental, portanto, os traços encontram-se organizados hierarquicamente e podem ser compartilhados com outros segmentos da palavra. A esse respeito, Goldsmith (1976) verificou, por exemplo, que o apagamento de um segmento não resulta, necessariamente, na perda de todos os seus traços e que alguns traços podem, conseqüentemente, serem herdados por outros segmentos da palavra. Esse processo é verificado, por exemplo, na redução das palavras com seqüência final *-inho*, como observado abaixo:

B- padrinho

Transcrição Fonética
(forma plena)
[pa.'dri.nu]

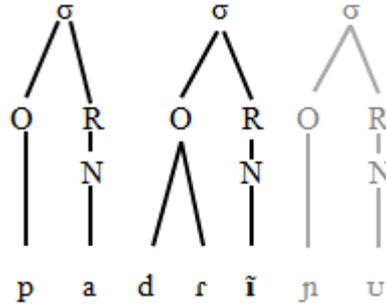
Esquema 2 - Representação da palavra *padrinho* (forma plena)



Fonte: Elaborado pela Autora

Transcrição Fonética
(redução)
[pa.'dri]

Esquema 3 - Representação do processo de redução da palavra *padrinho*



Fonte: Elaborado pela Autora

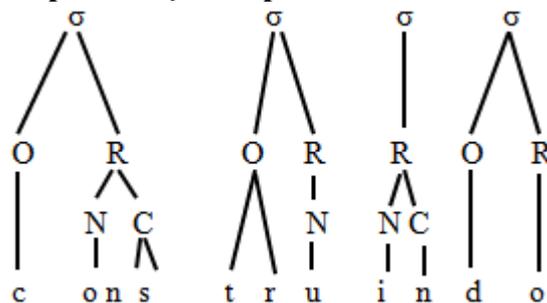
No esquema (2) a palavra “padrinho” está representada em sua forma plena (sem redução). Em seguida, no esquema (3) observa-se o apagamento da última sílaba átona [ɲu]. Embora não seja o intuito deste capítulo discutir os processos fonológicos que envolvem o apagamento da sílaba (até porque isso será abordado no capítulo 3) é interessante observar que o apagamento da sílaba final [ɲu] não implica na perda de todos os seus traços, uma vez que a vogal anterior /i/ acaba assimilando o traço [+ nasal] da consoante /ɲ/.

Outro processo que também pode ser facilmente descrito pela Teoria Autossegmental, é o de redução da sequência final [ndo], na qual a consoante oclusiva /d/ assimila o traço [+ nasal] da consoante /n/, conforme verificado abaixo:

C- construindo

Transcrição Fonética
(forma plena)
[kõs.tru'ĩ.du]

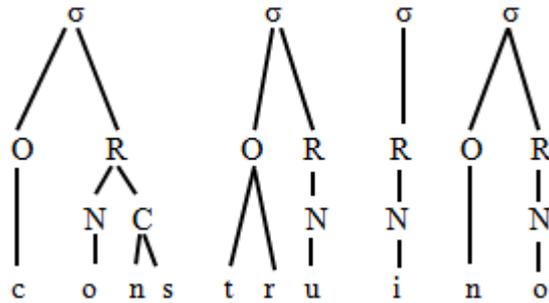
Esquema 4 - Representação da palavra *construindo* (forma plena)



Fonte: Elaborado pela Autora

Transcrição Fonética

(redução)
[kõs.tru'ĩ.nu]

Esquema 5 - Representação do processo de redução da palavra *construindo*

Fonte: Elaborado pela Autora

Como se pode observar nos exemplos B e C, o comportamento das assimilações é facilmente descrito pela Fonologia Autossegmental (HORA, VOGELY, 2017). Contudo, existem alguns casos, como os de enfraquecimento de sílaba, que não podem ser explicados unicamente por essa teoria. A esse respeito podemos citar o processo de haplologia que pode ser compreendido por meio de dois modelos teóricos: o métrico e o autossegmental.

A Teoria Métrica é aquela que lida com o ritmo da língua, sendo definida por Massini-Cagliari (1992) como a alternância entre sílabas acentuadas e não acentuadas. Com base na noção de ritmo estabelecida pela fonologia métrica, Selkirk (1984) propõe o Princípio de Alternância Rítmica (PAR), que define uma alternância entre sílabas fracas e fortes. Esse modelo prevê a estruturação da sílaba de modo a evitar o choque de acento (*clash*) e o lapso acentual (*lapse*), sendo o padrão ideal, aquele formado pela alternância entre sílabas acentuadas e não acentuadas, como verificado abaixo:

I) O menino *joga* bola...

Padrão Ideal

xx	x	xx	x	xx
me	ni	no	jo	ga

II) meni[-/] *joga*

Clash

...	x	x	...
me	ni	jo	ga

III) *Tudo de bom***Lapse**

... **xx** **xx**
 tu do de

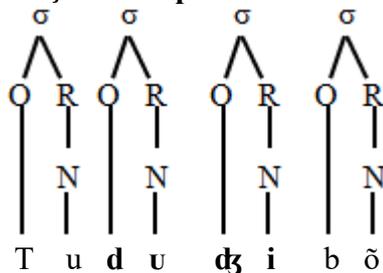
IV) *Tu[-] de bom***Padrão Ideal**

x **xx**
 tu de

Conforme verificado acima, os casos II e IV apresentam haplogogia, sendo que em II (*meni[-] joga*) ocorre um caso típico de *clash* e em IV (*tu[-] de bom*) um padrão ideal, no qual o processo de haplogogia evita o lapso acentual. Conforme prevê a Teoria Métrica, a sequência de acentos fracos tende a favorecer o apagamento de segmentos (MENDES, 2009). Isso é verificado, sobretudo, nos casos de haplogogia visto que ocorre “entre limites de palavras dentro da frase porque há uma sequência de sílabas frágeis adjacentes que favorecem o apagamento de sílabas.” (MENDES, 2009, p. 59) Vale ressaltar que nesse tipo de processo é aplicado tanto o PAR quanto o Princípio do Contorno Obrigatório (PCO) estabelecido pela Teoria Autossegmental, como verificado abaixo:

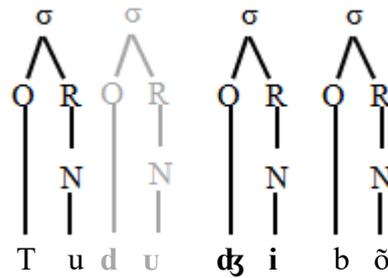
D- Tudo de bom

Transcrição Fonética
 (forma plena)
 [ˈtudu dʒi bõ]

Esquema 6 - Representação da expressão “tudo de bom” (forma plena)

Fonte: Elaborado pela Autora
 Transcrição Fonética
 (redução)
 [ˈtuØ dʒi bõ]

Esquema 7 - Representação do processo de redução da expressão “tudo de bom”



Fonte: Elaborado pela Autora

Enquanto o PAR prevê a alternância entre sílabas fortes e fracas, o PCO proíbe a sequência de duas sílabas adjacentes idênticas ou que apresentem traços semelhantes. “Essa restrição causa o cancelamento de vogais ou sílabas. Isso significa que esse princípio exerce influência na produção da haplologia.” (MENDES, 2009, p. 38). Assim, conforme verificado no esquema (7), a consoante oclusiva /d/ por apresentar traços semelhantes com a consoante adjacente [dʒ], tornou-se suscetível à atuação do PCO. Além do mais, por estar em posição fraca, à sílaba final [do] sofreu a haplologia. Em suma, os exemplos aqui apresentados demonstram o quanto a fonologia autossegmental e métrica podem ser úteis para explicar os diversos processos de redução fonológica observados no português brasileiro.

3.3 Revisão da Literatura

A seguir serão apresentados os principais trabalhos e discussões já feitas sobre os fenômenos aqui analisados. Para tanto, é importante esclarecer que, boa parte dos trabalhos aqui expostos, analisou o processo de redução tendo como base tanto os fatores linguísticos quanto os sociais.

3.3.1 Haplologia

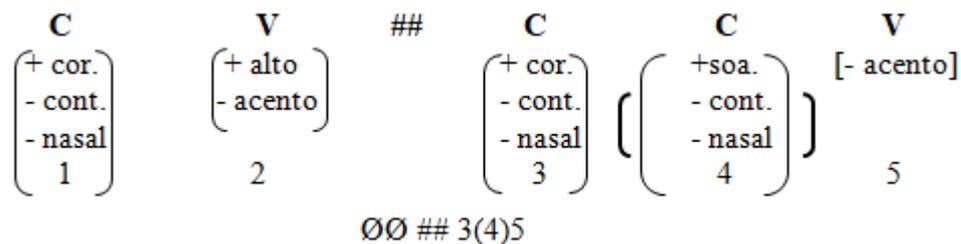
Vários estudos já foram realizados sobre a haplologia no PB, como os apresentados por Alkmim e Gomes (1982) e Pavezi (2006). Até então, nenhum ou poucos fatores sociais eram inseridos na análise do fenômeno. Contudo, é por meio dos estudos desenvolvidos por Mendes (2009) que a análise sociolinguística ganha destaque na investigação da haplologia, e é a partir daí que vários autores passam então a analisar o fenômeno, tendo como base tanto

os fatores linguísticos quanto sociais, como em Oliveira (2012), Paz (2013) e Evangelista (2018).

As primeiras a investigarem a haplogogia no PB foram Alkmim e Gomes (1982). Essas autoras analisaram o fenômeno no contexto: CV#C(C)V. Segundo elas, a haplogogia só ocorre quando ambas as sílabas da fronteira forem átonas e suas consoantes apresentarem traço [+coronal, -contínuo, -nasal] ou seja, /t/ e /d/. Além disso, a vogal da sílaba candidata ao apagamento deve ter o traço [+alto], isto é, /i/ ou /u/. Esses são, de acordo com as autoras, os únicos contextos propícios à ocorrência do fenômeno. Como exemplo podemos citar:

- 1) Eu tô falando de homem = falan[-] de *Casos de Família (CF)*
- 2) O que a gente teve de grande desafio = gran[-] desafio *Metrópolis (Me)*
- 3) Estamos aqui a convite da ML = convi[-] da *Amaury Jr. (AJ)*
- 4) Muito dinheiro foi embora também. muito[-] de *Domingo Show(DS)*

Ainda de acordo com as autoras, só pode ser considerado como haplogogia o processo em que há a perda total da última sílaba átona da palavra. Os processos em que ocorre apenas o cancelamento da vogal não são, portanto, caracterizados como haplogogia. Como regra, Alkmim e Gomes (1982, p.51) apresentam o fenômeno da seguinte maneira:



Essa regra, contudo, se torna extremamente limitada quando observamos os casos de haplogogia na mídia falada. Nos programas televisivos, analisados nesta pesquisa, os falantes apresentam o fenômeno em contextos muito mais amplos, atingindo, por exemplo, consoantes com traços fonológicos bem diferentes, como mostrado a seguir:

- 5) ... essa meni[-] **que** tá grávida... (menina que) _ (*CF*)
- 6) já provocou um grande cho[-], **foi** inclusive premiado... (choque foi) _ (*Me*)

Conforme observado no exemplo (5), houve caso de haplogogia com consoante [+nasal]. Também foram encontrados casos de apagamento entre sílaba final átona seguida de sílaba inicial tônica, como mostrado no exemplo (6), contradizendo assim, o que dizem as autoras.

Battisti (2005) aborda a haplologia nos mesmos contextos segmentais defendidos por Alkmim e Gomes (1982), ou seja, aqueles formados pelas consoantes /t/ e /d/. Em sua pesquisa, a autora utiliza dados de fala de informantes de Porto Alegre, Rio Grande do sul, coletados por meio de entrevista sociolinguística e considera, além dos fatores linguísticos, dois fatores sociais: *sexo* (masculino e feminino) e *idade* (25 a 49 anos, 50 a 69 anos e 70 anos acima).

Por meio dos resultados, Battisti (2005) chega à conclusão que as sílabas com vogais idênticas tendem a favorecer mais a realização do fenômeno. Além disso, ela explica que, embora os contextos formados pelas consoantes /t/ e /d/ privilegiem a regra de haplologia, ainda assim, esses não são os únicos contextos consonantais favorecedores do fenômeno, opondo-se, então, à visão de Alkmim e Gomes (1982). A autora também salienta que as variáveis gênero e idade dos informantes não desempenham papel relevante na realização do fenômeno, uma vez que, segundo ela, a haplologia está condicionada a fatores linguísticos e não sociais.

Já Pavezi (2006) investiga o fenômeno com base em amostras de fala espontânea de falantes da capital de São Paulo e interior. Em sua análise considera os mesmos contextos segmentais defendidos por Alkmim e Gomes (1982), porque, segundo ela, são os que mais favorecem a realização da haplologia. Dentre os contextos mais produtivos, conforme a autora, estão aqueles formados pelas consoantes /d/#/d/. Contudo ela reconhece a possibilidade de o fenômeno ocorrer também em outros contextos.

Em sua pesquisa Pavezi (2006) igualmente analisa a variável '*velocidade de fala*' e, de acordo com a pesquisadora, a velocidade andante, ou seja, aquela que apresenta uma fala mais pausada, bloqueia consideravelmente a realização do fenômeno. Logo, acordo com a autora, mesmo nos casos em que ambas as sílabas da fronteira sejam propícias à ocorrência de haplologia, se essas estiverem em um contexto de fala pausada, da mesma maneira o fenômeno tenderá a ser bloqueado.

Mendes (2009) observa o fenômeno no âmbito da sentença na fala dos belo-horizontinos. Em sua pesquisa ela verifica quais fatores linguísticos e sociais podem favorecer ou desfavorecer a aplicação do fenômeno. Entre os fatores sociais abordados por ela estão: gênero, faixa etária, escolaridade, classe social e estilo de fala. Conforme a autora, os grupos de fatores gênero e classe social não são relevantes na realização do fenômeno. Por outro lado, ela explica que o fator faixa etária é propício à aplicação da regra, uma vez que sua ocorrência é observada em todas as faixas etárias, sobretudo entre as idades de 31 a 45 anos. A autora também salienta que o fenômeno é mais recorrente entre os estilos de fala informal,

sendo praticamente evitado nos contextos mais formais de fala. Além disso, ela esclarece que os falantes com baixo nível de escolaridade tendem a realizar mais haplologia que falantes com nível mais alto de escolaridade. Assim sendo, de acordo com a autora, os fatores faixa etária, escolaridade e estilo de fala tendem a interferir no processo.

Mendes (2009) também analisa se o fator velocidade de fala exerce influência na ocorrência da haplologia e, de acordo com ela, é nas falas aceleradas a maior recorrência do fenômeno. Todavia, ela explica que isso não impede a ocorrência da haplologia nos demais ritmos de fala, como na pausada ou na lenta, contrapondo, assim, Pavezi (2006). Contudo vale destacar que esse grupo de fatores não foi selecionado pelo *step up* do *Varbrul* como relevante para a aplicação do fenômeno.

De acordo com Oliveira (2012), a velocidade de fala é fator relevante no cancelamento da sílaba átona final em contexto CV. Como descrito pelo autor “Quanto mais rápida a fala, mais segmentos são apagados.” (OLIVEIRA, 2012, p.261). Vale dizer que, assim como Mendes (2009), o autor igualmente analisa se as variáveis sociais, gênero e faixa etária, apresentam significância no processo de apagamento da sílaba. Os dados por ele apresentados revelaram resultados opostos aos de Mendes (2009). Por meio da análise da fala de Itaúna, MG, o autor verificou que os homens são mais favorecedores do fenômeno que as mulheres. Em contrapartida, o fator faixa etária não se mostrou significativa para o processo.

Paz (2013) analisa o fenômeno nos contextos CV # CV e CCV # C(C)V na fala espontânea de cidadãos paraenses. Por meio da pesquisa a autora observou que os contextos formados pela estrutura CCV-C(C)V (como em *litro de*) são os que mais favorecem a ocorrência da haplologia. Outro fator observado pela autora foi a qualidade das vogais das sílabas candidatas ao apagamento e, segundo ela, os contextos com vogais parecidas foram os que mais favoreceram ao fenômeno. Ainda de acordo com Paz (2013), a haplologia tende a atingir com maior frequência as sílabas com fronteiras átonas – átonas, sendo que, as fronteiras átonas – tônicas são as que menos apresentam o fenômeno.

Assim como outros autores, Paz (2013) também analisa se as variáveis sociais, escolaridade, sexo e faixa etária, apresentam significância no processo em análise. Conforme a autora, os grupos de fatores escolaridade e sexo mostraram se favoráveis à ocorrência da haplologia. Em virtude disso, os homens com baixo nível educacional, sobretudo os não escolarizados, tendem a realizar mais o fenômeno. Vale dizer que, assim como Oliveira (2012), o grupo de fatores faixa etária não se mostrou relevante para o fenômeno.

Evangelista (2018) analisa o fenômeno da haplologia em programas de rádio e TV de Belo Horizonte, MG. Em sua pesquisa são observadas tanto as variáveis linguísticas

quanto as sociais. As variáveis sociais analisadas pela autora seguiram os mesmos pressupostos metodológicos escolhidos por Mendes (2009). No entanto, verificou-se que embora o discurso da mídia mineira favoreça a ocorrência da haplologia, tal como ocorre na fala coloquial ainda assim boa parte dos fatores sociais condicionadores do fenômeno na mídia falada não se mostraram relevantes no estudo realizado por Mendes (2009) em Belo Horizonte.

Conforme verificado em Evangelista (2018), o fator escolaridade não contribuiu para a aplicação da regra variável, sendo excluído pelo programa. Em contrapartida, no estudo realizado por Mendes (2009), os três níveis de escolaridade, *fundamental*, *médio e superior* mostraram-se relevantes para o fenômeno, sendo os falantes com nível superior os que menos realizam haplologia. Ainda conforme Mendes (2009), o estilo de fala informal favorece significativamente a realização da haplologia na fala dos belo-horizontinos. Contudo, no caso da mídia mineira, esse grupo não teve significância.

Há ainda outro grupo que merece destaque: o de velocidade de fala. De acordo com Evangelista (2018), a fala rápida é a que mais interfere no processo de cancelamento da sílaba átona final. Conforme os dados da pesquisa, a fala acelerada foi a que mais favoreceu ao fenômeno, com peso relativo (0,89), contra (0,32) da fala lenta. Mendes (2009) confirma essa tendência. Segundo a autora, o fenômeno ocorre em qualquer velocidade de fala, seja ela rápida (0,59), pausada (0,53) ou normal (0,52), sendo a acelerada a que mais favorece a aplicação da regra. Porém, esse grupo de fatores não se mostrou significativo no estudo da haplologia na fala dos belo-horizontinos.

Por fim, o único grupo de fatores considerado em ambas as pesquisas como relevante para o fenômeno foi o de *faixa etária*. Conforme observado por Evangelista (2018), no caso da mídia o fenômeno é mais recorrente nos falantes mais velhos, acima de 46 anos. Já em Mendes (2009) a faixa etária que mais realizou haplologia foi a de 31 a 45 anos. Vale dizer que em ambas as pesquisas o fator *gênero* não se mostrou relevante para o fenômeno.

No que se refere aos gêneros de programa mais propensos à ocorrência da haplologia estão, segundo Evangelista (2018), os gêneros *variedade* e *esportivo*, todos pertencentes à categoria entretenimento. Conforme propõe a autora, os programas ligados ao entretenimento, por utilizarem uma fala mais espontânea, tendem a favorecer o estilo de fala mais informal, o que contribui com as formas inovadoras. Já o contexto fonético mais propício ao cancelamento da sílaba, é de acordo com a autora, aquele formado pelas consoantes africadas [tʃ] e [dʃ].

3.3.2 Redução da Sequência NDO

Vários estudos foram realizados sobre a redução da sequência [ndo] para [no] no português brasileiro. Todavia, vale dizer que grande parte desses estudos estão focados na redução no gerúndio, e não em outras classes de palavras, como adjetivos, substantivos, advérbios, ou numerais. Ademais, são poucas as pesquisas dedicadas à investigação do fenômeno, de modo a considerar tanto os fatores linguísticos quanto os sociais. Nesta pesquisa, sobretudo, analisaremos o processo de redução da sequência [ndo] tanto enquanto morfema de gerúndio, quanto nas demais situações, tendo em vista não apenas os fatores linguísticos como também os sociais.

Conforme Bagno (2005), a redução da sequência [ndo] ocorre graças ao processo de assimilação do tipo $-nd- > -nn- > -n-$ e atinge especialmente os gerúndios. O autor ainda explica que este fenômeno é comum “em *todas* as variedades não-padrão do português brasileiro e até mesmo na fala descontraída de muitas pessoas das camadas urbanas cultas.” (BAGNO, 2005, p. 90). Contudo, ele esclarece que por ser uma característica da variedade não padrão, o fenômeno acaba sendo mais frequente entre os falantes da zona rural, contribuindo assim para o estigma por parte dos falantes das regiões urbanas.

Este fenômeno apresenta-se, portanto, como um caso de variação no português, sendo muito presente no falar dos brasileiros. Com efeito, vários pesquisadores já constataram a ocorrência do fenômeno em diversas regiões do Brasil, dentre os quais podemos citar: Cristófaros-Silva (1996), Ferreira (2010), Vieira (2011) e Almeida e Oliveira (2017).

Na visão de Cristófaros-Silva (1996), a redução da forma [ndo] para [no] só atinge o gerúndio, sendo nas demais classes de palavras bloqueado o processo. Conforme a autora, a queda da consoante /d/ na sequência [ndo] é opcional. Segundo ela, nos casos em que o processo ocorre, como em [falãnu], há um deslocamento da consoante /n/ que assume “a posição de consoante inicial da sílaba final.” (CRISTÓFARO-SILVA, 1996, p. 62). Em contrapeso, nos casos em que o processo não ocorre o /do/ mantém-se como sílaba final, tal como [falãdu]. A autora ainda salienta que em ambos os casos, a consoante /n/ nasaliza a vogal tônica precedente.

Ferreira (2010) observa o apagamento da consoante /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto, São Paulo. Em sua pesquisa, a autora avalia os fatores linguísticos e sociais que condicionam a aplicação da regra e, de acordo com ela, os contextos formados por justaposição são os que mais favorecem o fenômeno. Vale ressaltar que todas as

variáveis sociais analisadas por Ferreira (2010) foram escolhidas pelo *GoldVarb* como relevantes para o processo. Dessa forma, por meio dos dados verificou-se que os falantes mais jovens tendem a realizar mais o apagamento da consoante /d/ em gerúndio que os falantes mais velhos. A faixa etária mais propensa à aplicação da regra foi a de 26 a 35 anos. Além disso, conforme a pesquisadora, os homens tendem a realizar mais o fenômeno que as mulheres, sendo mais comum o processo de redução entre os falantes com nível de escolaridade menor.

Vieira (2011) verifica o processo de redução da consoante /d/ no grupo [ndo], na fala de moradores da região de Taboco, Mato Grosso do Sul. Em sua pesquisa, avalia como o fator gênero pode influenciar o uso de variantes linguísticas por parte dos homens e das mulheres. De acordo com a autora, a redução da forma [ndo] ocorre graças ao processo de assimilação do fonema /d/ pelo fonema /n/ e atinge não apenas ao gerúndio como também, em menor grau, a conjunção *quando*. Além disso, conforme verificado, esse fenômeno fonológico tende a ser mais recorrente na fala dos homens que das mulheres. Isso é, segundo a autora, reflexo das pressões sociais sofridas pelas mulheres ao longo dos anos. Assim, na tentativa de atender a essas “exigências sociais” elas acabam apresentando uma linguagem mais polida, optando assim pelas variantes de maior prestígio social.

Almeida e Oliveira (2017) avaliam o processo de apagamento da consoante /d/ em gerúndio no dialeto de Maceió, Alagoas. Conforme os autores, esse fenômeno de redução refere-se a um processo fonológico com interação com a morfologia, dado que ocorre no morfema de gerúndio [ndo], sendo sua ocorrência observada em diversas regiões do Brasil. De acordo com os autores, o apagamento do /d/ ocorre em maior frequência entre vocábulos extensos, formados por palavras polissílabas ou trissílabas. Além disso, eles também explicam que o contexto fonético seguinte, quando formado por vogal, é o que mais favorece a redução do gerúndio. Todavia, os autores também mostram que os contextos /t/, /d/, /n/, propícios a ocorrência de haplologia, são igualmente favoráveis ao apagamento da consoante /d/ em gerúndio.

3.3.3 Redução da Preposição PARA

No português brasileiro, assim como em qualquer outra língua, é possível perceber a ocorrência de formas variantes em competição, que são as maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa num mesmo contexto. Como exemplo podemos citar o caso da preposição *para*, que pode aparecer em sua forma reduzida como *pra* ou *pa*.

Conforme propõe Kleppa (2005), as preposições podem ser divididas em dois grupos: as não gramaticalizadas, formadas por preposições com valor semântico definido e que, portanto, não apresentam variação (tais como: *até, sobre, sob, entre e contra*), e as mais gramaticalizadas, formadas por preposições com valor semântico opaco, sendo abertas, portanto, ao processo de variação, dentre as quais estão: *para, por, com, em, de*. De acordo com a autora, essas preposições, que podem amalgamar-se a outros elementos linguísticos (como, por exemplo, a preposição *para*, que pode unir-se a outras unidades linguísticas, como artigos definidos e indefinidos, pronomes demonstrativos ou pessoais) estão sujeitas à variação na realização de suas formas.

Dessa forma, a sociolinguística entende a preposição *para* como uma variável que apresenta, portanto, três variantes *para > pra > pa*. Embora o uso das variantes *pra* e *pa* seja comum na língua falada, ainda assim a norma padrão estabelecida pelos gramáticos como modelo idealizado não as considera como formas legítimas. Consequentemente, a única forma reconhecida pela maioria das gramáticas como correta é a forma padrão *para*.

Todavia, o que seria “gramaticalmente correto” parece estar perdendo sua força, uma vez que a presença da variante *pra* em textos escritos, sobretudo em peças publicitárias, tem sido cada vez mais recorrente. Estudos sociolinguísticos apontam, inclusive, para o enfraquecimento da variante *para* na oralidade no português brasileiro. Ao que tudo indica, as demais variantes *pra* e *pa* estão ganhando força de modo a substituir a variante *para*.

Embora esse fenômeno de redução seja comum no PB, ainda assim existem poucas pesquisas abordando o tema, sobretudo na vertente da sociolinguística, dentre as quais podemos citar: Silva (2010), Marcato (2013) e Ferreira (2014).

Silva (2010) estuda o processo de redução da preposição *para* no falar de moradores de Araguatins, TO. Conforme a autora, a preposição *para* é um vocábulo dissílabo átono sujeito a dois processos de supressão. No primeiro ocorre uma síncope da vogal central /a/ ocasionando assim, o apagamento da vogal da primeira sílaba, como em *para > pra*. No segundo há outro processo de síncope, no qual a vibrante /r/ é apagada, acarretando mudança na estrutura da sílaba como em *pra > pa*. Logo, após o processo de redução fonológica, a preposição *para*, que antes era um vocábulo dissílabo, transforma-se em monossílabo.

Ainda de acordo com Silva (2010), o contexto fonológico da palavra seguinte que mais favorece a realização da variante *pra* é aquele formado pelas vogais posteriores (com peso relativo 0,66), anteriores (0,60) e consoantes dorsais (0,53). Em contrapartida, a vogal central é a que mais contribui para a realização da forma *pa*. Além disso, a autora ainda explica que a realização da variante *pra* é mais recorrente entre os falantes com maior nível de

escolaridade, ao passo que a variante *pa* é mais predominante entre os falantes menos escolarizados. Ela salienta que a redução fonológica da preposição é mais produtiva entre os falantes mais jovens, com idade entre 15 a 25 anos.

Marcato (2013) avalia o comportamento prosódico de algumas preposições, sobretudo da preposição *para* no dialeto de São José do Rio Preto, SP. Conforme a autora, a preposição *para* é um clítico dissilábico que ao passar pelo processo de redução fonológica torna-se um clítico monossilábico, *pra* > *pa*. Em sua análise a autora verifica os processos de sândi vocálico externo, a que estão sujeitas as preposições, bem como os contextos favorecedores para a aplicação da regra.

De acordo com a autora, na maioria dos casos em que a preposição *para* vem seguida de *item lexical* formado por vogal alta, há formação de ditongo, como em *pra [i]studar*. Em relação ao processo de elisão Marcato explica que o contexto mais favorecedor para a regra é aquele formado pela preposição *para* + *item gramatical desacentuado*, como em *prao _ pro*; nos casos em que a preposição *para* é seguida por *item lexical* o fenômeno de elisão é bloqueado, como em *pra informar _ *prinformar*. Vale ressaltar que a sequência *para* foi a de maior favorecimento à aplicação da regra, realizando-se como *pr[u]*, em 93,37% dos dados. Ainda de acordo com Marcato (2013), falantes com nível superior e idosos tendem a preferir o uso da forma de maior prestígio social, *para*, enquanto que os falantes mais jovens tendem a ser mais favoráveis ao uso das variantes inovadoras *pra* e *pa*.

Ferreira (2014) analisa as variantes da preposição *para* na fala de moradores de Londrina/PR. Nas palavras da autora, “quando a preposição *para* é realizada como *pra* ou *pa*, esta forma reduz-se a uma sílaba com alteração de acento, tornando-se um clítico” (FERREIRA, 2014, p. 12). Esse pensamento vai em oposição ao que dizem alguns autores que consideram como clítico as palavras funcionais, dentre elas a preposição *para* e suas variantes. Conforme a pesquisa realizada pela autora, as classes de palavra não pertencentes a verbos ou a nomes são as mais propensas à realização da forma *pra*, o que pode ser indício, segundo a pesquisadora, de que a forma reduzida *pra* não necessite estar conectada a uma palavra lexical.

Ainda de acordo com Ferreira (2014), as mulheres tendem a optar mais que os homens pelas variantes consideradas inovadoras. Contudo, quando uma variante inovadora é socialmente considerada como desprestigiada elas pendem a rejeitá-la. Logo, conforme verificado em sua pesquisa, houve um favorecimento da variante *pra* entre as mulheres mais jovens e da variante *pa* entre os homens. Seguindo as conclusões da autora, o fato de as mulheres evitarem o uso da variante *pa* pode ser sinal que tal variante seja desprestigiada

socialmente. Ainda explica que, diante de todas as variantes *para* > *pra* > *pa*, a forma *pra* é a de uso mais frequente.

3.3.4 Redução da Sequência Final (Z)INHO

Embora o processo de redução da forma (Z)INHO seja comum no português brasileiro, existem poucas pesquisas abordando a redução dessa forma em palavras monomorfêmicas, como viZINHO, espINHO, nINHO e moINHO. À vista disso, boa parte das pesquisas dedicam-se, exclusivamente, ao estudo do sufixo diminutivo (Z)INHO em palavras bimorfêmicas, como em Felice (2011) e Rodrigues (2015).

Dentre os estudos que abordam o sufixo diminutivo (Z)INHO está o de Lee (1999), que considera as duas formas de sufixação, *-zinho(a)* e *-inho(a)* em diminutivos no português brasileiro (doravante PB). De acordo com a visão do autor, *-inho* é um sufixo e *-zinho* é uma palavra fonológica. O autor cita exemplos como: a mesa^N > a mesinha^N / _/_ velho^A > velhinho^A / _/_ o dente > o dentinho para mostrar que o traço do radical é que vai determinar a categoria lexical e o gênero das palavras resultantes do acréscimo dos sufixos diminutivo *-zinho(a)* ou *-inho(a)*. Isso reforça a ideia de que tais sufixos não apresentam traço de categoria e gênero. Isso é, segundo o autor, o que os diferencia dos sufixos derivacionais, uma vez que nos processos derivacionais a categoria lexical e o gênero são determinados pelo constituinte à direita, como em: a casa > o caseiro / _/_ o livro > a livraria. Ademais, o autor explica que o sufixo *-zinho* é acrescentado a base do diminutivo quando em palavra proparoxítona ou palavra com sílaba final tônica, como em: número = numerozinho / judeu = judeuzinho. Em contrapartida, o sufixo *-inho* é, segundo ele, acrescentado a radicais que tenham as vogais temáticas (-a, -e, -o), como em: bonita = bonitinha / velho = velhinho.

Felice (2011) realiza um estudo variacionista da redução da forma (z)inho no falar de moradores de Uberlândia, MG. Conforme o autor, a redução do sufixo diminutivo *-zinho* (considerado como forma padrão), para *-(z)im* (forma não padrão) é motivada por fatores tanto linguísticos quanto sociais. Dessa forma, ele explica que as palavras derivadas com a forma *-inho* favorecem mais ao processo de redução ante a forma *-zinho*. Para mais, o segmento final da palavra primitiva que mais favorece a redução da forma (z)inho é, segundo o autor, aquele formado pelas sílabas finais leves, ou seja, pelas vogais finais átonas.

Vale destacar, ainda que, as únicas variáveis sociais relevantes à aplicação da regra foram sexo e idade dos informantes. Conforme Felice (2011), os homens favorecem mais o uso da forma (z)im que as mulheres. Além do mais, explica que esse fenômeno de redução é

mais frequente entre os falantes mais velhos, podendo ser indício, segundo o autor, que essa seja a estrutura mais antiga.

Rodrigues (2015) verifica o fenômeno de redução da vogal final em palavras com os sufixos *-inho* (*im*) e *-zinho* (*zim*) no dialeto das cidades de Mariana e Piranga, MG. A autora notou que, a presença do sufixo diminutivo não altera a categoria sintática do item ao qual se liga, como em *sala* / *salinha* ou *pouco* / *pouquinho*. Em virtude disso, substantivo se mantém como substantivo e advérbio como advérbio. Em relação à interpretação semântica explica que, a inserção do sufixo *-inho* a um item lexical não está limitada apenas à ideia de diminuição, como também de piedade, afetividade, ironia, entre outros. Ademais, explana que o acréscimo do sufixo (*z*)*inho* na palavra primitiva faz com que a sílaba tônica dessa palavra mude para a penúltima sílaba do sufixo. Consequentemente, se houver redução, o acento migra novamente para a última sílaba da palavra, como verificado a seguir: ra**PAZ** _ raPAZ**i**inho _ raPAZ**i**m.

No tocante à redução fonológica do diminutivo, Rodrigues (2015) afirma que o uso das variantes *-zim* e *-im* (como em *cafezim* ou *meninim*) é maior na zona rural que na urbana. Isso demonstra que o espaço geográfico no qual o falante está inserido pode exercer influência sobre o processo de redução do sufixo (*z*)*inho*. Além disso, ela similarmente esclarece que as mulheres tendem a ser mais resistentes ao uso da forma reduzida ante aos homens. Continuando com o raciocínio da autora, ao contrário do que se pensa, as bases adjetivas não favorecem a redução do diminutivo. Em suma, explica que a probabilidade de redução do sufixo (*z*)*inho* é maior em advérbios do que em adjetivos ou nomes. A pesquisadora esclarece ainda que tal processo de redução está ligado tanto aos fatores linguísticos quanto aos sociais, concordando assim com Felice (2011).

No próximo capítulo retomamos cada uma das variáveis consideradas neste trabalho.

4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E REGRAS FONOLÓGICAS

Nesta pesquisa examinamos os processos de redução fonológica retirados de gravações de programas de entretenimento da TV aberta brasileira. As variáveis linguísticas analisadas por esta pesquisa são: Haplologia, redução da sequência [ndo], redução da preposição PARA e a redução da sequência final (Z)INHO. Com o intuito de melhor definir o processo de redução dos fenômenos aqui analisados, optamos por elaborar uma regra para cada variável, conforme se verifica a seguir.

4.1 Haplologia

Nesta pesquisa foram encontrados vários contextos favorecedores para a ocorrência da haplologia. Com base nesses contextos elaboramos uma regra que caracterize o fenômeno em questão.

Como já definido por alguns autores, a exemplo de Mendes (2009) e Evangelista (2018), a haplologia é um fenômeno fonológico que resulta no apagamento da última sílaba átona da palavra, quando essa estiver seguida por sílaba átona inicial de outra palavra. Do ponto de vista de Alkmim e Gomes (1982), a haplologia só ocorre quando ambas as sílabas da fronteira forem átonas e suas consoantes apresentarem traço [+coronal, -contínuo, -nasal], ou seja, /t/ e /d/. Nesta pesquisa, contudo, observamos contextos muito mais amplos de aplicação da regra, conforme se vê a seguir:

- 7) Três dias escondi[-] **dentro** de uma caixa! (escondido dentro) (CF)
- 8) Aí você se enga[-] **semp** tem um sapato velho... (engana sempre) (CF)
- 9) ...num tá com cabe[-] **feito**. (cabelo feito) (CF)
- 10) Eu percebi uma coisa: tá to[-] **mundo** de botina. (todo mundo) (DS)
- 11) Tu deu porrada em alguém por cau[-] **dele** ou não? (causa dele) (DS)
- 12) Os amigos que a gen[-] **tem** mais contato. (gente tem) (AJ)

Com base nesses exemplos, podemos deduzir que a haplologia ocorre em muitos dos contextos consonantais. Além do que, é possível perceber casos de apagamento entre sílaba final átona seguida de sílaba inicial tônica (-acento ## +acento). Isso comprova o que foi dito por Evangelista (2018): que a palavra seguinte, quando iniciada por sílaba tônica, também tende a cooperar para a realização do fenômeno. O que pode ser indício de que a haplologia

tenha expandido os contextos de sua aplicação, não limitando-se apenas ao contexto indicado por Alkmim e Gomes (1982).

A partir desse panorama, propomos então uma expansão do fenômeno. Dessa forma, consideramos como haplologia não só os casos de apagamento com contextos consonantais idênticos ou semelhantes, como em “*tudo de bom para tu[-] de bom*”, mas também os contextos formados por consoantes com traços fonológicos diferentes, como em: “*massa de tomate para mas[-] de tomate*”. A esse respeito, seguimos a mesma lógica apresentada por Mollica (1996) e consideramos os casos de crase e haplologia como sendo um único fenômeno, como no exemplo a seguir: “...e me dá *carin[-] também* (carinho também)”. Posto isto, podemos representar a haplologia por meio da seguinte regra:

Regra 1: Haplologia

$$C(C)V [-\text{acento}] \#\# \longrightarrow \langle \emptyset \rangle / _ \#\# C$$

Fonte: Elaborado pela Autora

Em concordância com o verificado na regra acima, a última sílaba átona de uma palavra tende a cair quando seguida por outra palavra iniciada por consoante. Logo, por assumir posição fraca, a última sílaba torna-se enfraquecida favorecendo, então, a aplicação da regra.

4.2 Redução da Sequência NDO

Com base nos dados coletados observamos que o apagamento da oclusiva /d/ na sequência [ndo] tende a ser favorecida quando essa sequência remete ao morfema de gerúndio, conforme verificado nos exemplos abaixo:

- 13) Tamo constui[no] uma ota casa e tal. (construindo) (CF)
- 14) As menina acha que tá ostenta[no] que tá cheio dos dinheiro. (ostentando) (CF)
- 15) Ah, cê é loco! Trabaia não rapa tá fica[no] louco? (ficando) (DS)
- 16) Os fabricante ficava disputa[no] um com o outro. (disputando) (DS)
- 17) Eu tô faze[no] posts semanais no You Tube. (fazendo) (AJ)
- 18) Tá da[no] pa enxergar o rosto da ML? (dano) (AJ)
- 19) Vai se separa[no] dessa tradição. (separando) (Me)
- 20) Tavam tenta[no] cruzar uma fronteira. (tentando) (Me)

Decerto, há duas análises possíveis para esse processo de redução. O primeiro é por assimilação, no qual a consoante oclusiva /d/ assimila traços da consoante [+ nasal] /n/ (*nd* > *nn* > *n*) (BAGNO 2000). Esse processo conhecido por assimilação atinge a forma [ndo] em gerúndio. Contudo, nos casos em que o item [ndo] está ligado a primeira pessoa do verbo, como em: vendo **veno* (do verbo vender) / prendo **preno*-(do verbo prender) e aprendo **apreno* (do verbo aprender), o processo é bloqueado, (FERREIRA, 2010).

A segunda análise possível, refere-se ao processo de redução da sequência [ndo] como cancelamento. Como salienta Cristófaros-Silva (1996), nas sequências consonantais heterossilábicas em que ocorre a consoante nasal /n/, a segunda consoante da sequência, [nd] é cancelada opcionalmente (*nd* > *nØ* > *n*).

Com efeito, podemos representar o fenômeno por meio da seguinte regra:

Regra 2: Redução da sequência [ndo]

$$[\text{ndo}] \## \longrightarrow \langle \text{no} \rangle / \underline{\hspace{2cm}} \##$$

< + gerúndio >

Fonte: Elaborado pela Autora

Com base na regra acima podemos compreender que o processo de redução da sequência [ndo] é favorecido em gerúndio. No entanto, igualmente pode ocorrer em outros casos. Nesta pesquisa observamos inclusive casos isolados de redução da sequência [ndo] em algumas palavras como mundo – *munno* / segundo – *segunno* / quando – *quanno*. Como explicação para esses casos isolados podemos dizer que, por apresentarem encontros consonantais heterossilábicos do tipo (/n/ \$ C), (CRISTÓFARO-SILVA 2000), houve o cancelamento da oclusiva /d/. Além disso, por estar em uma sílaba fraca, a oclusiva /d/ torna-se suscetível ao processo de redução.

Esse achado, todavia, contrapõe a visão de Ferreira (2010), a qual considera apenas a forma verbal de gerúndio como sendo suscetível à aplicação da regra. Contudo, vale dizer que, os únicos programas a apresentarem redução da forma [ndo] em não gerúndio, foram *Casos de Família* e *Domingo Show*, conforme verificado abaixo:

- 21) Meu segu[no] casamento. (segundo) (CF)
- 22) Aí qua[no] nós chegamo da igreja. (quando) (CF)
- 23) Qua[no] a mulher separa a primeira coisa que... (quando) (CF)
- 24) Tá todo mu[no] comentano. (mundo) (DS)

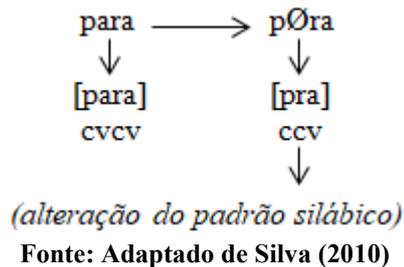
- 25) Então, o segu[no] já tá feito. (segundo) (DS)
 26) Todo mu[no] gosta dele. (mundo) (DS)

4.3 Redução da Preposição PARA

Conforme já observado anteriormente, a variável PARA apresenta três variantes, a saber: PARA > PRA > PA, no qual “*para*” é um vocábulo dissílabo átono considerado como forma padrão e as demais variantes, “*pra*” e “*pa*”, vocábulos monossílabos átonos, não padrão. Sociolinguisticamente falando, a variante “*para*” é considerada como de prestígio, enquanto que “*pra*” é neutra e “*pa*” é estigmatizada.

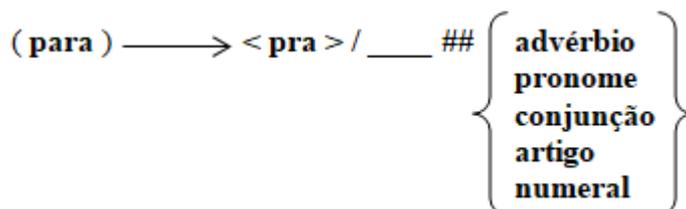
Ao passar pelo processo de redução, a preposição “*para*” é submetida a dois processos de supressão. No primeiro há a síncope da vogal central /a/ localizada na primeira sílaba da preposição “*para*”, resultando assim na forma “*pra*”, (SILVA, 2010), como verificado abaixo:

Esquema 8 - Representação do processo de redução da preposição PARA (*para* > *pra*)



Nesta pesquisa observamos que a preposição “*para*” tende a ser reduzida para a forma “*pra*” quando seguida por advérbio, pronome, conjunção preposição ou artigo. Como regra, representamos este processo da seguinte forma:

Regra 3: Redução da preposição PARA (*para* > *pra*)



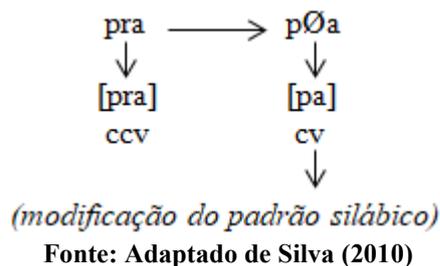
Fonte: Elaborado pela Autora

A seguir serão expostos alguns casos da forma reduzida “*pra*”:

- 27) Ele faz assim porque eu vou *pra* cima dele. (CF)
- 28) Meus negócio é só *pra* fora. (CF)
- 29) Num foi *pra* um, nem *pra* dois. (DS)
- 30) Olhei *pra* ele e falei. (DS)
- 31) Tem voo direto *pra* lá então. (AJ)
- 32) Estamos fazendo o máximo *pra* que cada ano... (AJ)
- 33) ... *Pra* que a história apareça. (Me)
- 34) E isso *pra* um autor de ficção é fundamental! (Me)

No segundo caso, a forma “*pra*” é submetida a outro processo de supressão, (SILVA, 2010). Nesta nova fase ocorre a síncope do tepe /r/, resultando, deste modo, na forma “*pa*”, como observado abaixo.

Esquema 9 - Representação do processo de redução da preposição PARA (*pra* > *pa*)



De acordo com o levantamento realizado nesta pesquisa, a preposição “*pra*” passa a “*pa*” quando seguida por palavra lexical (verbo e substantivo). À vista disto, podemos representar o processo de redução da variante “*pa*” da seguinte forma:

Regra 4: Redução da preposição PARA (*para* > *pa*)

$$(\text{para}) \longrightarrow \langle \text{pa} \rangle / ______ \#\#\ \left\{ \begin{array}{l} \text{verbo} \\ \text{substantivo} \end{array} \right\}$$

Fonte: Elaborado pela Autora

A seguir serão expostos casos da forma reduzida “*pa*”:

- 35) Vamo sair daqui e vamo *pa* praia. (CF)
- 36) Dou ideia *pa* pegar. (CF)

- 37) Dá pa passar por aqui, ou não? (DS)
 38) Nós fomo pa Recife quando tava dano... (DS)
 39) Se comparado com os EUA num dá pa comparar. (AJ)
 40) Eu peguei uma folha normal dei pra menina, pa babá e ela fez. (AJ)

É importante salientar que nesta pesquisa foram observados apenas seis casos com a variante “*para*”. Os únicos programas a apresentarem a preposição *para* em sua forma plena foram *Amaury Jr.* e *Metrópolis*. Desta forma, como o número de ocorrências da variante prestigiada “*para*” foi irrelevante, optamos então por considerar a variante *pra* como referência padrão e sua forma reduzida *pa* como variante inovadora não padrão, sendo a forma *pa*, a variante em foco nesta pesquisa. Os únicos casos observados da preposição *para* em sua forma plena foram:

- 41) Ou vai trabalhar *para* esta câmera. (AJ)
 42) Já marcaram o seu casamento *para* o mês de Setembro. (AJ)
 43) Só *para* lembrar, por favor! (AJ)
 44) *Para* lembrar a história dele não é? (AJ)
 45) A gente ia fazer um livro de fã *para* fã, entendeu? (Me)
 46) O que a gente teve de grande desafio *para* criar esse prédio... (Me)

4.4 Redução da Sequência Final (Z)INHO

Nesta pesquisa observamos que a ocorrência das formas *-inho* e *-zinho*, sobretudo, em diminutivos, não é realizada de forma aleatória. Há, sim, algumas palavras que podem aceitar ambos os sufixos, como é o caso das palavras “dente” ou “livro”, podendo manifestar-se como *dentinho* ou *dentezinho* / *livrinho* ou *livrozinho*. Porém, cabe lembrar que, embora aceitem as duas sequências, algumas palavras podem não apresentar a mesma conotação. Isso porque o valor de verdade pode mudar como verificado nos exemplos abaixo.

- | | |
|---|---|
| a) Esse <i>livrinho</i> é interessante! | c) Aquele é o <i>filhinho</i> de Maria. |
| b) Que <i>livrozinho</i> chato! | d) Esse seu <i>filhozinho</i> é muito levado! |

Note que nos exemplos (a) e (c) o sufixo *-inho* apresenta sentido de diminuição. No entanto, quando *-zinho* substitui o sufixo *-inho* pode indicar sentido pejorativo como

verificado em (b) e (d) . Em relação ao uso de ambos os sufixos em palavras como dente, livro e filho, é importante frisar que essas são algumas exceções, visto que em diminutivo a adição dos sufixos *-inho* ou *-zinho* à palavra base não é feita de forma aleatória, estando, portanto, sujeita a certas condições.

Em palavras terminadas com vogal átona, por exemplo, acrescenta-se o sufixo *-inho* à base, como em: **bolo** = **bolinho** / **pouco** = **pouquinho** / **doce** = **docinho**. Além disso, é interessante observar que a adição do sufixo *-inho* à base faz com que a vogal temática caia, como verificado em **bol[o]** _ **bol[-]inho** / **cop[o]** _ **cop[-]inho**. Segundo Teixeira (2011), esse processo, também conhecido como regra de truncamento da vogal temática, ocorre especificamente em sufixos iniciados por vogal, como é o caso de *-inho*.

Em contrapartida, verifica-se que o acréscimo do sufixo *-zinho* à base não traz nenhum prejuízo aos componentes da raiz. Desta maneira, diminutivos com *-zinho* permitem, por exemplo, que o morfema de plural se mantenha entre o radical derivacional e o sufixo. O mesmo não ocorre com o sufixo *-inho*, (LEE, 1999) conforme verificado abaixo:

- a) *-zinho* = **pães** / **pãezinhos**
 Hotéis/ **hoteizinhos**
 Pais / **paizinhos**
 Iguais / **iguaizinhos**
- b) *-inho* = **meninos** / ***meninosinhos**
 Camas / ***camasinhas**

Ademais podemos acrescentar *-zinho* em palavras terminadas com:

a) consoante:

anel = anelzinho	homem = homenzinho
amor = amorzinho	cantor = cantorzinho

b) ditongo:

pai = paizinho	chapéu = chapeuzinho
pão = pãozinho	avião = aviãozinho

c) vogal tônica:

café = cafezinho	guri = gurizinho
baú = bauzinho	irmã = irmãzinha

Convém dizer que a forma *-(z)inho* também pode ser reduzida às formas *-im* ou *-zim*, como em *caminho* = *camim* ou *celularzinho* = *celularzim*. Nesse processo, sobretudo em diminutivos, é difícil distinguir se há o apagamento da vogal ou da sílaba, conforme explica Oliveira (2012, p 246):

Nos diminutivos, identifica-se com clareza o apagamento da vogal (por meio de espectrogramas), mas a identificação do apagamento da consoante é dificultada pela semelhança da consoante nasal palatal com a vogal nasalizada [ɪ].

Não obstante, Oliveira (2012) avalia alguns casos de diminutivo no qual considera a forma plena (sem redução) e o apagamento, sem fazer, contudo, distinção entre o apagamento da vogal e apagamento da sílaba. De acordo com o autor, o apagamento da vogal final em diminutivos pode estar relacionado à altura da vogal seguida de pausa e consoante. Isso porque nas 34 ocorrências observadas de diminutivos com [ʊ], em 100% dos casos verificou-se o apagamento da vogal. Em contrapartida, nos diminutivos com [ə], a sílaba foi mantida. Entretanto, é importante destacar que a redução do sufixo *(z)inho* não está ligada exclusivamente ao gênero da palavra, já que o fenômeno também pode ocorrer em palavras sem flexão de gênero do tipo *bambuzinho* = *bambuzim* ou *capuchinho* = *capuchim*.

Neste fenômeno de redução verifica-se, portanto, a ocorrência de dois processos. No primeiro ocorre o apagamento da vogal final [ʊ], como em *caminho* > *caminhØ*. Assim, por estar em uma sílaba fraca a vogal posterior /o/ tende a ser apagada, resultando, então, na estrutura *(z)inhØ*. Em seguida ocorre o segundo processo, o de nasalização, no qual a vogal anterior [i] assimila o traço [+ nasal] da consoante [ɲ].

1º Processo: *(z)inho* > *(z)inhØ*

2º Processo: *(z)inh* > *(z)ĩ*

Baseado nos dados desta pesquisa, elaboramos, portanto, uma regra fonológica que pudesse representar o fenômeno de redução da sequência final *(z)inho*, como verificado abaixo:

Regra 4: Redução da sequência final (Z)INHO

[i]	[r]	[ʊ]	##
V	C	V	
$\left[\begin{array}{l} - \text{posterior} \\ + \text{alto} \\ - \text{arredondado} \end{array} \right]$	$\left[\begin{array}{l} + \text{nasal} \\ + \text{consonantal} \\ + \text{alto} \end{array} \right]$	$\left[\begin{array}{l} + \text{posterior} \\ + \text{arredondado} \\ - \text{alto} \\ - \text{baixo} \end{array} \right]$	
1	2	3	4 →
1	∅	∅	4 →
[+nasal]			

Fonte: Elaborado pela Autora

Em concordância com a regra acima, a variante (z)inho tende a passar a (z)im quando em final de palavra, conforme observado nos exemplos abaixo:

- 47) Comer um churrasqu**im** junto. (churrasquinho) (CF)
- 48) Dá um dinheir**im** a mais pra ir no salão. (dinheirinho) (CF)
- 49) E me dá car**im** tamém. (carinho) (CF)
- 50) A botina tava pert**im** da mancha. (pertinho) (DS)
- 51) Ele tava deitado lá em um quart**im**. (quartinho) (DS)
- 52) Boa tá cert**im** senta aí. (certinho) (DS)
- 53) Sinto saudade dela bich**im**, gosta deu viu! (bichinho) (DS)
- 54) Esporte é o primei**ro camim** depois da educação. (caminho). (AJ)
- 55) Só um pouqu**im** vou sair daqui e já volto. (pouquinho) (Me)
- 56) Desde rapaz**im**, des da adolescência. (rapaizinho) (DS)
- 57) Já tinha um barz**im** ele ficou me devendo. (barzinho) (DS)

Ademais é necessário ressaltar que nesta pesquisa observamos um número muito maior de ocorrências com a forma reduzida *-im* do que *-zim* (apenas dois casos). Isso confirma o que já foi dito por Felice (2011): o sufixo *-inho* favorece mais o processo de redução ante ao sufixo *-zinho*. Tornando a variante *-im* mais produtiva que *-zim*.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos as etapas metodológicas utilizadas por esta pesquisa. Ressaltamos que, os procedimentos metodológicos aqui empregados foram norteados pelo modelo sociovariacionista desenvolvido por Labov (1972/2008).

Para chegarmos ao resultado final, foi necessária a observação de várias etapas, bem como uma vasta quantidade de material com boa qualidade sonora (TARALLO, 1986). A seguir falaremos, portanto, do universo da pesquisa, além da coleta e tratamento dos dados. Para mais, será realizada uma breve descrição dos programas de TV aqui analisados.

5.1 Universo da Pesquisa

Os dados linguísticos que formaram o *Corpus* desta pesquisa foram retirados de doze programas televisivos, sendo, três programas para cada gênero analisado. Todos os programas selecionados pertencem à categoria entretenimento e estão inseridos na grade de programação da TV aberta brasileira, são eles: *Casos de Família* (gênero Talk Show), *Domingo Show* (gênero Auditório), *Amaury Jr.* (gênero Colunismo Social) e *Metrópolis* (gênero Variedades). O tempo estimado de gravação de cada programa foi de 15 minutos, totalizando assim 3 horas de gravação. Vale dizer que todos os programas selecionados tiveram sua exibição no ano de 2018. No total foram analisadas as falas de 61 participantes de diferentes regiões do país, sendo 29 do sexo feminino e 32 do sexo masculino. Ressaltamos para mais que, a disparidade entre a quantidade de informantes aqui observada, é justificada pelo fato de as entrevistas terem sido coletadas de programas televisivos, o que nos impossibilitou o controle absoluto sobre o total de participantes de ambos os sexos.

Ademais, é importante enfatizar que o perfil dos entrevistados varia, conforme o gênero do programa. Por conseguinte, boa parte dos entrevistados dos programas *Domingo Show* e *Casos de Família* são pertencentes às classes mais baixas da sociedade e apresentam baixo nível de escolaridade. Contraopondo esse panorama, os entrevistados dos programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis* são, em sua maioria, pertencentes a grupos socialmente privilegiados e, para tanto, apresentam um grau de instrução mais elevado.

5.2 Coleta e Tratamento dos Dados

Conforme Labov (1972/2008, p.244), o grande desafio da pesquisa sociolinguística é “descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”. Desta forma, como nesta pesquisa optamos por analisar a fala de participantes de programas televisivos, este desafio foi mais acentuado, uma vez que, tanto a presença da câmera, quanto a audiência dos telespectadores e o público da plateia exercem grande influência sobre os convidados (EVANGELISTA, 2018). Em consequência dessa “pressão” à qual estão submetidos, os participantes tendem a apresentar uma fala mais monitorada, dificultando assim, o vernáculo, “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV 1972/2008, p.244).

À vista disso, com o intuito de amenizar os efeitos causados pelo *paradoxo do observador*, Labov (1972/2008) propõe, então, que o entrevistador desvie a atenção do falante, com “perguntas e assuntos que recriem emoções fortes” (LABOV 1972/2008, p.245), de modo que esse possa envolver-se com o assunto proposto e prestar menos atenção à própria fala, favorecendo assim o vernáculo. No caso da mídia televisiva essa função fica, portanto, a cargo do apresentador. Desta maneira, no presente trabalho, optamos por transcrever os trechos em que os falantes estavam envolvidos emocionalmente com o assunto abordado, em concordância à estratégia apresentada por Labov (1972/2008).

Decerto, a escolha em analisar os fenômenos de redução fonológica na mídia falada, nos possibilitou “monitorar a fala de um amplo espectro de indivíduos socialmente localizados e altamente diferenciados.” (LABOV 1972/2008, p. 86). Desta forma, como o perfil dos entrevistados varia conforme o gênero do programa foi possível, por exemplo, coletar dados de fala de pessoas da mais alta sociedade, bem como apresentadores de TV, socialites, políticos e diretores de grandes instituições, tanto quanto de pessoas das classes C e D, como vigilantes, pedreiros e domésticas. Não obstante, é importante destacar que, pelo método tradicional de entrevista sociolinguística, seria quase impossível ter acesso à fala dos indivíduos da alta elite, uma vez que eles não participam da sociedade, o que dificultaria o trabalho do pesquisador.

Após a seleção dos programas foi realizada a transcrição das gravações. Posteriormente, foram identificados e separados os casos com contextos propícios à ocorrência dos fenômenos. Feito isso, esses casos foram catalogados e codificados no Excel.

Na sequência foi realizada a análise quantitativa dos dados. Utilizamos para essa etapa o programa computacional *Varbrul* (2001), que nos proporcionou uma avaliação estatística

dos fatores linguísticos e sociais estudados por esta pesquisa. Continuando, foram apontados pelo *step up* do programa os fatores considerados favorecedores, e pelo *step down*, os fatores de menor preferência para cada fenômeno analisado. Finalizando, os dados foram interpretados.

5.3 Programas de TV Selecionados para Análise dos Fenômenos

É conveniente notar que a escolha dos programas não foi realizada de forma aleatória. Embora pertencentes a gêneros diferentes, esses programas apresentam certas características em comum que são relevantes para esta pesquisa. Exemplificando, os programas *Casos de Família* e *Domingo Show*, são considerados sensacionalistas e populares. Nesse tipo de programa, vale tudo pela busca da audiência, seja pela cobertura prolongada de um escândalo ou tragédia, à exposição dos problemas pessoais dos convidados ou a abordagem exagerada do sofrimento e miséria dos menos favorecidos. A respeito disso, é importante destacar que, há, nesses programas, uma falsa ideia de “misericórdia e compaixão” pelo sofrimento alheio. Assim sendo, explora-se ao máximo a fragilidade dos menos favorecidos em troca de uma ínfima ajuda.

Considerados como populares, esses programas permitem que pessoas comuns tornem-se protagonistas no espaço televisivo. Conforme, Araújo, Silva e Carvalho (2001) são características dos programas populares:

b) apresentação de aspectos da vida íntima das pessoas; c) utilização de pessoas comuns como protagonistas; d) exploração de um determinado conjunto de fatos, tais como tragédias, deformidades físicas, brigas conjugais, assassinatos, episódios envolvendo sexualidade; [...]divã de psicanalista ou "máquina" realizadora de desejos; g) programas feitos com baixo custo, marcados pela espontaneidade e a improvisação. (ARAÚJO, SILVA; CARVALHO, 2001)

Sob esta ótica, Hall (2003, p. 253), explica que “algo é “popular” porque as massas o escutam, compram, leem, consomem e parecem apreciá-lo imensamente. [...] É corretamente associada à manipulação e ao aviltamento da cultura do povo.” Em virtude disso, os programas que seguem essa lógica são constantemente associados, pelas classes mais abastadas, como espetáculo de mau gosto, uma vez que usam à manipulação do sofrimento alheio como principal fonte de audiência.

Em geral, a pauta desses programas tende a ser voltada para assuntos de interesse das classes mais populares que por sua vez são menos exigentes quanto ao conteúdo abordado. Nesse tipo de programa, portanto, não há grande abertura para o discurso de especialistas ou

peças influentes. Como consequência disso, grande parte dos entrevistados são “pessoas comuns”, com baixa escolaridade, pertencentes a grupos sociais menos privilegiados. Logo, não há tanta preocupação com a linguagem empregada e, dessa forma, tanto os apresentadores quanto os convidados são livres para utilizarem todo tipo de linguagem.

No que se refere ao outro extremo televisivo, encontramos os programas *Amaury Jr* e *Metrópolis* dedicados ao universo cultural, artístico e sofisticado das classes elitizadas. Como já era de se esperar, grande parte dos entrevistados desses programas são pessoas influentes, tais como empresários, políticos, curadores, reitores, diretores de grandes instituições e celebridades, pertencentes às classes mais privilegiadas da sociedade.

Além do mais, observa-se que em ambos os programas os entrevistados apresentam fala mais cuidada e polida. A esse respeito, Bueno e Martins (2011) explicam que esse tipo de comportamento é uma tendência observada nos grupos sociais mais privilegiados que, por sofrerem “maior pressão social quanto à norma culta, costumam preservar a forma padrão na fala, como as pessoas que exercem atividades socioeconômicas que lhes exigem uma boa apresentação em público.” (BUENO & MARTINS 2011, p. 03). Por outro lado, não é exagero dizer que o cuidado com a linguagem é também uma forma de preservar a imagem pessoal e o *status* perante o telespectador, visto que ela serve não só para diferenciar as pessoas ou a classe social da qual fazem parte, mas também para dar poder ou fraqueza aos indivíduos, (BUENO & MARTINS, 2011).

Opostamente aos programas populares, os programas *Amaury Jr* e *Metrópolis* tendem, então, a dar maior ênfase aos assuntos de interesse da elite como cultura, economia, política, literatura e eventos glamorosos. A seguir, abordaremos de forma rápida as características de cada programa analisado.

5.3.1 Casos de Família

O programa televisivo *Casos de Família*, do Canal SBT, pertence ao gênero *Talk Show* e é destinado às classes C, D e E. Conforme Araújo, Silva e Carvalho (2001), este tipo de programa funciona como um “tribunal/divã”, no qual pessoas comuns expõem seus conflitos pessoais na tentativa de encontrar uma solução ou orientação para seus problemas. Segundo salienta Rondelli (1998), os programas que seguem essa lógica utilizam pessoas simples como objeto de riso e escárnio. Em *Casos de Família*, por exemplo, é comum ver a superexposição da vida privada das pessoas mais pobres, no entanto, de maneira irreverente e totalmente impiedosa. Assim sendo, diariamente são abordados temas bizarros do tipo: “Meu

pai trabalhou tanto que eu nasci cansado”, “Você é o ridículo da família”, “Traio, não nego. Paro quando quiser”, “Eu tô gato, minha mulher tá um bagulho”, “Irmãzinha, deixa de ser cobra”.

Se, de um lado, há o programa que utiliza a deselegância como recurso para atrair a audiência, de outro há os participantes que enxergam na atração uma oportunidade para se tornarem “famosos”. Logo, tudo é válido para conseguir os quinze minutos de fama, seja lavar a roupa suja no palco ou até mesmo a superexposição dos problemas pessoais. Em virtude disso, durante o programa é comum ver discussões acaloradas, xingamentos e uma plateia eufórica.

Como já era de se esperar, os programas que seguem a linha *Talk Show* devem, portanto, estimular um bate-papo espontâneo entre seus convidados. Assim sendo, fica a cargo do apresentador a importante missão de “manter o clima do programa em alta, qualquer que seja o assunto ou entrevistado.” (ARONCHI, 2006, p. 26).

Cabe reforçar que o programa é marcado pela espontaneidade de seus convidados, que apresentam uma linguagem simples, direta e bastante informal. O programa está no ar desde 2004 e, atualmente, é apresentado por Christina Rocha.

5.3.2 Domingo Show

O programa *Domingo Show* da Record TV pertence ao gênero *Auditório* e é destinado às classes mais populares. A atração é comandada por Geraldo Luís, que se auto-intitula como “o contador de histórias do Brasil”. Em tom descontraído e do mesmo modo dramático, o apresentador leva ao ar histórias de pessoas simples, como a do morador de rua que sonhava em ser cantor, o ex-pedreiro que tornou-se milionário ou ainda a história do bebê gigante. Neste tipo de programa, vale tudo para conquistar a audiência, seja a cobertura exaustiva e sensacionalista de um acontecimento ou tragédia, como a de Brumadinho, ou a história de indivíduos simples em meio à vulnerabilidade e sofrimento. Com efeito, fica a cargo do apresentador, captar a atenção e a curiosidade do telespectador que, por diversas vezes, fica por horas em frente à TV esperando o desfecho da história.

De acordo com Aronchi (2006), os programas do gênero auditório apresentam em sua programação uma diversidade de atrações com intuito de prender a atenção do grande público. Continuando com o autor, os programas que seguem essa temática tendem a utilizar uma linguagem que se aproxima da linguagem circense, sendo, portanto, simples e envolvente.

O programa *Domingo Show* está no ar desde 2014 e é líder de audiência nas tardes de domingo da Record TV. Boa parte da grade do programa é preenchida com histórias de pessoas simples iniciadas por meio de reportagens externas realizadas, em grande parte, pelo próprio apresentador. O desfecho dessas histórias se dá, na maioria das vezes, no palco principal. Destaca-se que este programa, assim como os demais analisados por esta pesquisa, é de alcance nacional e, para tanto, recebe participantes de todas as regiões do país.

5.3.3 *Amaury Jr.*

O programa *Amaury Jr.*, pertence ao gênero Colunismo Social e é transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão. Durante a grade são mostrados os eventos mais badalados e requintados da alta sociedade. Ademais, também são abordados conteúdos variados, desde o universo da moda a viagens nacionais e internacionais. No decorrer de cada programa, são exibidas entrevistas com celebridades e personalidades nacionais e internacionais como políticos, artistas e diretores de grandes organizações.

Segundo Born (2010), a noção de colunismo social está associada ao universo do:

glamour, elegância, bom gosto de um determinado grupo considerado “superior”, ou seja, está relacionada com a vida pública (as festas, os eventos) da “sociedade”, mas evidenciando algum critério (como, por exemplo, função) para esse grupo ser representado na mídia. (BORN, 2010, p. 191).

Nessa atração, a linguagem utilizada segue um estilo mais informal e simples, estando, portanto, direcionado aos diversos públicos, sobretudo, à classe média. O programa já esteve na grade de programação de diversas emissoras brasileiras, tais como Band, Rede TV, Record e TV Gazeta.

5.3.4 *Metrópolis*

O programa *Metrópolis* pertence ao gênero variedades e, é transmitido pela TV Cultura. Em concordância com Aronchi (2006), os programas desse gênero tendem apresentar um leque variado de atrações e formatos, seguindo assim os padrões dos programas do gênero Revista. Segundo Guimarães (2011) o *Metrópolis* é o único programa da TV aberta brasileira com foco predominante no jornalismo cultural.

Dentre os assuntos mais abordados, estão o teatro, artes plásticas, cinema, arquitetura, moda, fotografia, música e dança. Além disso, igualmente são realizadas entrevistas com

convidados variados, como escritores, jornalistas, urbanistas, curadores, atores, professores universitários, arquitetos, chargistas, entre outros. Embora siga uma linha de cunho “ecclética”, ainda assim a pauta do programa é voltada para as classes mais favorecidas, ou seja, para o público com acesso aos mais diversos atrativos culturais. O programa está no ar desde 1988 e atualmente é apresentado por Cunha Jr. e Adriana Couto.

5.4 Variáveis Independentes Analisadas

A seguir serão abordados os grupos de fatores linguísticos e sociais analisados por esta pesquisa. Ressaltamos que os grupos aqui apresentados, foram escolhidos com o intuito de verificar quais fatores podem influenciar na escolha de determinada variante.

5.4.1 Haplologia e Variáveis Internas

5.4.1.1 Classe de Palavras

Nosso intuito, ao colocar este grupo na análise, é verificar se há alguma classe de palavra que favoreça mais a ocorrência do processo e, conseqüentemente, identificar quais classes motivam, significativamente, a realização da haplologia. Para tanto, foram consideradas as seguintes classes de palavras: substantivos, adjetivos, verbo, advérbio, pronome, numeral, locução (ex.: mesmo que) e contração (ex.: de + aquele = daquele). A divisão dos grupos ficou da seguinte forma:

- Grupo N: Substantivo, Adjetivo.
Ex.: ***Gente*** tem coisa melhor que marido pra dá trabalho? (CF)
- Grupo V: Verbo
Ex.: Aí eu fico desanimada, não ***faço*** nada. (CF)
- Grupo O: Advérbio, pronome, numeral, locução e contração.
Ex.: ... mas ***quanto*** tempo... (CF)
Tem um harém lá ***perto de*** casa. (CF)

5.4.1.2 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Evangelista (2018) comenta que o grupo de fatores *contexto fonético da palavra seguinte* mostrou-se relevante no estudo da haplogogia na mídia falada em Belo Horizonte. Conforme a autora, as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ e as soantes /m/, /n/, /ɲ/, /r/, /l/ foram as que mais favoreceram o fenômeno. Com o intuito de identificar se o contexto fonético seguinte exerce alguma influência sobre a realização da haplogogia em programas de entretenimento da TV aberta brasileira, foram considerados os seguintes contextos:

- Grupo K: - coronal {p b k g f v}
Ex.: Cê foi inteligente, a **sacada** **f**oi boa! (DS)
- Grupo D: +coronal {d, dʒ, t, tʃ, ʒ, ʃ}
Ex.: O que que eu faço aqui? **Cuido** **d**os animal. (DS)
- Grupo N: Outros¹ {soantes + s + h} {m, n, ɲ, r, ʎ, l, s, h}
Ex.: Tendi, cê num **sabe** **n**em o valor dessa propriedade aqui... (DS)

5.4.1.3 Consoante da Sílabas Candidata ao Apagamento

O contexto fonético da sílabas candidata ao apagamento foi analisado com o objetivo de verificar qual traço pode favorecer o cancelamento da sílabas. Os grupos observados foram:

- Grupo K: - coronal {p, b, k, g, f, v}
Ex.: Cê **sabe** quanto vale essa terra aqui? (DS)
- Grupo D: +coronal {d, dʒ, t, tʃ, ʒ, ʃ}
Ex.: Ele num **pode** sair do que eu idealizei (DS)
- Grupo N: Outros {soantes + s + h} {m, n, ɲ, r, ʎ, l, s, h}
Ex.: Chegou lá **minha** vida foi mudano, mudano. (DS)

5.4.1.4 Vogal da Sílabas Candidata ao Apagamento

A vogal da sílabas candidata ao apagamento também foi considerada, com o objetivo de verificar qual ou quais vogais apresentam mais tendência de serem canceladas. As vogais analisadas, portanto, foram as seguintes:

¹ Optamos por colocar no Grupo N (Outros) as consoantes soantes, a consoante /s/ que não é soante, mas que apresenta o mesmo comportamento em termos de estatística e a consoante /h/ que é fonologicamente soante.

- Grupo A: Vogal /a/ = {-alto, +baixo}

Ex.: Fiquei trabalhan lá na colheitaa do feijão. (DS)

- Grupo U: Vogais /i/ /u/ = {+alto, -baixo}

Ex.: Eu fiquei sabeno que você tamém deu muito dinheiro. (DS)

5.4.1.5 Velocidade de Fala

Diversas pesquisas sugerem que a velocidade de fala pode ser fator determinante na ocorrência de alguns fenômenos fonológicos, dentre eles a haplologia. A intenção é verificar se o ritmo de fala interfere na realização do fenômeno e, para tanto, analisamos a haplologia tendo em vista dois tipos de velocidade:

- Grupo R: Fala rápida
- Grupo L: Fala lenta ou pausada

5.4.2 Redução da Sequência NDO e Variáveis Internas

5.4.2.1 Classe Morfológica

A grande parte dos estudos anteriormente realizados sobre a redução da sequência [ndo] no PB, dedica-se exclusivamente ao estudo do fenômeno no gerúndio, não considerando outras classes morfológicas, como em substantivos, advérbios, conjunções e numerais. Nesta pesquisa optamos pela análise do processo de redução da sequência final [ndo], tendo em vista, os gerúndios e os não gerúndios. A divisão dos grupos ficou da seguinte forma:

- Grupo V: Gerúndio (quando a sequência [ndo] é morfema de gerúndio).

Ex.: Estou querendo ser igual a eles, né. (Me)

- Grupo N: Não gerúndio (quando a sequência [ndo] faz parte da raiz).

Ex.: Ele levava de vez em quando alguns projetos. (Me)

5.4.2.2 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

De acordo com alguns autores, o contexto fonético seguinte mostra-se relevante no estudo de certos fenômenos, como o de redução da sequência [ndo]. À vista disso, de acordo com Almeida e Oliveira (2017), o contexto seguinte, quando formado por vogal, é o que mais

favorece a redução da consoante /d/ em gerúndio. Com intuito de verificar quais contextos são mais favorecedoras do processo de redução da sequência [ndo] foram analisados os seguintes contextos:

- Grupo K: -coronal {k, p, b, g, f, v}

Ex.: Aí você ouve um grupo de pessoas chegando **f**alando espanhol. (Me)

- Grupo D: +coronal {d, dʒ, t, tʃ, ʒ, ʃ}

Ex.: Ativo tem muito, no mundo **t**udo tem! (Me)

- Grupo N: Outros {soantes + s + h} {m, n, ɲ, r, ʎ, l, s, h}

Ex.: ...ele também tá sentindo **m**edo. (Me)

- Grupo A: Vogais anteriores {i, e, ɛ}

Ex.: ...chegando, falando **e**spanhol. (Me)

- Grupo P: Vogais posteriores {u, o, ɔ}

Ex.: Quando **o** alarme soar você entra. (Me)

- Grupo C: Vogal central {a}

Ex.: ...que Iñárritu tá tratando **a**qui. (Me)

5.4.2.3 Contexto Fonético Precedente (Vogal)

Com o intuito de verificar se o contexto fonético precedente, formado por vogal, exerce algum tipo de interferência no processo de redução da sequência [ndo], foram consideradas as seguintes vogais:

- Grupo U: Vogais posteriores {u, o, ɔ}

Ex.: Vem vindo do **u**ndo com uma luz forte. (Me)

- Grupo I: Vogais anteriores {i, e, ɛ}

Ex.: Ele também tá sentindo **i**medo. (Me)

- Grupo A: Vogal central {a}

Ex.: ...que Iñárritu tá tratando **a**qui. (Me)

5.4.2.4 Número de Sílabas

Alguns autores afirmam que a dimensão do vocábulo pode ser fator determinante na redução de certos fenômenos fonológicos. A respeito disso, Sousa (2009) explica que os itens lexicais extensos, ou seja, palavras polissílabas ou trissílabas, são as mais favorecedoras do

processo de apagamento da oclusiva /d/ em gerúndio. Com o intuito de verificar se a quantidade de sílabas interfere no processo de redução da sequência [ndo], foram consideradas as seguintes dimensões de vocábulos:

- Grupo D: Dissílaba
Ex.: Olha que **lindo** esse desenho que ela fez. (AJ.)

- Grupo T: Trissílaba
Ex.: A gente vai **sentindo** a temperatura. (AJ.)

- Grupo A: Polissílaba
Ex.: O chapéu tá **escondendo** a beleza. (AJ.)

5.4.2.5 Velocidade de Fala

Por meio do estudo dessa variável, pretende-se verificar se a velocidade de fala interfere no apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo]. Para tanto analisamos o fenômeno tendo como base as seguintes velocidades de fala:

- Grupo R: Fala rápida
- Grupo L: Fala lenta ou pausada

5.4.2.6 Palavra Precedente Reduzida

Com o propósito de averiguar se a redução da palavra precedente à palavra a ser reduzida interfere na aplicação da regra, optamos pela análise do fenômeno tendo em vista as seguintes constatações:

- Grupo S: Sim (palavra precedente reduzida)
Ex.: Gente, ela **tá** **assustando** com essa roupa? (CF)
- Grupo N: Não (palavra precedente NÃO reduzida)
Ex.: O que que ela **fala** **quando** cê fala pa ela se arrumar? (CF)

5.4.3 Redução da Preposição PARA e Variáveis Internas

5.4.3.1 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Com o intuito de verificar se o contexto fonético da palavra seguinte exerce algum tipo de influência sobre o processo de redução da preposição *para*, foram analisados os seguintes contextos:

- Grupo K: -coronal {k, p, b, g, f, v}

Ex.: Você comprava alguma coisa **pra** casa. (CF)

- Grupo D: +coronal {d, dz, t, tj, ʒ, j}

Ex.: Cê vai se machuca **pra** tudo quanto é lado né fi! (CF)

- Grupo N: Outros {soantes + s + h} {m, n, ñ, r, l, l, s, h}

Ex.: Se num serve **pra** mim. (CF)

- Grupo A: Vogais anteriores {i, e, ε}

Ex.: Mas cê foi primeiro **pra** igreja. (CF)

- Grupo P: Vogais posteriores {u, o, o}

Ex.: Só você tá olhando **pra** outra mulher é uma traição. (CF)

- Grupo C: Vogal central {a}

Ex.: Só **pa** assusta os outro. (CF)

5.4.3.2 Classe da Palavra Seguinte

Este grupo foi incluído na análise com o propósito de verificar se a classe da palavra seguinte intervém ou não no processo de redução da preposição *para*. Para esta averiguação foram consideradas as seguintes classes de palavras:

- Grupo N: Substantivo, adjetivo

Ex.: **Pra** você ver que é bom. (CF)

- Grupo V: Verbo

Ex.: Num tá nem com uma maquiagem no rosto e **pa** sair. (CF)

- Grupo O: Advérbio, pronome, conjunção, numeral, artigo

Ex.: **Pra** que a história apareça. (Me)

5.4.3.3 Velocidade de Fala

Com o intuito de verificar se o fator velocidade interfere no processo de redução da preposição *para*, analisamos o fenômeno tendo como base as seguintes velocidades de fala:

- Grupo R: Fala rápida
- Grupo L: Fala lenta ou pausada

5.4.4 Redução da Sequência Final (Z)INHO e Variáveis Internas

5.4.4.1 Classe da Palavra Primitiva

Por meio do estudo dessa variável, pretende-se verificar qual ou quais classes de palavras favorecem ou não a redução de (Z)INHO. Para tanto serão analisadas as seguintes classes:

- Grupo N: Substantivo, adjetivo
Ex.: **Menino** > meninim / **lindo** > lindim
- Grupo O: Advérbio, pronome
Ex.: **Rápido** > rapidim / **pouco** / pouquim

5.4.4.2 Composição Morfológica

A fim de identificar qual composição morfológica favorece mais a redução da forma (z)inho, foram consideradas para a análise, as palavras monomorfêmicas, como em vinho, vizinho e moinho, e as palavras bimorfêmicas, formadas por um radical e sufixo, como em cafezinho, no qual, café é o radical e zinho o sufixo. Dessa forma, foram consideradas as seguintes composições morfológicas:

- Grupo M: Monoformêmico
Ex.: Tá num bom **caminho** a festa! (AJ)
- Grupo B: Bimorfêmico
Ex.: ...que eu tava é **doidinho** por cavalo. (doido + inho) (DS)

5.4.4.3 Tipo de Sufixo

Conforme alguns autores como Felice (2011), as palavras derivadas com a forma –*inho* tendem a ser mais propensas ao processo de redução que a forma –*zinho*. Em virtude disso, nesta análise consideramos ambas as estruturas, de modo a verificar qual é mais

favorável ao processo de redução. Salientamos que, nesta análise, também serão consideradas as palavras monomorfêmicas (sem sufixo), como padrINHO e viZINHO. Dessa forma, foram consideradas as seguintes estruturas:

- Grupo I: -inho
- Grupo Z: -zinho
- Grupo S: Sem sufixo

5.4.4.4 *Velocidade de Fala*

Com o intuito de verificar se o ritmo de fala interfere na realização do fenômeno, analisamos a estrutura (z)inho, tendo em vista as seguintes velocidades de fala:

- Grupo R: Fala rápida
- Grupo L: Fala lenta ou pausada

5.5 Variáveis Independentes Sociais

5.5.1 *Sexo do Informante*

Vários estudos variacionistas, como o de Vieira (2011), Oliveira (2012), Paz (2013), Ferreira (2014) e Rodrigues (2015), apresentam o fator gênero como primordial na análise de fenômenos ligados à variação linguística. Isto porque homens e mulheres apresentam “escolhas” diferentes quanto ao uso de variantes linguísticas. Os homens tendem mais a serem relapsos no uso das variantes estigmatizadas, enquanto as mulheres seguem um estilo mais cuidadoso, optando pelas variantes de maior prestígio social (VIEIRA, 2011).

Uma possível explicação para isso está relacionada ao papel social diferenciado atribuído aos gêneros, uma vez que homens e mulheres “são avaliados por critérios opostos: eles, pelo que fazem; elas, pelo que aparentam.” (VIEIRA, 2011, p. 7). Além do mais, as mulheres mostram-se mais predispostas a seguirem as novas exigências do mercado e o que é imposto pela escola, (BOURDIEU 2008).

Assim, na tentativa de assegurar uma imagem moldada dentro das expectativas sociais, as mulheres passam, então, a assumir uma postura mais conservadora e isso inclui sua linguagem. Por consequência, Labov (1972/2008) explica que as mulheres logo tendem a evitar o uso das variantes estigmatizadas, o que significa dizer que elas são mais sensíveis às formas de prestígio que os homens.

Com o intuito de verificar se o fator gênero interfere no processo de redução fonológica na mídia falada, os fenômenos aqui estudados foram analisados tendo em vista os gêneros:

- Grupo M: Masculino
- Grupo F: Feminino

5.5.2 Status Social

Definir o *status* social de um indivíduo não é tarefa muito fácil, ainda mais quando se trata de participantes de programas televisivos. Em virtude disso, utilizam-se indicadores sociais e econômicos capazes de nortear a posição dos indivíduos na sociedade (LABOV, 1972/2008). A exemplo disto, no Brasil, existem diferentes critérios para definir o *status* social dos indivíduos. Um deles é apresentado pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP), que calcula a classe social das famílias por meio de itens de conforto de cada residência, como máquina de lavar louça, computador, automóvel e o nível de escolaridade do chefe da família. Opostamente a essa ideia, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), determina o *status* social por meio do número de salários-mínimos de cada família. Para tanto, pertence à “classe A” a família que apresenta renda igual ou superior a 20 salários mínimos, na “classe B” renda de 10 a 20 salários mínimos, na “classe C” renda de 4 a 10 salários mínimos, na “classe D” renda de 2 a 4 salários mínimos e na “classe E” a família que detêm até dois salários mínimos. Nos Estados Unidos, todavia, a estratificação social dos indivíduos é definida por meio de uma série de combinações, como “profissão, educação, renda e área residencial.” (LABOV, 1972/2008, p.328).

Definir a classe social dos participantes dos programas de TV constituiu tarefa árdua, até porque nos faltava boa parte das informações necessárias para tal constatação. Assim, nesta pesquisa optamos por utilizar o modelo americano apresentado por (LABOV, 1972/2008). Dessa forma, o *status* social dos participantes foi definido por meio da combinação de fatores, tais como: escolaridade, profissão e grupo social do qual o falante faz parte. Por conseguinte, separamos o *status* social em dois grandes grupos. No primeiro estão os falantes com maior nível de escolaridade, pertencentes às classes elitizadas e que exercem profissões de maior prestígio social, como empresários, reitores, apresentadores de TV, socialites etc. Seguindo para o segundo grupo, permaneceram os falantes com menor nível de escolaridade, pertencentes a grupos sociais menos privilegiados, e que desempenham trabalho

- Grupo F: Formal
- Grupo I: Informal

5.5.4 Faixa Etária

Optamos por acrescentar este grupo à análise para verificar se a incidência de redução fonológica na mídia falada varia conforme a faixa etária dos falantes e, a partir deste dado, identificar quais as faixas etárias mais favorecem a realização dos fenômenos estudados. Assim sendo, neste grupo a idade dos falantes ficou dividida da seguinte forma:

- Grupo Q: 18 a 30 anos
- Grupo G: 31 a 45 anos
- Grupo S: 46 acima

5.5.5 Gênero do Programa

A linguagem utilizada nos programas televisivos varia de acordo com a categoria e o gênero de cada atração. Na categoria informação, por exemplo, espera-se uma fala mais cuidada, aproximada ao estilo formal. Em contrapartida, a categoria entretenimento parece ser mais “flexível” ao tipo de linguagem utilizada, o que não significa que tolere todo tipo de construção. Vale dizer que, dentro da categoria entretenimento, existem vários gêneros, e são eles os definidores do tipo de linguagem a ser utilizada em cada programa.

Em concordância com estudo realizado por Evangelista (2018), certos gêneros de programa tendem apresentar formato mais liberal, favorecendo um estilo de fala mais próximo ao coloquial. Isso se verifica, sobretudo, nos programas ligados à categoria entretenimento. Entretanto, não são todos os gêneros que apresentam essa tendência. Alguns programas são mais resistentes à linguagem coloquial, preferindo um estilo de fala mais próximo da linguagem culta. Dessa forma, com intuito de verificar quais gêneros de programa são mais favorecedores aos processos de redução fonológica na mídia falada, foram considerados os seguintes gêneros:

- Grupo C: Colunismo Social
- Grupo T: Talk Show
- Grupo V: Variedades
- Grupo A: Auditório

5.6 Chave de Códigos

Seguindo as exigências do programa *Varbrul*, foi realizada a codificação dos fatores de cada variável linguística e social aqui analisada. A seguir, serão expostos os códigos utilizados em cada fenômeno analisado.

5.6.1 Chave de Códigos_ Haplologia

Quadro 1- Chave de Códigos_ HAPLOLOGIA

Grupos		HAPLOLOGIA		
1	0 Haplologia NÃO realizada	2 Haplologia realizada		
VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS				
2	Classe de Palavra			
	N subs. adj.	V verbo	O adv., pron., loc., num., contração	
3	Contexto Fonético da Palavra Seguinte			
	K -coronal	D +coronal	N outros	
4	Consoante da Silaba Candidata ao Apagamento			
	K -coronal	D +coronal	N outros	
5	Vogal da Silaba Candidata ao Apagamento			
	A {a}	U {i, u}		
6	Velocidade de Fala			
	R rápida	L lenta e pausada		
VARIÁVEIS SOCIAIS				
7	Sexo			
	M masculino	F feminino		
8	Status Social			
	A Nível superior Classe elitizada Profissões privilegiadas	B Nível fundamental e médio Classe popular Profissões que exigem trabalho braçal		
9	Estilo de Fala			
	F formal	I informal		
10	Faixa Etária			
	Q 18 a 30 anos	G 31 a 45 anos	S 46 anos acima	
11	Gênero do Programa			
	C colonismo social	T talk show	A auditório	V variedades

Fonte: Dados da Pesquisa

5.6.2 Chave de Códigos_ Redução da Sequência NDO

Quadro 2- Chave de Códigos_ Redução da Sequência NDO

Grupos		REDUÇÃO DA SEQUÊNCIA NDO			
		0		2	
1		Redução NÃO realizada		Redução realizada	
VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS					
2		Classe Morfológica			
	V	N			
	Gerúndio	Não gerúndio (adj, subs, adv, conj...)			
3		Contexto Fonético da Palavra Seguinte			
	K	D	N	A	P C
	-coronal	+coronal	outros	vogais anteriores	vogais posteriores vogal central
4		Contexto Fonético Precedente Vogal			
	U	I	A		
	vogais posteriores	vogais anteriores	vogal central		
5		Número de Silabas			
	D	T	P		
	Dissilaba	trissilaba	polissilaba		
6		Velocidade de Fala			
	R	L			
	rápida	lenta e pausada			
VARIÁVEIS SOCIAIS					
7		Sexo			
	M	F			
	masculino	feminino			
8		Status Social			
	A	B			
	Nível superior	Nível fundamental e médio			
	Classe elitizada	Classe popular			
	Profissões privilegiadas	Profissões que exigem trabalho braçal			
9		Estilo de Fala			
	F	I			
	formal	informal			
10		Faixa Etária			
	Q	G	S		
	18 a 30 anos	31 a 45 anos	46 anos acima		
11		Gênero do Programa			
	C	T	A	V	
	columnismo social	talk show	auditório	variedades	

Fonte: Dados da Pesquisa

5.6.3 Chave de Códigos_ Redução da Preposição PARA

Quadro 3- Chave de Códigos_ Redução da Preposição PARA

Grupos		REDUÇÃO DA PREPOSIÇÃO PARA					
1		0 Pra				2 Pa	
VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS							
2		Contexto Fonético da Palavra Seguinte					
		K	D	N	A	P	C
		-coronal	+coronal	outros	vogais anteriores	vogais posteriore	vogal central
3		Classe da Palavra Seguinte					
		N		V		O	
		subs., adj.		verbo		adv., pron., conj., num., art.	
4		Velocidade de Fala					
		R		L			
		rápida		lenta e pausada			
VARIÁVEIS SOCIAIS							
5		Sexo					
		M		F			
		masculino		feminino			
6		Status Social					
		A				B	
		Nível superior				Nível fundamental e médio	
		Classe elitizada				Classe popular	
		Profissões privilegiadas				Profissões que exigem trabalho braçal	
7		Estilo de Fala					
		F		I			
		formal		informal			
8		Faixa Etária					
		Q		G		S	
		18 a 30 anos		31 a 45 anos		46 anos acima	
9		Gênero do Programa					
				T		V	
		colunismo social		talk show		auditório	variedades

Fonte: Dados da Pesquisa

5.6.4 Chave de Códigos_ Redução da Sequência Final (Z)INHO

Quadro 4- Chave de Códigos_ Redução da Sequência Final (Z)INHO

Grupos		REDUÇÃO DA SEQUÊNCIA FINAL (Z)INHO	
		0	2
1		Redução NÃO realizada	Redução realizada
VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS			
2		Composição Morfológica	
	B	M	
	Bimorfêmico	Monomorfêmico	
Tipo de Sufixo			
3	Z	I	S
	zinho	inho	sem sufixo
Velocidade de Fala			
4	R	L	
	rápida	lenta e pausada	
VARIÁVEIS SOCIAIS			
Sexo			
5	M	F	
	masculino	feminino	
Status Social			
6	A	B	
	Nível superior	Nível fundamental e médio	
	Classe elitizada	Classe popular	
	Profissões privilegiadas	Profissões que exigem trabalho braçal	
Estilo de Fala			
7	F	I	
	formal	informal	
Faixa Etária			
8	Q	S	
	18 a 30 anos	31 a 45 anos	46 anos acima
Gênero do Programa			
9	T	V	
	colunismo social	talk show	auditório
			variedades

Fonte: Dados da Pesquisa

6 ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo analisaremos os fatores apontados pelo *Varbrul* como relevantes para cada fenômeno aqui estudado. O *Varbrul* é um programa estatístico que visa à análise quantitativa dos dados. Este programa atribui peso relativo para cada fator analisado. Cabe, portanto, ao pesquisador a interpretação dos resultados numéricos e a identificação de quais grupos de fatores são relevantes, ou não, para o fenômeno estudado.

Vale dizer que, Guy e Zilles (2007) consideram como ponto neutro o peso relativo 0.50. Com efeito, fatores com valores abaixo do ponto de neutralidade indicam que o fator em análise é menos favorecedor à ocorrência do fenômeno. Todavia, fatores com peso relativo acima do ponto de neutralidade indicam favorecimento. Neste capítulo será realizada a apresentação, discussão e análise dos dados que constituem o *corpus* do trabalho. Em virtude disto, serão expostos os grupos de fatores considerados como favorecedores dos fenômenos analisados, assim como os grupos eliminados pelo programa.

6.1 Haplogia _ Grupos Eliminados

A seguir serão expostos os grupos de fatores, linguísticos e sociais, eliminados pelo *step down* do programa *Varbul*. Importa ressaltar que os grupos serão apresentados por grau de importância, conforme a ordem indicada pelo *Varbrul*.

6.1.1 Estilo de Fala

Pesquisas apontam que grande parte das variações linguísticas surge nos estilos mais informais de fala, ou seja, quando o falante está menos atento à própria fala. De acordo com o estudo realizado por Mendes (2009), o estilo de fala mostrou-se relevante para a ocorrência da haplogia. Todavia, tanto nesta pesquisa, quanto na apresentada por Evangelista (2018), este grupo de fatores não se manifestou como pertinente para a realização da haplogia na mídia falada, sendo, portanto, o primeiro grupo eliminado pelo *step down* do *Varbrul*. Conforme verificado na Tabela 01, o peso relativo atribuído a ambos os estilos, formal (0,49) e informal (0,50), equipararam-se ao ponto neutro. Tal resultado se deve ao fato de o estilo de fala da mídia ser menos formal, logo o grupo não teve muita representatividade.

Tabela 01 - Haplologia e Estilo de Fala

Estilo de fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Informal	107/693	15,4	0,50.
Formal	90/1118	8	0,49

Log likelihood = -440,266 Significance = 0,832

Fonte: Dados da Pesquisa

6.1.2 Status Social

Embora o grupo *status* social não tenha sido selecionado pelo *Varbrul* como relevante, é interessante observar que os falantes de *status* social mais alto produzem menos haplologia quando comparados aos falantes de *status* social mais baixo. Porém, é necessário enfatizar que os pesos relativos atribuídos ao *status* popular (0,51) e ao elitizado (0,49) ficaram próximos ao ponto neutro, demonstrando que este grupo de fatores tem pouco efeito sobre a haplologia na mídia.

Tabela 02 - Haplologia e Status Social

Status Social:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Popular	109/591	18,4	0,51
Elitizado	88/1220	7,2	0,49

Log likelihood = -410,041 Significance = 0,914

Fonte: Dados da Pesquisa

6.1.3 Faixa Etária

De acordo com os dados da pesquisa, os falantes mais velhos são os que mais realizam a haplologia na mídia. No entanto, como apresentado na Tabela 03, o peso relativo referente à faixa etária acima dos 46 anos apresentou um valor bem próximo ao ponto neutro (0,51), assim como as demais faixas etárias (31 a 45 anos (0,49)) e (18 a 30 anos (0,46)). Ademais, a diferença entre um peso relativo para o outro mostrou-se bem pequena. Possivelmente seja esse o motivo pelo qual esse grupo de fatores não tenha sido selecionado pelo *Varbrul* como relevante para o fenômeno.

Tabela 03 - Haplologia e Faixa Etária

Faixa etária:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
46 acima	111/1236	9	0,51
31 a 45 anos	26/305	8,5	0,49
18 a 30 anos	60/270	22,2	0,46

Log likelihood = -409,780 Significance = 0,767

Fonte: Dados da Pesquisa

6.1.4 Consoante da Sílabla Candidata ao Apagamento

O grupo *Outros* formado pelas consoantes [soantes + s + h] é o que mais favorece a realização da haplologia. Contudo, ao observar o peso relativo das consoantes [+ coronal] (0,49), [- coronal] (0,44) e [+soante] (0,53), nota-se que os valores são semelhantes e próximos ao ponto neutro. Devido a isso, este grupo foi eliminado pelo *step down* do programa. Ao que tudo indica esse grupo de fatores apresenta pouco efeito sobre o fenômeno.

Tabela 04 - Haplologia e Consoante da Sílabla Candidata ao Apagamento

Consoante da Sílabla Candidata ao Apagamento	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Outros {m, n, ñ, r, l, s, h}	72/572	12,6	0,53
+ Coronal {t, d, ç, ç, z, j, ç}	105/1026	10,2	0,49
- Coronal {p, b, k, g, f, v}	20/213	9,4	0,44

Log likelihood = -462,412 Significance = 0,504

Fonte: Dados da Pesquisa

6.2 Haplologia _ Grupos Seleccionados

A seguir serão apresentados os grupos de fatores, linguísticos e sociais, apontados pelo *Varbrul* como significativos para a haplologia. Abaixo de cada grupo será exposta uma tabela com os valores da aplicação total e porcentagem de cada variante. Salientamos que, os grupos de fatores aqui apresentados, estão organizados por grau de importância, conforme a ordem indicada pelo programa, e o peso relativo de cada fator está organizado por ordem decrescente.

6.2.1 Velocidade de Fala

Os dados levantados por esta pesquisa comprovam que a haplologia na mídia ocorre com maior frequência nas falas rápidas quando comparadas às lentas e pausadas. É interessante observar que, não apenas nesta pesquisa quanto no estudo apresentado por Evangelista (2018), a velocidade de fala rápida apresentou peso relativo muito acima do ponto neutro, indicando assim favorecimento do fenômeno. Em contrapartida, a velocidade lenta apresentou peso relativo bem abaixo do ponto de neutralidade, apontando para o desfavorecimento do processo. Isso evidencia a importância desse fator no estudo da haplologia na mídia.

No tocante à influência da velocidade de fala no estudo do fenômeno, Perini (1984) explica que “A aplicação dessa regra é dependente da velocidade de pronúncia, não ocorrendo nos estilos mais cuidadosos e lentos.” (PERINI, 1984, p. 7). De fato, ao analisarmos a Tabela 05 veremos que a velocidade rápida privilegia o processo de haplologia na mídia. Porém, ainda assim é possível perceber alguns casos do fenômeno nas falas lentas e pausadas, demonstrando que a haplologia pode ocorrer em qualquer velocidade de fala.

Tabela 05 - Haplologia e Velocidade de Fala

Velocidade de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Rápida	150/442	33,9	0,87
Lenta e pausada	47/1369	3,4	0,35

Log likelihood = -406,444 Significance = 0,207

Fonte: Dados da Pesquisa

6.2.2 Gênero do Programa

Conforme Evangelista (2018), os programas pertencentes à categoria entretenimento tendem a apresentar fala mais espontânea, favorecendo a ocorrência da haplologia. Assim, nesta pesquisa optamos por analisar quatro gêneros de programa, todos pertencentes à categoria entretenimento, para verificar qual ou quais gêneros seriam mais propícios à realização do fenômeno. Como hipótese inicial, sugerimos que os gêneros *Talk Show* e *Auditório*, por apresentarem um formato mais dinâmico e fala menos cuidada, seriam os mais favorecedores da ocorrência da haplologia. Como averiguado na Tabela 06 nossa hipótese

inicial foi confirmada pelo *Varbrul*, uma vez que, o peso relativo de tais gêneros ficou acima do ponto de neutralidade, apontando para o favorecimento do fenômeno.

Tabela 06 - Haplologia e Gênero do Programa

Gênero do Programa:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Talk Show	87/447	19,5	0,77
Auditório	71/464	15,3	0,62
Colunismo Social	26/435	6	0,41
Variedades	13/465	2,8	0,19

Log likelihood = -405,342 Significance = 0,637

Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com os dados, o programa *Casos de Família* (gênero Talk Show) apresentou maior peso relativo (0,77). Cabe notar que neste programa os temas são sempre direcionados às questões familiares. Logo, é comum ver pessoas pertencentes a uma mesma família expondo seus conflitos pessoais, que quase sempre terminam em discussões acaloradas e fala rápida.

Em seu estudo, Labov (1972/2008) cita que, esse tipo de situação, em que o falante se envolve emocionalmente com o assunto proposto, tende a favorecer o vernáculo, ou seja, uma fala mais rápida. Além disto, este programa apresenta outra característica relevante não observada nos outros _ a relação de proximidade entre os interlocutores. Como os participantes são parentes ou amigos é possível perceber certo grau de afinidade e intimidade entre eles, o que favorece um estilo de fala mais informal, menos cuidado.

Os resultados também revelaram o programa *Domingo Show* (gênero Auditório) como favorecedor da regra (0,62). Vale dizer que nesse programa as entrevistas são sempre direcionadas para um tom mais de conversa, dando a ilusão de intimidade, o que contribui para uma fala menos monitorada por parte dos entrevistados.

Em oposição, os demais programas *Amaury Jr.* (Colunismo Social) e *Metrópolis* (Variedades) apresentaram peso relativo abaixo do ponto neutro, significando a não contribuição desses gêneros à aplicação da regra. Vale ressaltar que, em ambos os programas, os apresentadores e os convidados apresentam fala mais monitorada e mais lenta, um estilo mais formal, inibindo consideravelmente à realização do fenômeno. O programa que menos apresentou casos de haplologia foi o *Metrópolis* (gênero Variedades), com peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,19). Isso comprova o fato de que quanto mais formal é um

programa, maior será o grau de atenção dos participantes à própria fala, que tenderá a ser mais lenta.

6.2.3 Vogal da Sílabas Candidata ao Apagamento

Segundo alguns autores, como Alkmim e Gomes (1982), o processo de haplologia ocorre apenas quando a sílaba candidata ao apagamento apresenta vogal de traço [+alto], ou seja, /i/ ou /u/. De fato, os dados desta pesquisa apontam que o fenômeno ocorre com maior frequência em sílabas cujas vogais apresentem o traço [+ alto]. No entanto, observaram-se alguns casos de haplologia com vogal [- alto].

Com efeito, as vogais /i/ e /u/ apresentaram peso relativo acima do ponto de neutralidade (0,61), indicando assim favorecimento da regra. Tal constatação confirma a afirmação de Oliveira (2012), ou seja, que o processo de apagamento da sílaba final está associado à altura da vogal. Assim sendo, vogais altas são as que mais favorecem o fenômeno, uma vez que são as “mais reduzidas do ponto de vista articulatorio” (OLIVEIRA, 2012, p. 171). Do contrário, a vogal baixa /a/ tende a inibir, consideravelmente, a realização da haplologia, como verificado abaixo.

Tabela 07 - Haplologia e Vogal da Sílabas Candidata ao Apagamento

Vogal da Sílabas Candidata ao Apagamento	Aplicação Total	%	Peso Relativo
+Alto, -baixo (i, u)	171/1230	13,9	0,61
-Alto, +baixo (a)	26/581	4,5	0,27

Log likelihood = -406,947 Significance = 0,047

Fonte: Dados da Pesquisa

6.2.4 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Pesquisas anteriores apontaram a relevância do contexto consonantal na análise da haplologia e, é devido a este fato que resolvemos acrescentar este grupo à análise. Por conseguinte, no grupo *Contexto Fonético Seguinte* verificamos quais as consoantes da sílaba inicial da palavra seguinte tendem a favorecer o processo de redução. Conforme verificado na Tabela 08, as consoantes de traço [+ coronal] apresentaram peso relativo acima do ponto de neutralidade (0,66), o que significa dizer que essas consoantes tendem a favorecer a aplicação da regra. Por outro lado as demais consoantes representadas pelos grupos [- coronal] e Outros

apresentaram peso relativo abaixo do ponto neutro (0,35 e 0,49 respectivamente), o que indica que tais consoantes tendem a inibir o fenômeno. Diante desses resultados deduzimos que, quando a palavra candidata ao apagamento vem seguida por outra palavra iniciada com consoante de traço [+ coronal], o cancelamento tende a se concretizar.

Conforme Alkmim e Gomes (1982), os únicos contextos propícios à ocorrência do fenômeno são os formados pelas consoantes /TV#TV/, /dv#dv/, /TV#dv/ e /dv#TV/. Com efeito, várias pesquisas, como Battisti (2005) e Pavezi (2006), afirmam que estes contextos são os mais produtivos, confirmando a teoria que as consoantes /t/ e /d/ são as que mais privilegiam a realização do fenômeno. De fato, ao observarmos a Tabela 08 percebemos que as consoantes [+ coronal] foram as que mais favoreceram a aplicação da regra. Contudo, o fenômeno pode ocorrer igualmente em outros contextos consonantais, desde que estes sejam iguais ou semelhantes, (LEAL 2007).

Tabela 08 - Haplologia e Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Contexto Fonético da Palavra seguinte	Aplicação Total	%	Peso Relativo
+ Coronal {t, d, dʒ, tʃ, z, ʃ, ʒ}	114/665	17,1	0,66
Outros {m, n, ɲ, r, ʎ, s, h, l}	41/431	9,5	0,49
- Coronal {p, b, k, g, f, v}	42/715	5,9	0,35

Log likelihood = -406,938 Significance = 0,896

Fonte: Dados da Pesquisa

6.2.5 Sexo

Os dados desta pesquisa revelam que os homens tendem a realizar mais haplologia que as mulheres. De acordo com Labov (1972/2008), isso é justificável uma vez que as mulheres tendem a ser mais conservadoras em sua maneira de falar, preferindo assim o uso de variantes com maior prestígio social. Ao que tudo indica o cuidado com a linguagem configura não só uma tentativa de se enquadrar dentro dos padrões comportamentais estabelecidos pela sociedade, mas é também uma forma de assegurar uma “identidade social prestigiosa ou, pelo menos, não estigmatizada.” (BOURDIEU, 2008, p. 41). Na Tabela 09 podemos verificar os pesos relativos atribuídos a cada fator analisado.

Tabela 09 - Haplologia e Sexo dos Informantes

Sexo dos Informantes:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Masculino	156/1306	11,9	0,57
Feminino	41/505	8,1	0,31

Log likelihood = -406,914 Significance = 0,797

Fonte: Dados da Pesquisa

6.2.6 Classe de Palavra

Segundo pesquisa realizada por Paz (2013), a classe de palavra que mais favorece a realização da haplologia é o verbo (0,69), seguido do substantivo (0,52). As demais classes, como pronome (0,31), adjetivo (0,21) e advérbio (0,50), não mostraram relevância para o fenômeno. Entretanto, cabe ponderar que a autora analisa os fatores isoladamente. Dessa forma, para cada classe de palavra é atribuído um peso relativo.

Nesta pesquisa, no entanto, optamos por separar as classes de palavras em três grandes grupos, conforme divisão realizada por Evangelista (2018). Na divisão proposta, no grupo *Outros* permaneceram as classes de advérbio, pronome, locução, numeral e contração. Enquanto no grupo *N*, o substantivo e o adjetivo e no grupo *V*, o verbo.

Como se pode ver na Tabela 10, as classes de palavras representadas pelo fator *Outros*, (0,56) são as que mais favorecem a produção do fenômeno. Vale ressaltar que tanto nesta pesquisa quanto na apresentada por Evangelista (2018), este grupo de fatores mostrou-se relevante para o estudo da haplologia na mídia falada, aparentemente indicando que, no caso da mídia, os verbos, adjetivos e substantivos são neutros quanto à aplicação da regra. Todavia, o fato de termos amalgamado várias classes em um mesmo grupo talvez tenha favorecido os resultados estatísticos encontrados.

Tabela 10 - Haplologia e Classe de Palavra

Classe de Palavra:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
<i>Outros</i> (adv., pron., loc., num., contração)	69/449	15,4	0,56
<i>Nome</i> (subs., adj.)	77/894	8,6	0,51
<i>Verbo</i>	51/468	10,9	0,41

Log likelihood = -415,263 Significance = 0,049

Fonte: Dados da Pesquisa

6.3 Relevância dos Fatores na Produção da Haplologia

Os grupos de fatores selecionados pelo programa como relevantes para a produção da haplologia foram: *velocidade de fala, gênero do programa, vogal da sílaba candidata ao apagamento, contexto fonético da palavra seguinte, sexo e classes de palavras*. A respeito dos grupos eliminados pelo programa estão listados: *estilo de fala, status social, faixa etária e consoante candidata ao apagamento*. No total o programa contou com 898 células e 1811 tokens.

Dentre os grupos de fatores selecionados como relevantes para a produção da haplologia, está o grupo *Gênero do Programa*. Conforme o *Varbrul*, os programas *Casos de Família* e *Domingo Show*, pertencentes aos gêneros Talk Show e Auditório, são os que mais contribuem para a aplicação da regra variável. Conforme verificado, dentre as características comuns encontradas em ambos os programas está a busca pela espontaneidade e o envolvimento emocional dos participantes. Esses são, segundo Labov (1972/2008), os contextos que mais contribuem para uma fala menos policiada. E é em consequência disso que a grande parte dos entrevistados desses programas tende a apresentar estilo de fala mais informal e rápido, contribuindo, significativamente, para a realização da haplologia.

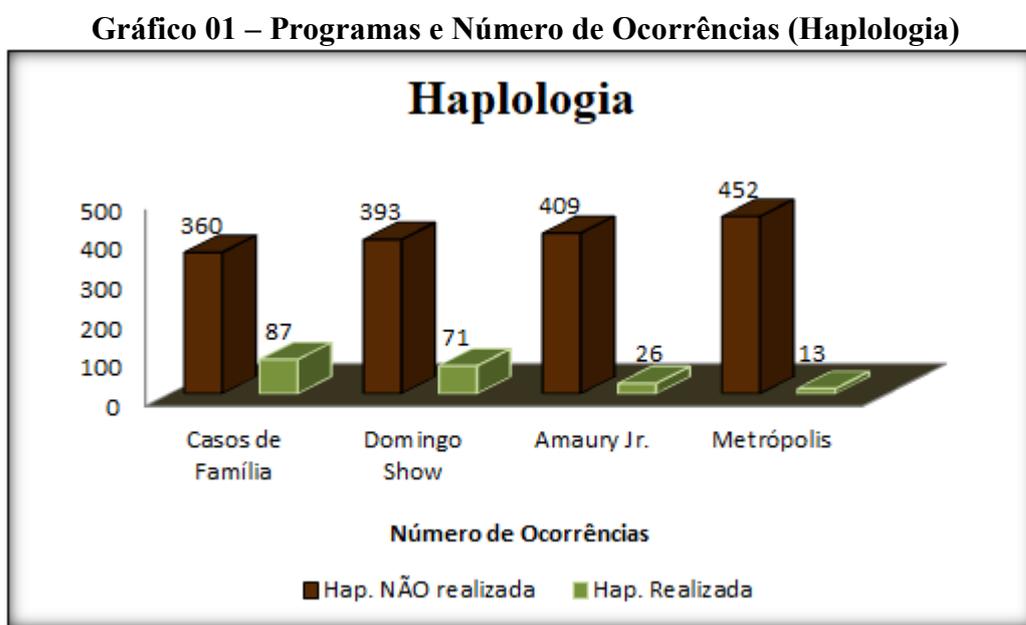
Todavia, a alta incidência de haplologia nesses programas, não se deve somente ao gênero televisivo ao qual a atração se aplica, mas a uma série de outros fatores como a velocidade de fala dos participantes. Isso porque, de acordo com os dados, o fenômeno tende a ser mais recorrente nas falas aceleradas que nas lentas ou pausadas.

Opostamente, nos programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis* os participantes tendem a apresentar uma fala mais lenta e mais cuidada. Vale ressaltar que a maior parte dos entrevistados desses programas exercem atividades socioeconômicas privilegiadas e apresentam maior nível de escolaridade. Como resultado acabam assumindo uma postura mais conservadora com relação à linguagem. Isso é, na verdade, uma tentativa de preservação da autoimagem pessoal e profissional apresentadas dentro do grupo social do qual fazem parte.

Ademais é interessante esclarecer que o comportamento verbal dos participantes dos programas televisivos tende a ser moldado não só pelo tipo de programa, mas por uma série de outros fatores, tais como público alvo e reputação do entrevistador. Conforme verificado, os participantes dos programas mais “elitizados” tendem a apresentar fala mais monitorada, pois reconhecem que estão sendo observados por entrevistadores renomados e por um público

mais seletos. Conseqüentemente, as formas variantes de menor prestígio social passam a ser evitadas por tais participantes.

No Gráfico 01 observa-se com clareza o número de ocorrências de haplologia realizadas em cada programa. Seguindo a análise, o maior número de casos do fenômeno foi observado nos programas populares *Casos de Família* com 87 ocorrências e *Domingo Show* com 71 casos. Por outro lado, nos demais programas, a realização do fenômeno foi quase nula sendo observados apenas 13 casos de haplologia no programa *Metrópolis* e 26 casos no programa *Amaury Jr.*



Fonte: Dados da Pesquisa

Em suma, os dados dessa pesquisa nos revelaram que:

- ✓ As consoantes com traço [+ coronal] são as que mais favorecem o fenômeno.
- ✓ As sílabas finais com vogais /i/ ou /u/ são as mais propensas à aplicação da regra.
- ✓ A fala rápida contribui significativamente para a ocorrência da haplologia.
- ✓ Os homens realizam mais haplologia do que as mulheres.
- ✓ O fenômeno é mais recorrente entre os falantes com baixo *status* social em comparação aos falantes de *status* superior.
- ✓ Os programas considerados populares, pertencentes aos gêneros Talk Show e Auditório, como *Casos de Família* e *Domingo Show*, são os mais propensos à realização do fenômeno. Em contrapartida, os programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis*, pertencentes aos gêneros Colunismo Social e Variedades, inibem consideravelmente a aplicação da regra.

6.4 Redução da sequência NDO _ Grupos Eliminados

A seguir serão expostos os grupos de fatores eliminados pelo *Varbrul*. Convém ressaltar que, embora esses grupos não tenham sido selecionados pelo programa como favorecedores à ocorrência da redução da forma [ndo], ainda assim, tais fatores não deverão ser ignorados, uma vez que eles também mostram pontos importantes sobre o fenômeno estudado.

6.4.1 Estilo de Fala

Labov (1972/2008, p. 251) afirma que, “Em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de fala e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência.” Em situações formais, esses falantes tendem a apresentar uma fala mais monitorada, optando pelas formas de maior prestígio social. Em oposição a esses, os falantes que apresentam pouco ou nenhum domínio da norma padrão tendem, mesmo em situações formais, a exibir um estilo de fala mais informal, sendo este o estilo que mais favorece os fenômenos de variação linguística.

De acordo com a Tabela 11, o maior número de casos de redução da sequência [ndo] observados nesta pesquisa, deu-se no estilo informal de fala, com 105 casos versus 40 do estilo formal. No entanto, é interessante observar que o peso relativo atribuído a esse fator ficou exatamente no ponto neutro (0,50) indicando a neutralidade desse fator em relação ao fenômeno, assim como o estilo de fala formal, que apresentou peso relativo bem próximo ao ponto de neutralidade (0,49). Isso demonstra que tais fatores não podem ser considerados nem favoráveis nem desfavoráveis ao processo de redução da sequência [ndo].

Tabela 11 - Redução da Sequência NDO e Estilo de Fala

Estilo de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Informal	105/226	46,5	0,50.
Formal	40/165	24,2	0,49

Log likelihood = -115,822 Significance = 0,016

Fonte: Dados da Pesquisa

6.4.2 Contexto Fonético Precedente (Vogal)

Com o intuito de verificar se a vogal anterior ao contexto [ndo] exerce algum tipo de influência no processo de apagamento da oclusiva /d/, acrescentamos este grupo à análise. Porém, como verificado na Tabela 12, todos os grupos de fatores apresentaram peso relativo próximo ao ponto neutro, indicando assim sua neutralidade frente ao processo de redução.

Tabela 12 - Redução da Sequência NDO e Contexto Fonético Precedente (Vogal)

Contexto Fon. Prec. Vogal:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Vogais anteriores	52/125	41,6	0,52
Vogal central	87/224	38,8	0,50
Vogais posteriores	06./42	14,3	0,43

Log likelihood = -114,457 Significance = 0,080

Fonte: Dados da Pesquisa

6.4.3 Faixa Etária

O grupo *faixa etária* foi o último a ser excluído pelo *step down* do *Varbrul*. Conforme se observa na Tabela 13, os informantes mais jovens foram os que mais realizaram o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo], apresentando peso relativo bem acima do ponto neutro (0,73). Em contrapartida, os falantes com faixa etária acima dos 46 anos apresentaram um valor bem próximo ao ponto de neutralidade (0,47). Todavia, é interessante observar que dentre todas as faixas etárias a que menos favoreceu o fenômeno foi a dos 31 aos 45 anos (0,41). A possível explicação para esse fato pode estar relacionada ao mercado de trabalho, visto que nesta faixa etária grande parte dos falantes já está inserida no mercado, sofrendo pressão para utilizarem as variantes de maior prestígio social. Consequentemente, as formas de menor prestígio, como *comeno*, *bebeno* e *cantano*, são evitadas por esses falantes.

Convém enfatizar que tanto nesta pesquisa quanto na pesquisa apresentada por Almeida e Oliveira (2017), o grupo *faixa etária* não se mostrou estatisticamente significativa para a aplicação da regra. Segundo os autores, a falta de significância para a variável *faixa etária*, pode indicar um caso de variação estável, sem indicação de mudança linguística.

Tabela 13 - Redução da Sequência NDO e Faixa Etária

Faixa Etária:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
18 a 30 anos	35/55	63,6	0,73
46 acima	92/268	34,3	0,47
31 a 45 anos	18/68	26,5	0,41

Log likelihood = -203,479 Significance = 0,003

Fonte: Dados da Pesquisa

6.5 Redução da sequência NDO _ Grupos Selecionados

A seguir serão expostos os grupos de fatores linguísticos e sociais selecionados pelo *Varbrul* como relevantes para o processo de redução da forma [ndo].

6.5.1 Velocidade de Fala

O apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo] na mídia falada ocorre com maior frequência nas falas rápidas do que nas lentas ou pausadas. Como exemplificado na Tabela 14, a velocidade rápida apresentou peso relativo bem acima do ponto neutro (0,85), indicando favorecimento do fenômeno. As velocidades lenta e pausada apresentaram valor bem abaixo do ponto de neutralidade (0,23), significando dizer que essas velocidades desfavorecem o fenômeno.

Segundo Mota (2002), o processo de redução por assimilação do morfema de gerúndio [ndo] é favorecido em locuções emitidas com maior velocidade de fala, o que explica o porquê da fala acelerada apresentar peso relativo muito acima do ponto neutro.

Tabela 14 - Redução da Sequência NDO e Velocidade de Fala

Velocidade de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Rápida	104/158	65,8	0,85
Lenta ou pausada	41/233	17,6	0,23

Log likelihood = -135,319 Significance = 0,097

Fonte: Dados da Pesquisa

6.5.2 Classe Morfológica

Conforme os resultados do *step up* do *Varbrul*, as formas verbais gerundivas são as que mais favorecem o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo]. A Tabela 15 mostra que o peso relativo referente ao gerúndio mostrou-se bem acima do ponto de neutralidade (0,76), indicando favorecimento da redução. Em contrapartida, os não gerúndios, como adjetivos, substantivos, conjunção e advérbios, apresentaram peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,07) sugerindo, assim, um desfavorecimento do processo.

A este respeito Ferreira (2010) explica que esse processo de redução ocorre apenas quando o [ndo] for morfema de gerúndio, significando que, nas demais palavras o processo é bloqueado. Entretanto, é conveniente destacar que nesta pesquisa foram observados 15 casos de redução da oclusiva /d/ em não gerúndios. As palavras afetadas pela regra foram: mundo = muno, quando = quano e segundo = seguno.

De acordo com Vieira (2011), a baixa incidência de redução da sequência [ndo] em não gerúndio se deve ao fato de a forma [ndo] pertencer ao vocábulo, o que contribui para a permanência da oclusiva /d/. Já nos casos em que o [ndo] é uma desinência o processo tende a ocorrer com maior frequência.

Assim é possível afirmar que as formas gerundivas são as mais favorecedoras do processo de redução da sequência [ndo]. No entanto, ainda assim, é possível perceber a ocorrência do fenômeno em não gerúndios.

Tabela 15 - Redução da Sequência NDO e Classe Morfológica

Classe Morfológica	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Gerúndio	130/267	48,7	0,76
Não gerúndio (adj., subs., adv.)	15/124	12,1	0,07

Log likelihood = -117,693 Significance = 0,997

Fonte: Dados da Pesquisa

6.5.3 Gênero do Programa

De acordo com os dados coletados o gênero do programa que mais favorece a ocorrência da redução da forma [ndo] é o de *Auditório* (0,80), seguido do gênero *Talk Show* (0,61). Como se pode ver na Tabela 16, os gêneros de *Colunismo Social* (0,29) e *Variedades*

(0,15) apresentaram peso relativo bem abaixo do ponto neutro, sugerindo que tais gêneros inibem, consideravelmente, a realização do fenômeno.

Tabela 16 - Redução da Sequência NDO e Gênero do Programa

Gênero do Programa:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Auditório	65/119	54,6	0,80.
Talk Show	48/98	49	0,61
Colunismo Social	23/95	24,2	0,29
Variedades	09./79	11,4	0,15

Log likelihood = -114,201 Significance = 0,940

Fonte: Dados da Pesquisa

Como pontuado anteriormente por alguns autores, como Bagno (2005), em todas as variedades não padrão do português brasileiro é possível perceber a redução da sequência [ndo] para [no]. Trata-se, portanto, de um fenômeno natural muito comum no falar do povo brasileiro, sendo, inclusive, observado na fala espontânea de pessoas das camadas mais cultas da sociedade. Entretanto, apesar disso, é possível verificar que a incidência de casos de redução da sequência [ndo] na mídia televisiva varia conforme o gênero do programa. Deste modo, os programas populares *Domingo Show* (gênero Auditório) e *Casos de Família* (gênero Talk Show), por apresentarem um estilo mais informal e temas mais sensacionalistas, são os mais favorecedores do processo de redução da oclusiva /d/ em sequência [ndo].

Ainda relacionado ao tema é pertinente ponderar que a temática apresentada pelos programas *Amaury Jr.* (gênero Colunismo Social) e *Metrópolis* (gênero Variedades) difere sobremaneira da temática apresentada pelos programas populares. Isso porque no programa *Amaury Jr.* os assuntos são mais centrados no universo requintado da alta sociedade, ao passo que no *Metrópolis* o conteúdo é direcionado ao universo da arte e cultura. Devido às circunstâncias, o estilo de fala que mais prevalece nesse tipo de atração é o formal.

Esses programas, por serem direcionados a um público mais seletivo, demonstram maior cautela quanto à escolha dos convidados e temas abordados. Em virtude disso, há uma maior preferência pelo discurso de especialistas e pessoas influentes da alta sociedade que, por sinal, apresentam maior domínio da “língua legítima”. Essas pessoas, tendem a adequar a linguagem dentro dos parâmetros estabelecidos por cada programa, preferindo assim as formas de maior prestígio social.

Ademais é interessante ponderar que tanto os apresentadores quanto os convidados estão conscientes de que estão sendo observados por pessoas que se pautam pelas regras de gramática e que, por conta disso, não podem apresentar um comportamento verbal qualquer. Por consequência disso, construções como *comeno*, *bebena* e *falano*, socialmente estigmatizadas, são evitadas pelos participantes desses programas. Isso explica o porquê da baixa incidência da forma reduzida [no] nos gêneros Colunismo Social e Auditório.

6.5.4 Status Social

Conforme salientado anteriormente, a redução da sequência [ndo] para [no] é comum no português brasileiro. No entanto, destaca-se que a forma de controle estabelecida por parte dos falantes é diferenciada. Como se pode notar na Tabela 17, os falantes de *status* social mais baixo (trabalhadores braçais com baixa escolaridade pertencentes às classes mais baixas) são os que mais realizam o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo]. No total foram observados 77 casos da variante não padrão [no] contra 45 casos da variante padrão [ndo] (0,74). Conforme verificado, a baixa escolaridade e o acesso limitado desses falantes aos bens culturais colabora para um domínio deficitário das formas prestigiadas ensinada na escola. E é por conta disso, que mesmo em situações tensas, onde geralmente há um monitoramento maior da própria fala, tais falantes tendem a apresentar um estilo mais informal, uma fala menos monitorada.

Em contrapartida, os falantes de *status* elitizado (trabalhadores com profissões privilegiadas, com alta escolaridade, pertencentes às classes mais favorecidas), em situações formais de fala, optam mais pelas formas de maior prestígio social. Consequentemente, entre a variante reduzida [no] e sua forma plena [ndo], esses falantes elegem a variante de maior prestígio social [ndo]. Em virtude disso, observa-se um maior número de ocorrência com a forma plena [ndo] 201 casos quando comparada à forma reduzida [no] 68 casos na fala desses falantes. O peso relativo atribuído ao *status* elitizado ficou bem abaixo do ponto neutro (0,38), indicando assim, desfavorecimento do processo de redução.

Tabela 17 - Redução da Sequência NDO e Status Social

Status Social:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Popular	77/122	63,1	0,74
Elitizado	68/269	25,3	0,38

Log likelihood = -130,269 Significance = 0,414

Fonte: Dados da Pesquisa

6.5.5 Sexo

Os dados dessa pesquisa nos mostra que os homens favorecem mais o processo de redução da oclusiva /d/ em sequência [ndo] que as mulheres. No total foram observados 110 casos de redução na fala dos homens contra 35 na fala de mulheres. O peso relativo atribuído aos homens ficou acima do ponto neutro (0,63), evidenciando o favorecimento da regra. Este dado não surpreende, uma vez que, segundo Ferreira (2010) e Vieira (2011), o fenômeno é mais recorrente na fala dos homens que das mulheres. Logo, o peso relativo conferido às mulheres ficou bem abaixo do ponto de neutralidade (0,25), indicando, assim, desfavorecimento do processo.

Tabela 18 - Redução da Sequência NDO e Sexo dos Informantes

Sexo dos Informantes:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Masculino	110/260	42,3	0,63
Feminino	35/131	26,7	0,25

Log likelihood = -116,492 Significance = 0,300

Fonte: Dados da Pesquisa

6.5.6 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Os dados demonstram que o *contexto fonético da palavra seguinte*, quando formado por consoante de traço [- coronal], ou seja (k, p, b, g, f, v), como em: “eu tô perguntano **pra** ele...”, é o que mais favorece a aplicação da regra (0,66). As consoantes pertencentes ao grupo Outros (m, n, ɲ, r, l, λ, s, h) (0,56) e as vogais posteriores (u, o, ɔ) (0,52), mostraram-se de igual forma favorecedoras à ocorrência do fenômeno. Os demais contextos formados pelas consoantes [+coronal] (0,44) e pelas vogais central (0,45) e anterior (0,34) contribuem para a inibição do processo.

Tabela 19 -Redução da Sequência NDO e Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Contexto Fonético da Pal. Seg.	Aplicação Total	%	Peso Relativo
-Coronal	48/94	51,1	0,66
Outros	28/62	45,2	0,56
Vogais posteriores	16/41	39	0,52
Vogal central	14/44	31,8	0,45
+Coronal	14/44	31,8	0,44
Vogais anteriores	25/106	23,6	0,34

Log likelihood = -201,395 Significance = 0,007

Fonte: Dados da Pesquisa

6.5.7 Palavra Precedente Reduzida

Por meio da coleta dos dados observou-se que o cancelamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo] é maior quando a palavra candidata ao apagamento vem acompanhada de palavra precedente reduzida, como no exemplo “Tamo construino uma ota casa e tal.” Com a finalidade de verificar se, de fato, a redução da palavra anterior poderia intervir ou não na aplicação da regra, acrescentamos este grupo à análise. Segundo os dados, a palavra precedente reduzida apresentou peso relativo acima do ponto de neutralidade (0,63), indicando assim favorecimento da regra, como verificado na Tabela 20:

Tabela 20 - Redução da Sequência NDO e Palavra Precedente Reduzida

Palavra Precedente Reduzida:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Sim	89/170	52,3	0,63
Não	56/221	25,3	0,39

Log likelihood = -114,009 Significance = 0,824

Fonte: Dados da Pesquisa

Alternativamente, a não redução da palavra precedente ficou com peso relativo abaixo do ponto neutro (0,39), apontando, então para o desfavorecimento do processo. Sob a ótica desses resultados podemos deduzir que a redução da sequência [ndo] para [no] tende a ser favorecida quando a palavra candidata ao apagamento estiver precedida por palavra reduzida como em: “Tá todo muno comentno na praça”. Cabe dizer que, a grande parte dos casos aqui observados de redução da palavra precedente envolvia o verbo “estar”, como em:

58. Um dia eu tava colheno algodão... (DS)

59. Tá ficanono louco? (DS)
60. Cês tão ouvinono isso? (DS)
61. Eu num tô perguntanono pra você! (CF)
62. As menina acha que tá ostentanono! (CF)
63. A gente tava conversanono. (CF)
64. Cês tão falanono em Portugal... (AJ)
65. Agora eu tô fazeno posts semanais no Youtube. (AJ)
66. Tá rolano a feira. (AJ)
67. Tavam tentano cruzar a fronteira. (Me)
68. Tá falano com quem? (Me)

Entretanto, é relevante reforçar que serão necessários estudos mais aprofundados para melhor compreensão desse caso, uma vez que ele sugere a ação do Princípio do Processamento Paralelo.

6.5.8 Número de Sílabas

Esta pesquisa confirma o que dizem alguns autores, como SOUSA (2009) e Almeida e Oliveira (2017), que as palavras com vocábulos extensos são as que mais favorecem o processo de redução da consoante /d/ em sequência [ndo]. De acordo com a Tabela 21, as palavras polissílabas e trissílabas apresentaram peso relativo acima do ponto neutro, indicando favorecimento do processo. Em contraste, as palavras dissílabas ficaram com o peso relativo bem abaixo do ponto de neutralidade, o que significa dizer que palavras formadas por duas sílabas tendem a inibir consideravelmente a realização do fenômeno.

Tabela 21 - Redução da Sequência NDO e Número de Sílabas

Número de Sílabas:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Trissílaba	77/153	50,3	0,64
Polissílaba	47/89	52,8	0,63
Dissílaba	21/149	14,1	0,27

Log likelihood = -116,141 Significance = 0,049

Fonte: Dados da Pesquisa

6.6 Relevância dos Fatores na Redução da Sequência NDO

O fenômeno em questão foi submetido à análise binomial do *Varbrul*, que tem por finalidade realizar a análise probabilística dos resultados. Assim, por meio de uma série de combinações entre os fatores linguísticos e sociais, o programa define um valor de aplicação da regra para cada célula criada. Vale dizer que a distribuição probabilística é sempre feita com base em dois eventos, neste caso, a redução ou não redução da sequência [ndo].

Em suma, após a realização da análise binomial, o *Varbrul* executa então o processo de *step up* para definir os grupos de fatores que agem de maneira estatisticamente significativa no processo sob análise. A melhor rodada do *step up* escolhida pelo programa foi a de número #59. Após a finalização do *step up* o programa realizou o *step down* para definir os grupos cuja significância não teve como ser determinada. A melhor rodada escolhida pelo *step down* do programa foi a de número #94.

Os grupos de fatores escolhidos pelo *step up* como significantes no processo de redução da sequência [ndo] foram: *velocidade de fala, classe morfológica, gênero do programa, status social, sexo, contexto fonético da palavra seguinte, palavra precedente reduzida e número de sílabas*. Já os grupos eliminados pelo programa foram: *estilo de fala, contexto fonético precedente vogal e faixa etária*. No total foram analisadas 326 células e 391 tokens.

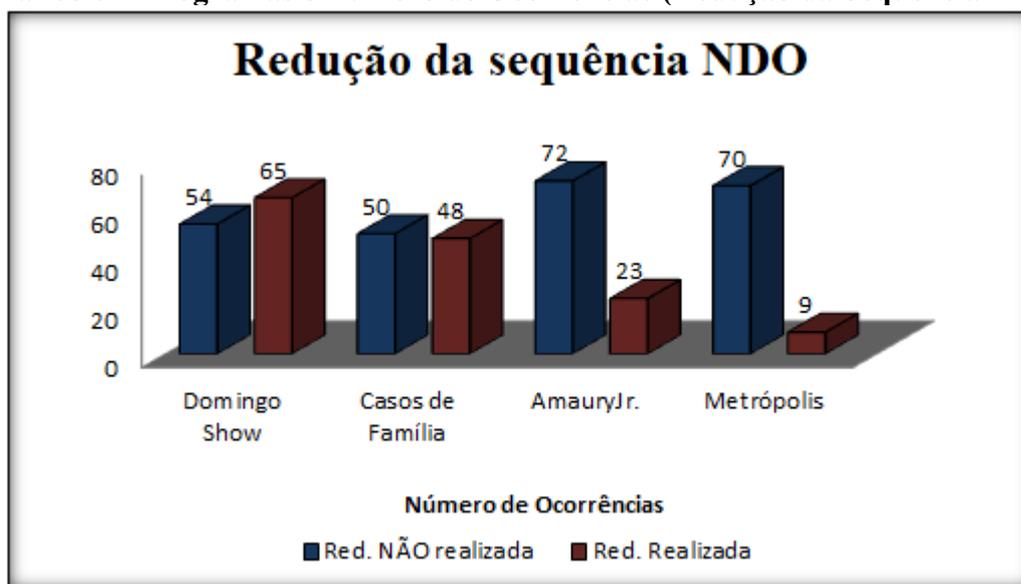
Confirmando nossa hipótese inicial, alguns gêneros de programa são mais favorecedores do processo de redução do que outros. De acordo com os dados, o programa *Domingo Show*, pertencente ao (gênero Auditório) foi o mais favorecedor do apagamento da consoante /d/ em sequência [ndo]. Com efeito, nesse programa foram observados 65 casos da forma contraída /n/ como em: *formano, comeno, seguno, trabalhano* e 54 casos da forma plena [ndo]. Também se observou um número expressivo de reduções no programa *Casos de Família* (gênero Talk Show). No total foram constatados 48 casos da forma reduzida [no] contra 50 casos da forma padrão [ndo].

Em suma, a alta incidência da variante não padrão [no] na fala dos participantes revela maior predominância da linguagem informal nesses programas. Conforme observado, a linguagem utilizada nos programas televisivos é pensada de acordo com o público que se pretende alcançar. Assim sendo, como o intuito dos programas *Casos de Família* e *Domingo Show* é atrair a atenção do grande público, a linguagem utilizada aproxima-se ao máximo da linguagem usada pelo telespectador no seu dia a dia. Em virtude disso, tanto os apresentadores quanto os convidados são livres para utilizarem todo tipo de construção.

Em contrapartida, nos programas *Amaury Jr.* (gênero Colunismo Social) e *Metrópolis* (gênero Variedades) observa-se maior incidência da variante padrão [ndo]. Como se pode notar no Gráfico 02, o programa *Amaury Jr.* apresentou 72 casos da forma plena [ndo] contra 23 casos da forma reduzida [no]. A esse respeito vale destacar que o número de reduções encontradas no programa *Metrópolis* foi ainda menor. No total foram observados apenas 9 casos de apagamento da oclusiva /d/ contra 70 casos da forma plena [ndo].

Logo, a baixa incidência da variante não padrão [no] na fala dos participantes reflete o modo como a linguagem é empregada nessas atrações. Isso porque a própria temática apresentada acaba influenciando os participantes a exibirem um discurso mais requintado. Por conta disso, o estilo de fala que mais prevalece é o formal. Vale ressaltar ainda que quanto maior for o *status* social do falante maior será o uso das variantes de maior prestígio social. Pelo visto isso é, na verdade, uma forma de preservar a imagem de poder e *status* perante o público.

Gráfico 02- Programas e Número de Ocorrências (Redução da Sequência NDO)



Fonte: Dados da Pesquisa

Em suma, os dados dessa pesquisa revelaram que:

- ✓ A velocidade rápida favorece significativamente o fenômeno.
- ✓ A redução da sequência [ndo] é mais frequente em gerúndio.
- ✓ O gênero de programa que mais favorece a aplicação da regra é o de *Auditório*.
- ✓ Falantes de *status* social mais baixo são mais favorecedores da redução da forma [ndo] do que falantes de maior *status*.

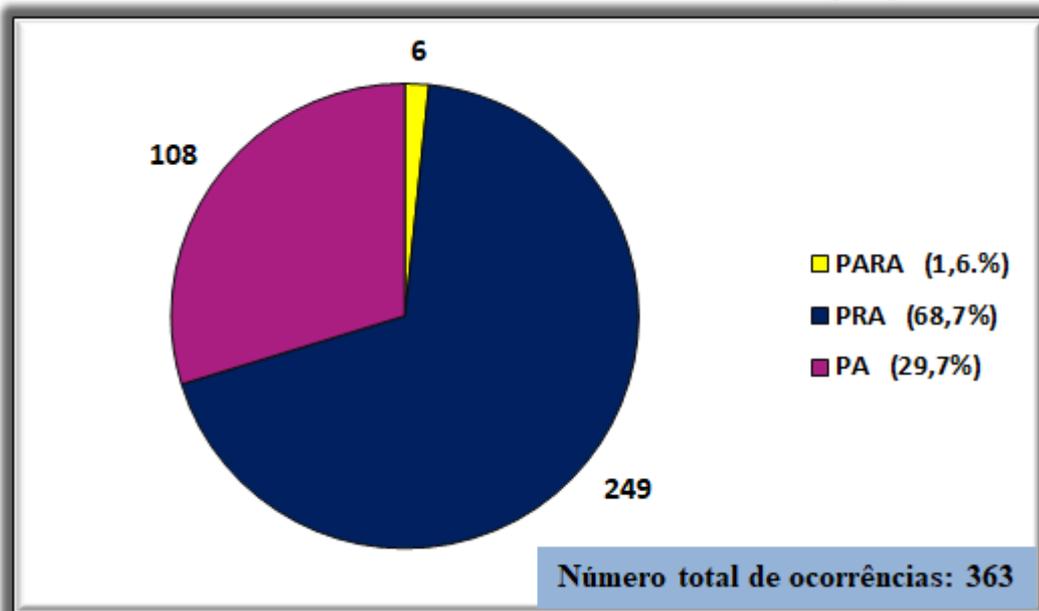
- ✓ As palavras trissílabas e polissílabas favorecem significativamente o processo de redução da sequência [ndo].
- ✓ A redução da consoante /d/ nas sequências [ndo] é mais comum quando essas são precedidas por palavra reduzida, o que sugere um caso de processamento paralelo.

6.7 Redução da preposição PARA

Nesta seção examinaremos o comportamento da variável PARA e suas variantes *para* (prestigiada), *pra* (neutra) e *pa* (estigmatizada) na fala de participantes de alguns programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Observa-se uma redução quase categórica de PARA na modalidade falada do PB e, assim sendo, foram constatados apenas seis 6 casos da variante *para* num universo de 363 casos. Isso representa apenas 1,6% do total.

Os únicos programas a apresentarem a variante *para* foram *Amaury Jr.* e *Metrópolis*, todas elas em contextos formais de fala. Ao que tudo indica a variante *para*, estabelecida pelos gramáticos como modelo idealizado, está perdendo espaço na oralidade para a variante *pra*. Conforme se pode ver no Gráfico 03, as demais variantes *pra* e *pa* apresentaram um número expressivo de ocorrências. No total foram observados 249 casos com a variante padrão *pra* contra 108 casos com a variante inovadora *pa*.

Gráfico 03 - Número de Ocorrências das Variantes da Preposição PARA



Fonte: Dados da Pesquisa

Assim, diante da inexpressividade da variante *para* optamos então por considerar a variante *pra* como referência padrão, seguindo o mesmo método utilizado por Silva (2010). Ou seja, os seis casos de *para* foram removidos da análise.

6.8 Redução da Preposição PARA _ Grupos Eliminados

A seguir serão expostos os grupos de fatores, linguísticos e sociais, eliminados pelo *step down* do *Varbrul*. Salientamos que os grupos aqui apresentados estão organizados por ordem de importância conforme definição do programa.

6.8.1 Sexo

Segundo Labov (1972/2008), as mulheres são mais conservadoras que os homens na sua forma de falar. Isso significa dizer que diante de uma variante de prestígio e outra estigmatizada elas optam pelas formas de maior prestígio social. Decerto, dentre as diversas variantes evitadas pelas mulheres está a forma reduzida *pa*, tida socialmente como estigmatizada. Conforme se observou nesta pesquisa, em situações formais de fala as mulheres tendem a favorecer o uso da variante neutra *pra*, enquanto que os homens a forma inovadora *pa*. Conforme se pode ver na Tabela 22 foram observados 85 casos da variante *pa* na fala dos homens, contra 23 na fala das mulheres. Todavia vale dizer que este grupo de fatores não foi escolhido pelo *step up* do *Varbrul* como relevante para a ocorrência dessa redução.

Tabela 22 - Redução da Preposição PARA e Sexo dos Informantes

Sexo:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Masculino	85/251	33,9	0,53
Feminino	23/106	21,7	0,42

Log likelihood = -118,654 Significance = 0,249

Fonte: Dados da Pesquisa

6.8.2 Estilo de Fala

Segundo Labov (1972/2008) é no vernáculo, ou seja, na fala espontânea, que o falante presta menos atenção à própria fala, deixando transparecer, assim, algumas variantes típicas

do estilo mais coloquial. Os dados dessa pesquisa confirmam essa afirmação, uma vez que o estilo informal foi o que mais favoreceu a realização da variante inovadora *pa*. No total foram observados 81 casos da variante *pa* no estilo informal, contra 27 no estilo formal, ou seja, na fala mais monitorada. Como observado na Tabela 23, o peso relativo atribuído aos estilos formal (0,47) e informal (0,52) ficaram próximos ao ponto neutro, confirmando a imparcialidade desse grupo em relação ao fenômeno.

Tabela 23 - Redução da Preposição PARA e Estilo de Fala

Estilo de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Informal	81/168	48,2	0,52
Formal	27/189	14,3	0,47

Log likelihood = -108,029 Significance = 0,927

Fonte: Dados da Pesquisa

6.8.3 Gênero do Programa

Os gêneros de programa a apresentarem maior ocorrência da variante não padrão *pa* foram *Talk Show*, com 57 casos, e *Auditório*, com 46. Nos demais gêneros a ocorrência dessa variante foi quase nula, sendo observados apenas 4 casos da variante *pa* no gênero *Colunismo Social* e 1 caso no gênero *Variedades*. Todavia, os pesos relativos obtidos na primeira rodada do *Varbrul* indicaram os fatores *Auditório* (0,81) e *Colunismo Social* (0,63) como favorecedores à aplicação da regra. Em oposição, o gênero *Talk Show* apresentou peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,29), indicando desfavorecimento do fenômeno, assim como o gênero *Variedades* (0,32). Contudo é conveniente enfatizar que o maior número de ocorrências da variante inovadora *pa* foi constatado no gênero *Talk Show*, conforme se pode ver na Tabela 24:

Tabela 24 - Redução da Preposição PARA e Gênero do Programa

Gênero do Programa	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Auditório	46/91	50,5	0,81
Colunismo Social	04./62	6,4	0,63
Variedades	01./51	2	0,32
Talk Show	57/153	37,2	0,29

Log likelihood = -101,873 Significance = 0,336

Fonte: Dados da Pesquisa

Em suma, os resultados apresentados pelo programa estatístico mostraram-se inversamente proporcionais ao que era de se esperar. Ao que tudo indica, a discrepância entre a quantidade de ocorrências da variante *pa* entre os gêneros de programa interferiu no equilíbrio dos resultados. Consequentemente, devido à falta de ortogonalidade o programa não conseguiu, portanto, realizar um cálculo preciso.

Diante disso, optamos por amalgamar os fatores *Colunismo Social* e *Variedades* em um grupo e *Talk Show* e *Auditório* em outro. Em seguida foi realizada uma nova rodada no *Varbrul* no qual a distribuição dos dados mostrou-se equilibrada. Como resultado, os programas populares pertencentes aos gêneros de *Talk Show* e *Auditório* foram os que mais contribuíram para a realização da variante inovadora *pa*, com peso relativo acima do ponto de neutralidade (0,58). Por outro lado, o peso relativo atribuído aos demais gêneros *Colunismo Social* e *Variedades* ficou bem abaixo do ponto neutro (0,32), indicando assim desfavorecimento da regra. No entanto, devido à falta de ortogonalidade, este grupo de fatores não foi escolhido pelo *Varbrul* como relevante para o fenômeno.

Tabela 25 - Redução da Preposição PARA e Gênero do Programa

Gênero do Programa	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Talk Show e Auditório	103/244	42,2	0,58
Colunismo Social e Variedades	5/113	4,4	0,32

Log likelihood = -136,473 Significance = 0,083

Fonte: Dados da Pesquisa

6.8.4 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

De acordo com os dados dessa pesquisa, a preposição **para** tende a se reduzir a *pa* quando o contexto fonético da palavra seguinte for formado pelas vogais central [a] (0,60), posterior [u,o,ɔ] (0,57), ou ainda pelas consoantes de traço [+ coronal] [d,dʒ, t tʃ, ʒ, ʃ, z] (0,56), como verificados nos exemplos a seguir: “...é um programa novo **pa** adiantar os menino.” , “Eu tarra mandano leite **pa** o meu sobrinho”, “...e eu só fico **pa** trás desencabiado!”. Já as demais consoantes formadas pelos grupos Outros [m, n, ɲ, r, l, ʎ, s, h] (0,47), [- coronal] [k, g, b, p, f, v] (0,46) e as vogais anteriores [i, e, ε] (0,50) não se mostraram significantes à aplicação da regra. Vale ressaltar que este grupo de fatores também não foi escolhido pelo *step up* do *Varbrul* como favorecedor do processo sendo, portanto, eliminado pelo *step down* do programa.

Tabela 26 - Redução da Preposição PARA e Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Contexto Fon. da Pal. Seg.:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Vogal central	04./10.	40	0,60.
Vogais posteriores +Coronal	07./19	36,8	0,57
Vogais anteriores	23/75	30,7	0,50.
Outros	20/71	28,2	0,47
-Coronal	35/129	27,1	0,46

Log likelihood = -217,671 Significance = 0,802

Fonte: Dados da Pesquisa

6.9 Redução da Preposição PARA _ Grupos Seleccionados

A seguir serão apresentados os grupos de fatores escolhidos pelo *step up* do *Varbrul* como significantes para a aplicação da regra.

6.9.1 Status Social

Dentre todos os fenômenos de redução fonológica aqui analisados a redução da preposição *para* para a forma *pa* foi a que mais revelou-se estigmatizada, sendo, portanto, a mais evitada pelos falantes de maior *status* social. Conforme verificado, os falantes com posições mais privilegiadas na escala social tendem, em situações formais de fala, evitar o uso da variante estigmatizada *pa*. Vale ressaltar que grande parte desses falantes exerce atividades consideradas socialmente como privilegiadas e apresentam maior grau de instrução. Assim sendo, por apresentarem maior domínio da norma culta padrão ensinada na escola, acabam preferindo o uso da variante neutra *pra* ao invés da forma estigmatizada *pa*.

Por outro lado, os falantes de baixo *status* social, que apresentam menor nível de escolaridade e menor acesso aos bens culturais, utilizam a variante não padrão *pa*, tanto em situações tensas quanto distensas. Isso confirma a premissa defendida por Labov (1972/2008) de que o comportamento linguístico do falante é moldado conforme a posição social que ele ocupa na sociedade. Como já previsto, o peso relativo atribuído ao *status* popular mostrou-se bem acima do ponto de neutralidade (0,85), indicando assim preferência favorecimento à redução, enquanto que o *status* elitizado mostrou-se bem abaixo do ponto neutro (0,16). Com

base nesses resultados pode-se deduzir que quanto maior for o *status* social do falante menor será o uso da variante estigmatizada *pa*.

Tabela 27 - Redução da Preposição PARA e Status Social

Status Social:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Popular	95/170	55,9	0,85
Elitizada	13/187	6,9	0,16

Log likelihood = -111,587 Significance = 0,871

Fonte: Dados da Pesquisa

6.9.2 Classe da Palavra Seguinte

Os dados dessa pesquisa revelaram que a redução da preposição *para* para a forma *pa* tende a ser favorecida quando essa vier seguida por palavra lexical (verbo ou substantivo) e desfavorecida quando seguida pelas demais classes de palavras (artigo, pronome, conjunção, preposição etc). Conforme se pode ver na Tabela 28 a classe dos verbos apresentou peso relativo bem acima do ponto de neutralidade (0,85), indicando maior probabilidade de aplicação da regra variável. A classe dos substantivos também apresentou valor acima do ponto neutro (0,61), indicando favorecimento da regra. As demais classes de palavras representadas pelo fator *outros* (0,22), não se mostraram relevantes para a realização do fenômeno.

Tabela 28 - Redução da Preposição PARA e Classe da Palavra Seguinte

Classe da Palavra Seguinte:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Verbo	41/86	47,7	0,85
Subs.	33/106	31,3	0,61
Outros	34/165	26,6	0,22

Log likelihood = -111,587 Significance = 0,871

Fonte: Dados da Pesquisa

6.9.3 Velocidade de Fala

Nesta pesquisa observamos que a velocidade de fala interfere diretamente na redução da preposição *para*. Conforme se pode ver na Tabela 29 o peso relativo referente à velocidade rápida ficou bem acima do ponto neutro (0,79), o que significa dizer que a fala acelerada é a

que mais favorece a realização da variante inovadora *pa*. Em contrapartida a velocidade lenta apresentou peso relativo abaixo do ponto de neutralidade (0,30), indicando assim, desfavorecimento da regra variável.

Tabela 29 - Redução da Preposição PARA e Velocidade de Fala

Velocidade de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Rápida	74/135	54,8	0,79
Lenta	34/222	15,3	0,30.

Log likelihood = -108,154 Significance = 0,633

Fonte: Dados da Pesquisa

6.9.4 Faixa Etária

De acordo com os dados dessa pesquisa os falantes mais jovens, com idade entre 18 a 30 anos, são os que mais realizam a variante inovadora *pa* (0,74). Os informantes das demais faixas etárias (31 a 45 anos) (0,25) e (46 anos acima) (0,44) não se mostraram favorecedores à aplicação da regra. A baixa incidência de realização da variante não padrão *pa* na fala desses falantes pode estar relacionada à noção de “mercado linguístico” defendida por Bourdieu (2008). Isso porque, segundo o autor, o sistema de ensino e o mercado de trabalho contribuem diretamente para a supervalorização da língua padrão como a única detentora de prestígio social. Devido a isso, os falantes que estão inseridos há mais tempo no mercado de trabalho tendem a moldar o seu discurso dentro dos parâmetros defendidos pela língua oficial. Isso explica o porquê dos falantes mais velhos preferirem o uso da variante neutra *pra* ao invés da forma estigmatizada *pa*, como verificado na Tabela 30.

Tabela 30 - Redução da Preposição PARA e Faixa Etária

Faixa Etária:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
18 a 30 anos	66/101	65,3	0,74
46 acima	30/196	15,3	0,44
31 a 45 anos	12./60	20	0,25

Log likelihood = -108,152 Significance = 0,629

Fonte: Dados da Pesquisa

6.10 Relevância dos Fatores na Redução da Preposição PARA

Nesta pesquisa observamos o comportamento da preposição PARA e suas variantes *pra* e *pa* em programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Como o número de ocorrências da variante *para* foi irrelevante (apenas 6 casos em uma amostra de 363), optamos então, por retirá-la da análise. Vale ressaltar que tanto nesta pesquisa, quanto nos trabalhos apresentados por Ferreira (2014), Marcato (2013) e Silva (2010), o número de ocorrências da variante prestigiada *para* mostrou-se bem insignificante quando comparado às demais formas, *pra* e *pa*. Ao que tudo indica a variante *para*, tida pelos gramáticos como única forma legítima, está perdendo espaço na oralidade para a forma *pra*. Com efeito, o crescente uso dessa variante no português brasileiro é, segundo Ferreira (2014), indício de mudança linguística em curso. Na Tabela 31 é possível ver a distribuição das variantes *para>pra>pa* nos trabalhos mais recentes realizados no português brasileiro.

Tabela 31 - Distribuição de Dados por Variante em Cada Pesquisa

	PARA		PRA		PA		Total
	N	%	N	%	N	%	
EVANGELISTA 2020	6	1,6	249	68,7	108	29,7	363
FERREIRA 2014	2	0,6	257	73,6	90	25,8	349
MARCATO 2013	52	02,62	1428	72,05	502	25,33	1982
SILVA 2010	35	1	1852	54	1323	45	3210

Fonte: Elaborado pela Autora

Conforme observado, os falantes de maior *status* social em situações formais de fala tendem a preferir o uso da variante padrão *pra* ao invés da forma estigmatizada *pa*. Isso foi verificado, sobretudo, na fala dos participantes dos programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis*, nos quais foram constatados 108 casos da variante padrão *pra* e apenas 5 casos da forma não padrão *pa*, como se pode ver no Gráfico 04.

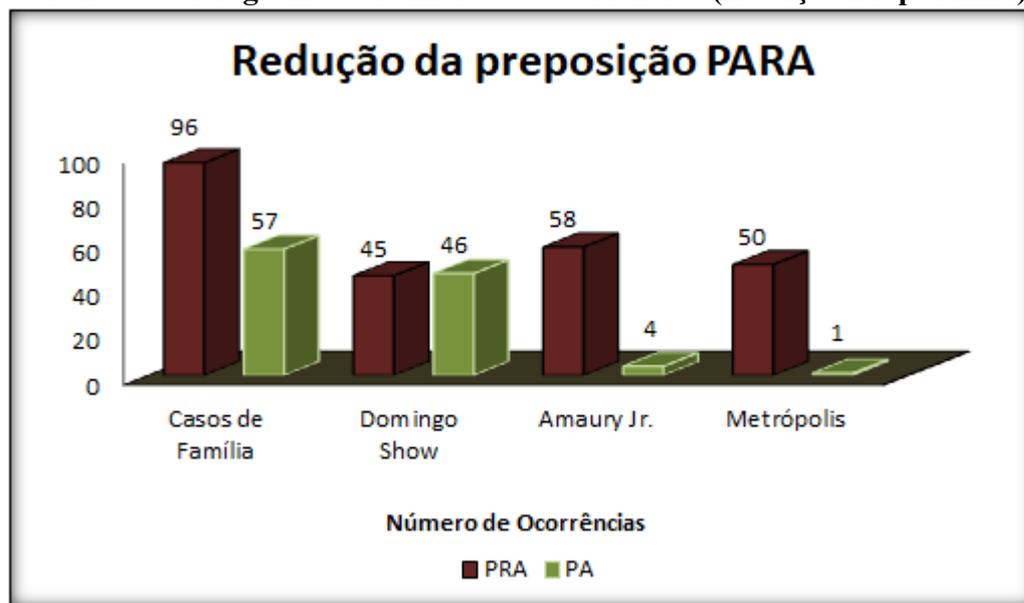
O número quase nulo de ocorrências da variante estigmatizada *pa*, na fala desses participantes, revela outro ponto importante já observado por Labov (1972/2008): a influência do observador nas entrevistas sociolinguísticas. De acordo com o autor, a situação de entrevista por si só já define um contexto mais formal no qual o entrevistado tende a prestar maior atenção à própria fala. Isso se dá porque o informante sabe que naquele momento ele está sendo observado e que, portanto, deve apresentar um comportamento verbal diferenciado.

Esse fenômeno, definido por Labov (1972/2008) como paradoxo do observador, foi verificado nesta pesquisa, tanto na fala dos entrevistados quanto na fala dos apresentadores, sobretudo dos programas destinados a um público mais seletivo, como é o caso de *Amaury Jr.* e *Metrópolis*. Conforme observado, o fato de os participantes estarem sendo entrevistados por apresentadores renomados da TV brasileira faz com que eles apresentem uma fala mais polida e lenta.

Esse mesmo comportamento também é observado na fala dos apresentadores, uma vez que eles também sabem que estão sendo observados e ao mesmo tempo julgados por telespectadores que se pautam pelas regras de gramática. Contudo, por estarem mais familiarizados com o meio artístico e televisivo, acabam exibindo menor grau de atenção à própria fala, quando comparados ao que acontece com os entrevistados. Assim sendo, dos 5 casos observados da variante estigmatizada *pa* nesses programas, 3 deles foram constatados na fala do mesmo apresentador.

Pelo visto o uso das variantes de maior prestígio, por parte desses falantes, é na verdade uma tentativa de valorizar o discurso e de assegurar o *status* frente ao telespectador. A esse respeito é oportuno destacar que a própria temática desses programas, voltadas para o universo da arte, cultura e sofisticação, contribui para uma fala mais monitorada e lenta por parte tanto dos convidados quanto dos apresentadores, favorecendo, assim, o uso das variantes de maior prestígio, como é o caso da forma padrão *pra*.

Gráfico 04 - Programas e Número de Ocorrências (Redução Prep. PARA)



Fonte: Dados da Pesquisa

De maneira geral, os programas televisivos prezam por uma linguagem mais cuidada que seja mais próxima do estilo formal. Devido a isso, abre-se maior espaço para o discurso de especialistas e pessoas influentes como políticos, médicos e professores que, por sinal, utilizam mais frequentemente a língua oficial, escrita ou falada (BOURDIEU 2008). Em consequência disso, os falantes “desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida” (BOURDIEU, 2008, p. 42). Sobram então os programas populares, voltados para uma temática sensacionalista de conteúdo apelativo e banal, onde geralmente não há tanta preocupação com a linguagem. E é nesses programas que pessoas simples tornam-se atores principais, como verificado nos programas *Casos de Família* e *Domingo Show*.

Assim sendo, por apresentarem baixa escolaridade e possuírem pouco acesso aos bens culturais, tais participantes tendem a apresentar domínio limitado quanto à norma padrão, o que faz com que utilizem as formas estigmatizadas, mesmo em situações formais. Isso explica o porquê dos participantes desses programas usarem com maior frequência a variante estigmatizada *pa*.

Em suma, os dados da pesquisa nos revelaram que:

- ✓ Na mídia falada a ocorrência da variante padrão *para* é quase nula. Ao que tudo indica essa variante está perdendo lugar para a forma *pra*.
- ✓ O uso da variante inovadora *pa* é maior nos programas populares.
- ✓ Falantes com *status* social mais elevado tendem evitar a forma *pa*, preferindo assim o uso da variante de maior prestígio *pra*.
- ✓ A fala rápida favorece consideravelmente a realização da variante inovadora *pa*.
- ✓ A forma reduzida *pa* é favorecida quando seguida por palavra lexical (verbo e substantivo) e desfavorecida quando seguida pelas demais classes.

6.11 Redução da sequência final (Z)INHO _ Grupos Eliminados

A seguir serão expostos os grupos de fatores linguísticos e sociais eliminados pelo *Varbrul*.

6.11.1 Gênero do Programa

Devido à pouca quantidade de dados apresentados nos programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis* foi necessário amalgamar os gêneros *Colunismo Social* e *Variedades / Talk Show*

e Auditório. Após a junção dos fatores verificou-se que os gêneros Talk Show e Auditório são os que mais apresentam a redução da sequência final (Z)INHO > zim/im, 16 casos num total de 39. O peso relativo atribuído a esse fator ficou acima do ponto neutro (0,61). Em contrapartida, nos gêneros Colunismo Social e Variedades foram observados apenas 02 casos de redução num total de 19. O peso relativo conferido a esse fator ficou bem abaixo do ponto neutro (0,26), o que demonstra que esses gêneros inibem consideravelmente a realização do fenômeno. Porém é conveniente destacar que este grupo de fatores não foi escolhido pelo *Varbrul* como relevante para o fenômeno.

Tabela 32 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Gênero do Programa

Gênero do Programa:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Talk Show e Auditório	16/39	41	0,61
Colunismo Social e Variedades	02/19	10,5	0,26

Log likelihood = -13,348 Significance = 0,542

Fonte: Dados da Pesquisa

6.11.2 Composição Morfológica

Observou-se que as palavras bimorfêmicas tendem a favorecer mais a redução da estrutura (z)inho que as palavras monomorfêmicas. Na Tabela 33 é possível perceber que o peso relativo da composição bimorfêmica ficou acima do ponto de neutralidade (0,58), indicando favorecimento do processo, enquanto que as palavras monomorfêmicas apresentaram valor bem abaixo do ponto neutro (0,26). Contudo esse grupo de fatores não teve muita representatividade sendo, portanto, excluído pelo *step down* do programa.

Tabela 33 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Composição Morfológica

Composição Morfológica:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Bimorfêmico	16/44	36,4	0,58
Monomorfêmico	02/14	14,3	0,26

Log likelihood = -27,037 Significance = 0,113

Fonte: Dados da Pesquisa

6.11.3 Estilo de Fala

Conforme se pode ver na Tabela 34, o *estilo de fala informal* é o que mais favorece o processo de redução da sequência final (Z)INHO. Já no *estilo formal* o processo é praticamente impedido. No entanto, esse grupo de fatores não foi escolhido pelo *step up* do programa como relevante para a ocorrência dessa redução.

Tabela 34 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Estilo de Fala

Estilo de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Informal	15/39	38,5	0,66
Formal	03/19	15,8	0,19

Log likelihood = -12,135 Significance = 0,983

Fonte: Dados da Pesquisa

6.12 Redução (Z)INHO _ Grupos Seleccionados

A seguir serão apresentados os grupos de fatores linguísticos e sociais escolhidos pelo *step up* do *Varbrul* como relevantes para o processo de redução da variável (z)inho. É importante salientar que, devido à baixa incidência de dados observados nas faixas etárias de 18 a 30 e 31 a 45 anos, fez-se necessário amalgamar esses dois grupos para se evitar uma possível formação de *Knockouts*. A seguir, passaremos então para a análise dos resultados.

6.12.1 Status Social

O grupo de fatores *Status Social* foi o primeiro a ser escolhido pelo *step up* do *Varbrul*. Isso demonstra um alto grau de relevância desse fator sobre o processo de redução da forma (z)inho. Como se pode ver na Tabela 35, os falantes de *status* mais baixo (trabalhadores braçais com baixa escolaridade pertencentes às classes mais baixas) são os que mais realizam a redução da sequência final (Z)INHO. Como observado, o peso relativo atribuído ao *status* popular ficou bem acima do ponto de neutralidade (0,94), indicando assim favorecimento da regra variável.

Uma das explicações para essa discrepância entre os valores pode estar relacionada ao estereótipo atribuído a forma reduzida (z)inho _ (z)im. Conforme Rodrigues (2015), atribui-se a estrutura reduzida –im o estereótipo de dialeto caipira. Por conta disso, os falantes de *status*

social mais elevado tendem a resistir ao uso da forma reduzida (z)im. Em outras palavras, esses falantes “entendem que usar a forma plena seria uma maneira de estar próximo à norma padrão e, com isso, ter mais prestígio social.” (RODRIGUES, 2015, p., 152). A Tabela 34 mostra os resultados obtidos.

Tabela 35 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Status Social

Status Social:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Popular	14/29	48,3	0,94
Elitizado	04/29	13,8	0,5

Log likelihood = -13,543 Significance = 0,990

Fonte: Dados da Pesquisa

6.12.2 Velocidade de Fala

Conforme os dados dessa pesquisa, a velocidade rápida da fala favorece a realização da forma reduzida (z)im, ao passo que a fala lenta inibe consideravelmente a realização do fenômeno. Como se pode ver na Tabela 36 a velocidade rápida apresentou peso relativo bem acima do ponto de neutralidade (0,96), demonstrando assim favorecimento ao processo, enquanto que a velocidade lenta apresentou peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,15). Isso já era de se esperar, uma vez que “as velocidades mais lentas favorecem, em geral, a manutenção de segmentos.” (ABAURRE-GNERRE, 1981, p.29).

A discrepância entre os valores aqui apresentados pode estar relacionada ao estilo de fala, uma vez que a velocidade rápida está mais associada ao estilo informal, ao passo que a lenta ao estilo formal, (ABAURRE-GNERRE, 1981). Conforme Bueno e Martins (2011), em situações formais o falante tende a usar uma linguagem mais requintada, enquanto que em situações informais uma fala mais descontraída. E é inclusive nas situações informais que os falantes tendem a prestar menos atenção à própria fala, (LABOV, 1972/2008). Com isso podemos deduzir que pelo fato de a fala rápida ser mais recorrente no estilo informal, o processo de redução da sequência (Z)INHO tende a ser favorecido.

Tabela 36 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Velocidade de Fala

Velocidade de Fala:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Rápida	11/20.	55	0,96
Lenta	07/38.	18,4	0,15

Log likelihood = -13,348 Significance = 0,542

Fonte: Dados da Pesquisa

6.12.3 Sexo

Tanto nesta pesquisa, quanto naquelas apresentadas por Felice (2011) e Rodrigues (2015), a variável *sexo* mostrou-se relevante para o processo de redução da forma (z)inho. Em ambas as pesquisas os homens lideraram o processo de redução, optando assim pelo uso da forma não padrão. Conforme observado na Tabela 37 o sexo masculino apresentou peso relativo bem acima do ponto neutro (0,76), demonstrando assim favorecimento ao processo, enquanto que o sexo feminino apresentou peso relativo bem abaixo do ponto de neutralidade (0,02). Com efeito, o fato de as mulheres evitarem o uso dessa variante é indício de que a mesma não possui prestígio social.

Tabela 37 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Sexo

Sexo:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
Masculino	17/44	38,6	0,76
Feminino	01/14.	7,1	0,02

Log likelihood = -18,120 Significance = 0,461

Fonte: Dados da Pesquisa

6.12.4 Tipo de Sufixo

Segundo Felice (2011), dentre as duas variantes *-zinho* e *-inho* a que apresenta maior frequência de uso e de redução é a variante *-inho*. Devido a isso, nesta análise consideramos ambas as estruturas, de modo a identificar qual é a mais favorável ao processo de redução na mídia falada. Também verificamos se as palavras monomorfêmicas (sem sufixo) com final (z)inho como padrinho, vizinho e sobrinho favorecem o processo de redução.

Com base nos dados verificou-se que as palavras com sufixo *-inho*, como em *menininho* > *meninim* ou *pouquinho* > *pouquim*, são as que apresentam maior probabilidade de aplicação da regra, com peso relativo bem acima do ponto de neutralidade (0,78). Em compensação, os demais fatores *-zinho* (0,32) e *sem sufixo* (0,13) ficaram com valores bem abaixo do ponto neutro, indicando assim desfavorecimento à aplicação do processo. A Tabela 38 mostra os resultados obtidos.

Tabela 38 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Tipo de Sufixo

Tipo de Sufixo:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
<i>-inho</i>	14/29	48,3	0,78
<i>-zinho</i>	02/15.	13,3	0,32
<i>sem sufixo</i>	02/14.	14,3	0,13

Log likelihood = -18,120 Significance = 0,461

Fonte: Dados da Pesquisa

6.12.5 Faixa Etária

Tanto nesta pesquisa, quanto na apresentada por Felice (2011), os falantes mais velhos mostraram-se mais favoráveis ao uso da forma reduzida (z)im que os falantes mais jovens. Como se pode ver na Tabela 38, a faixa etária de 46 anos acima apresentou peso relativo bem acima do ponto neutro (0,87); em contrapartida, nas demais faixas etárias o peso relativo ficou bem abaixo do ponto de neutralidade (0,2). Vale destacar que os falantes com idade entre 18 a 45 anos, que já estão inseridos no mercado de trabalho, acabam sofrendo maior pressão quanto ao uso das variantes de maior prestígio social. Devido a isso tendem a evitar o uso das variantes não padrão. Isso explica o porquê desses falantes apresentarem baixo uso das formas reduzidas *-zim* ou *-im*.

Tabela 39 - Redução da Sequência Final (Z)INHO e Faixa Etária

Faixa Etária:	Aplicação Total	%	Peso Relativo
46 acima	12/38.	31,6	0,87
18 a 45 anos	06/20.	30	0,2

Log likelihood = -13,543 Significance = 0,990

Fonte: Dados da Pesquisa

6.13 Relevância dos Fatores na Redução (Z)INHO

Nesta pesquisa investigamos o comportamento da variável (Z)INHO e suas variantes – *inho*, *-im*, *-zinho* e *-zim* em programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Para a análise do fenômeno foram considerados fatores linguísticos e sociais que pudessem condicionar a escolha de tais variantes por parte dos falantes.

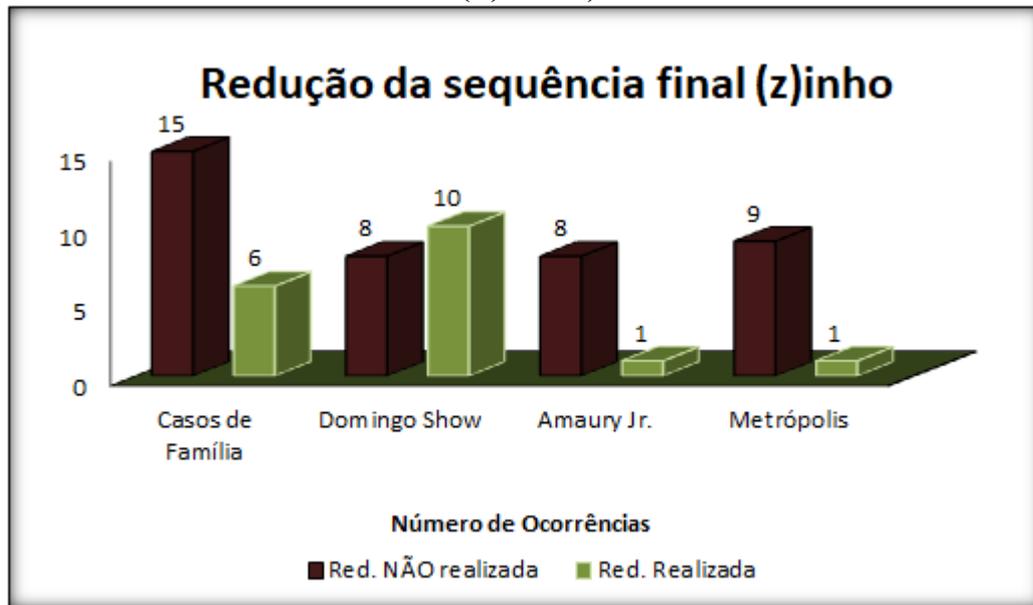
Seguindo a exigência do programa foi realizada a codificação das variáveis para posteriormente serem feitas as análises estatísticas dos dados. Em seguida o *step up* do *Varbrul* selecionou os grupos de fatores de maior significância para o fenômeno, sendo a melhor rodada a de número #30. Logo após, o *step down* do programa confirmou os fatores escolhidos pelo *step up*. A melhor rodada do *step down* indicada pelo *Varbrul* foi a de número #55. No total o programa analisou 58 *tokens* e 33 células.

Embora não seja o intuito dessa pesquisa analisar a variável (Z)INHO sob uma perspectiva semântico-discursiva, ainda assim faz-se necessário destacar alguns pontos importantes para uma melhor compreensão desse fenômeno na mídia falada. De acordo com Chaves (2006), o sufixo *-inho* é um elemento modalizador avaliativo que pode apresentar diversas funções, tais como: “ponto de vista negativo, ironia, piedade, malícia, a função eufemística e a de positividade.” (CHAVES, 2006, p. 73).

Nesta pesquisa observamos que os programas *Casos de Família* e *Domingo Show*, por apresentarem um conteúdo mais apelativo e vulgar, foram os que mais cooperaram para um discurso irônico e depreciativo por parte dos falantes. Por conseguinte, o maior número de ocorrências da variável foi registrado nesses programas. Conforme verificado no Gráfico 05 foram constatados 16 casos da variante estigmatizada *(z)im* contra 23 da variante de maior prestígio *(z)inho*, totalizando assim 39 ocorrências.

Em contrapartida, os programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis* apresentaram um número quase nulo de ocorrências da variante estigmatizada *(z)im*. No total foram observados apenas 02 casos da forma não padrão *(z)im* contra 17 da forma de maior prestígio *(z)inho*. O fato de esses programas serem mais sofisticados e apresentarem um conteúdo mais elaborado acaba contribuindo para uma fala mais cuidada por parte dos participantes. Assim, na tentativa de seguirem o mesmo padrão apresentado em tais programas, tanto os apresentadores quanto os convidados acabam optando pelas variantes de maior prestígio social. Isso explica o porquê da baixa ocorrência da variante não padrão *(z)im* nesses programas.

Gráfico 05 - Programas e Número de Ocorrências (Redução da Sequência Final (Z)INHO)



Fonte: Dados da Pesquisa

Em suma, os dados da pesquisa nos revelaram que:

- ✓ Falantes de *status* mais baixo (trabalhadores braçais com baixa escolaridade pertencentes às classes mais baixas) tendem a realizar mais a redução da forma (z)inho que falantes de maior *status* social.
- ✓ A forma não padrão (z)im ocorre majoritariamente nas falas rápidas que nas lentas.
- ✓ Os falantes com idade acima dos 46 anos são os que mais realizam a forma reduzida (z)im.
- ✓ Palavras bimorfêmicas com final *-inho* são mais sujeitas ao processo de redução que as palavras com sufixo *-zinho* ou sem sufixo como **caminho** e **sobrinho**.
- ✓ Os homens são mais favoráveis ao uso da forma não padrão (z)im que as mulheres.
- ✓ A redução da forma (z)inho tende a ser mais favorecida nas palavras bimorfêmicas que nas monomorfêmicas.
- ✓ O sufixo ligado ao diminutivo favorece consideravelmente o processo de redução fonológica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados desta pesquisa revelaram que todos os falantes em situações mais tensas tendem a controlar a fala, mas não do mesmo modo. Conforme verificado, os falantes de *status* social mais baixo, mesmo em situações formais, tendem a apresentar uma fala menos monitorada e mais rápida.

Já os falantes de *status* social mais elevado, que exercem atividades socioeconômicas de maior destaque e que apresentam maior grau de instrução, em contextos formais tendem a apresentar fala mais policiada e lenta, favorecendo assim o uso das variantes de maior prestígio social. Isso foi verificado, sobretudo, na fala dos participantes dos programas *Amaury Jr.* e *Metrópolis*. Ao que tudo indica, o cuidado com a linguagem é também uma forma de preservar a imagem pessoal e o *status* dentro do grupo.

Além do mais verificamos que a própria temática dos programas acaba influenciando no tipo de linguagem a ser utilizada. De maneira geral, os programas populares, com conteúdo apelativo e banal, são os que mais favoreceram a ocorrência das variantes estigmatizadas, como é o caso dos programas *Casos de Família* e *Domingo Show*. Vale destacar ainda que grande parte das entrevistas desses programas é direcionada para o lado emocional dos entrevistados. Com isso eles acabam se envolvendo mais com o assunto proposto de modo a prestar menos atenção à própria fala. E são nesses contextos que as variantes não padrão tendem a ganhar maior espaço na fala dos falantes.

Em contrapartida os programas que apresentam uma pauta mais elaborada voltada para a arte, cultura e sofisticação tendem a apresentar maior preocupação com a linguagem. Embora não seja o intuito desses programas apresentar um estilo de fala tão formal quanto a dos telejornais, ainda assim é possível perceber um maior monitoramento da fala por parte dos apresentadores e convidados. Por consequência disso, às formas de menor prestígio social tendem a ser evitadas em tais programas. Ao que parece, o uso das variantes prestigiadas funciona como uma marca de distinção entre os grupos.

Além disso, também verificamos que a fala acelerada contribui significativamente para a ocorrência dos processos de redução na sílaba átona final. Essa foi, inclusive, a única variável a exercer influência sobre todos os fenômenos fonológicos aqui analisados.

Ademais, convém destacar que dentre todas as variantes analisadas aqui a que se revelou mais estigmatizada por parte dos falantes de *status* social mais elevado foi a variante inovadora *pa*, sendo a mais evitada nos contextos formais de fala. Em contrapartida, a

variante não padrão [no] se mostrou a mais natural na fala de todos os participantes, sendo observada inclusive na fala espontânea de pessoas das camadas mais cultas da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos Fonológicos Segmentais como índices de padrões prosódicos diversos os estilos formal e casual do Português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** [S l.], (2), p. 23-44, 1981.
- ALKMIN, Mônica G. R., GOMES, Christina A. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, no. 7, p.43-51, 1982.
- ALMEIDA, A. N. S.; OLIVEIRA, Alan J. Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL. **LETRÔNICA**, v. 10, p. 200-209, 2017.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Á.; SILVA, André Luiz de C.; CARVALHO, Morgana G. **A TV e o superpopular**. [2001]. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/a-TV-e-o-superpopular/> Acesso em: 28 mar. 2019.
- ARONCHI, José C. TV como entretenimento. **Debate: televisão, gêneros e linguagens**, p.16-27, 2006.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2000. 215p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 38. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 186p.
- BATTISTI, Elisa. Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 73-88, set.2005.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 254p.
- BORN, Ani Mari H. **As representações das elites na mídia de colonismo social em Porto Alegre/RS: Um estudo de caso sobre o programa sociedade com Odalgir Lazzari**. 2010. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação Social) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da USP, 2008.
- BUENO, Elza Sabino da S., MARTINS, Ivone da S. Estudo do gerúndio – a transformação de [nd] em [n] no português falado na região de fronteira. **Sociodialeto**, v.1, no.4, jul.2011.
- CAGLIARI, Luíz C. **Análise fonológica: introdução à teoria e a prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 208 p.
- CAMACHO, Roberto G. Norma culta e variedades linguísticas. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.

CAMACHO, Roberto G. Sociolinguística Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística domínios e fronteiras**. 6 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

CARNEIRO, Thiago R. A. **Faixas salariais x classe social: qual a sua classe social?**
Disponível em: <https://thiagorodrigo.com.br/artigo/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge/>
Acesso em: 06 mai. 2019.

CARVALHO, Iara Rosa de. Redução segmental em encontros consonantais heterossilábicos no português brasileiro. **Revele**, no. 9, p.38-51, 2015.

CHAVES, Anna Libia A. **O sufixo -inho nas entrevistas do VALPB** – uma análise semânticodiscursiva, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO). **Portal emprega Brasil**.
Disponível em: <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/> Acesso em: 06 mai. 2019.

CLEMENTS, G. N. **The geometry of Phonological Features, Phonology Yearbook 2**, s.l., p.225-252, 1985.

COUTINHO, Ismael de L. (1967). **Pontos de gramática histórica**. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

CRISTÓFARO SILVA, T. Fonologia: por uma análise integrada à morfologia e à sintaxe. In: Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas. **Anais da 2ª. Semana de Estudos Portugueses**. v. 2, p. 56-65. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996.

CRISTÓFARO SILVA, T. Sobre a queda de encontros consonantais no português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, v.29, p.522-527. 2000.

EVANGELISTA, Priscila S. A haplogogia na mídia falada em Belo Horizonte. **Revista Caletroscópio**. v. 6, n. especial, p 224-243, dez. 2018.

FELICE, Leonardo da S. **Um estudo variacionista de -(z)inho na cidade de Uberlândia**, 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Uberlândia, 2011.

FERREIRA, Jesuelem S.; TENANI, Luciani Ester . A redução do gerúndio à luz da Fonologia Lexical. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 38, p. 59-68, 2009.

FERREIRA, Salvani F. **O apagamento do /D/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Vitória R. S. **Língua Matis (Pano): uma análise fonológica**. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

GAZOLA, Adriana. A Estrutura prosódica da preposição para. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 30, n. 2 p. 367 – 396, jul./dez. 2008.

GNERRE, M.. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental Phonology**. 1976. Tese (Doutorado) – Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

GONÇALVES, Carlos A. V. Uma abordagem autosegmental para a morfologia. **Cadernos de Letras da UFF**. No. 39, p. 211-232, 2009.

GUIMARÃES, Bruna V. Programa Metrópolis: representante do Jornalismo Cultural na Televisão Brasileira. **CELACOM**, p. 1-19. Jun. 2011.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv; RESENDE, Adelaine La Guardia. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG ; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HORA, Demerval da.; VOGLEY Ana. Fonologia Autossegmental. In: MATZENAUER, Carmen Lúcia (org.). **Fonologia, Fonologias: uma introdução**. Contexto 194 ISBN 9788572449830.

KLEPPA, Lou-Ann. A forma da preposição na fala de uma criança. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – **ReVEL**. v. 3, n. 5, agosto de 2005.

LABOV, William. **On the Grammaticality of Everyday Speech**. Conferência lida diante da Linguistic Society of America, New York City. 1966b.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Caroline RODRIGUES Cardoso, Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington. D.C.: Center for Applied Linguistic. 1966a.

LEAL, Eneida de G. A queda da sílaba: análise do contexto consonantal pela geometria de traços. **Revel**, no.1, 2007.

LEE, S. Hwa. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro **Revista Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.113-124, jan./jun. 1999.

MARCATO F. **Análise prosódica de preposições monossilábicas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, 2013. 3

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)**. São Paulo: Nacional, 1934.

MASSINI- CAGLIARI G. (1992): **Acento e Ritmo**. São Paulo: Contexto.

- MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- MENDES, Regina M. G. **A haplogia no português de Belo Horizonte**, 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MOLLICA, Maria C. M., Dependência sintática e processos morfofonêmicos. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, ano 5, n.4, v.1, p.155-162, jan./jun. 1996
- MOLLICA, Maria C. M., PAULA Barreto de (1989). **Dois processos de assimilação fonológica no português falado semiespontâneo do Rio de Janeiro**. Mimeo.
- MOTA, Jacyra. A variação diafásica no português do Brasil. **Revista de Letras**, v. 24, n. 1, p. 70–74, 2002.
- OLIVEIRA, Alan Jardel de. **‘Comendo o final das palavras’: análise variacionista da haplogia, elisão e apócope em Itaúna/MG**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012
- OLIVEIRA, Marco A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. **Revista de estudos da linguagem**. v. 6, n.2, p.31-58. jul./dez. 1997.
- OLIVEIRA, Marco A; LEE, Seung H. Teoria fonológica e variação linguística. **Estudos da Linguagem**. v. 03, n.01, 2006
- PAVEZI, Vanessa C. **A haplogia na variedade paulista**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.
- PAZ, Flávia Helena da S. **Haplogia no falar paraense**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará. Belém PA, 2013.
- PERINI, M. Nota sobre o uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos. **Ensaio de Linguística**. Belo Horizonte, v.11, p.5-12, 1984.
- RODRIGUES, Geralda Fátima de S. **Realizações dos sufixos -(z)inho/-(z)im no português brasileiro dialetal: análise variacionista**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- RONDELLI, Elizabeth. Televisão aberta e por assinatura: consumo cultural e política de programação. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n.os 5-6: pp. 33-58, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 312 p.
- SELKIRK, Elisabeth. **Phonology and syntax: the relation between sound and structure**. Massachusetts: MIT Press, 1984.
- SELKIRK, Elisabeth. **The Prosodic Structure of Function Words**. In: Morgan, J., Demuth, K. Signal to Syntax: Bootstrapping From Speech to Grammar in Early Acquisition. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1996.

SILVA, A. N. **A preposição para e suas variantes no falar araguatinsense**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SIMIONI, T.; AMARAL, F. A haploglia e o princípio do contorno obrigatório. **Revista do GELNE**, v. 13, n. 1/2, p. 1-9, 3 mar. 2016.

SOUSA, Socorro Cláudia T. de. Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante final /r/. **D.E.L.T.A**, v.25, n.2. p. 465-495, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática. 1986.

TEIXEIRA, Taize W. **A forma e o uso dos sufixos –inho e –zinho em variedades do português do sul do Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

VIEIRA, M. S.. Apagamento de /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero. Web-Revista **SOCIODIALETO**, v. 2, p. 15-25, 2011.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change, in LEHMANN & MALKIEL (1968) [ed. br.: (2006). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: M. Bagno. São Paulo:Parábola Editorial.]

WIEDEMER, Marcos L. As faces da comunidade de fala. **Revista Linguagens**. v. 2, n. 1, p. 21 - 35, jan./abr. 2008.

WIKIPEDIA. **Casos de família**. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Casos_de_Família. Acesso em: 29 mai. 2019.

WIKIPEDIA. **Metrópolis**. Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Metrópolis_\(programa_de_televisão\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Metrópolis_(programa_de_televisão)). Acesso em: 30 mai. 2019.

ANEXOS A _ Resultados Criados Pelo Programa Estatístico Varbrul: HAPLOLOGIA

CELL CREATION

=====

Name of token file: C:\Users\Priscila\Desktop\Lista de Casos atualizada\RESULTADOS VARBRUL\Lista de casos unificados HAP.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(
 (1)
 (2)
 (3)
 (4)
 (5)
 (6)
 (7)
 (8)
 (9)
 (10)
 (11)
)

Number of cells: 898
 Application value(s): 2
 Total no. of factors: 26

Group	Apps	apps	Total	Non- %

1 (2)				
N	N	77	817	894 49
	%	8	91	
O	N	69	380	449 24
	%	15	84	
V	N	51	417	468 25
	%	10	89	
Total	N	197	1614	1811
	%	10	89	

2 (3)				
K	N	42	673	715 39
	%	5	94	
N	N	41	390	431 23
	%	9	90	
D	N	114	551	665 36
	%	17	82	
Total	N	197	1614	1811
	%	10	89	

3 (4)				
D	N	105	921	1026 56
	%	10	89	
N	N	72	500	572 31
	%	12	87	
K	N	20	193	213 11

	%	9	90		
Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

4	(5)				
A	N	26	555	581	32
	%	4	95		
U	N	171	1059	1230	67
	%	13	86		
Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

5	(6)				
L	N	47	1322	1369	75
	%	3	96		
R	N	150	292	442	24
	%	33	66		
Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

6	(7)				
M	N	156	1150	1306	72
	%	11	88		
F	N	41	464	505	27
	%	8	91		
Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

7	(8)				
A	N	88	1132	1220	67
	%	7	92		
B	N	109	482	591	32
	%	18	81		
Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

8	(9)				
F	N	90	1028	1118	61
	%	8	91		
I	N	107	586	693	38
	%	15	84		
Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

9	(10)				
S	N	111	1125	1236	68
	%	8	91		
G	N	26	279	305	16
	%	8	91		

Q	N	60	210	270	14
	%	22	77		

Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

10 (11)					
C	N	26	409	435	24
	%	5	94		
T	N	87	360	447	24
	%	19	80		
A	N	71	393	464	25
	%	15	84		
V	N	13	452	465	25
	%	2	97		

Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

Total	N	197	1614	1811	
	%	10	89		

Binomial Varbrul

=====

Name of cell file: Untitled.cel
Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0,050001

Stepping up:

Stepping up:

(...)

Run # 42, 216 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0,037

Group # 1 -- N: 0,514, O: 0,562, V: 0,414

Group # 2 -- K: 0,352, N: 0,494, D: 0,662

Group # 4 -- A: 0,270, U: 0,615

Group # 5 -- L: 0,350, R: 0,871

Group # 6 -- M: 0,575, F: 0,315

Group #10 -- C: 0,412, T: 0,778, A: 0,629, V: 0,198

Log likelihood = -406,947 Significance = 0,047

Groups selected while stepping up: 5 10 4 2 6 1

(...)

Run # 81, 216 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0,037

Group # 1 -- N: 0,514, O: 0,562, V: 0,414

Group # 2 -- K: 0,352, N: 0,494, D: 0,662

Group # 4 -- A: 0,270, U: 0,615

Group # 5 -- L: 0,350, R: 0,871

Group # 6 -- M: 0,575, F: 0,315

Group #10 -- C: 0,412, T: 0,778, A: 0,629, V: 0,198

Log likelihood = -406,947 Significance = 0,203

Groups eliminated while stepping down: 8 7 9 3

Best stepping up run: #42

Best stepping down run: #81

ANEXOS B _ Resultados Criados Pelo Programa Estatístico Varbrul: Redução da Sequência NDO

CELL CREATION

=====

Name of token file: C:\Users\Priscila\Desktop\TOKENS de todos os programas NDO.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
(10)
(11)
(12)
)

Number of cells: 326
Application value(s): 2
Total no. of factors: 31

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%

1 (2)				
V	N	130	137	267 68
	%	48	51	
	N	15	109	124 31
	%	12	87	
Total	N	145	246	391
	%	37	62	

2 (3)				
K	N	48	46	94 24
	%	51	48	
	N	28	34	62 15
	%	45	54	
	D	14	30	44 11
	%	31	68	
	C	14	30	44 11
	%	31	68	
	A	25	81	106 27
	%	23	76	
	P	16	25	41 10
	%	39	60	

Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

3	(4)				
A	N	87	137	224	57
	%	38	61		
I	N	52	73	125	31
	%	41	58		
U	N	6	36	42	10
	%	14	85		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

4	(5)				
P	N	47	42	89	22
	%	52	47		
D	N	21	128	149	38
	%	14	85		
T	N	77	76	153	39
	%	50	49		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

5	(6)				
L	N	41	192	233	59
	%	17	82		
R	N	104	54	158	40
	%	65	34		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

6	(7)				
N	N	56	165	221	56
	%	25	74		
S	N	89	81	170	43
	%	52	47		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

7	(8)				
M	N	110	150	260	66
	%	42	57		
F	N	35	96	131	33
	%	26	73		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

8	(9)				
A	N	68	201	269	68

	%	25	74		
B	N	77	45	122	31
	%	63	36		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

9	(10)				
I	N	105	121	226	57
	%	46	53		
F	N	40	125	165	42
	%	24	75		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

10	(11)				
S	N	92	176	268	68
	%	34	65		
G	N	18	50	68	17
	%	26	73		
Q	N	35	20	55	14
	%	63	36		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

11	(12)				
C	N	23	72	95	24
	%	24	75		
T	N	48	50	98	25
	%	48	51		
A	N	65	54	119	30
	%	54	45		
V	N	9	70	79	20
	%	11	88		
Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

Total	N	145	246	391	
	%	37	62		

Binomial Varbrul

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.
Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0,050001

Stepping up:
Stepping up:
(...)

Run # 59, 247 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0,223

Group # 1 -- V: 0,701, N: 0,138

Group # 2 -- K: 0,765, N: 0,418, D: 0,393, C: 0,439, A: 0,346, P: 0,541

Group # 4 -- P: 0,607, D: 0,295, T: 0,645

Group # 5 -- L: 0,233, R: 0,853

Group # 6 -- N: 0,398, S: 0,631

Group # 7 -- M: 0,592, F: 0,324

Group # 8 -- A: 0,381, B: 0,744

Group #11 -- C: 0,292, T: 0,612, A: 0,808, V: 0,158

Log likelihood = -114,204 Significance = 0,034

Groups selected while stepping up: 5 1 11 8 7 2 6 4

(...)

Run # 94, 247 cells:

Convergence at Iteration 14

Input 0,223

Group # 1 -- V: 0,701, N: 0,138

Group # 2 -- K: 0,765, N: 0,418, D: 0,393, C: 0,439, A: 0,346, P: 0,541

Group # 4 -- P: 0,607, D: 0,295, T: 0,645

Group # 5 -- L: 0,233, R: 0,853

Group # 6 -- N: 0,398, S: 0,631

Group # 7 -- M: 0,592, F: 0,324

Group # 8 -- A: 0,381, B: 0,744

Group #11 -- C: 0,292, T: 0,612, A: 0,808, V: 0,158

Log likelihood = -114,204 Significance = 0,341

Groups eliminated while stepping down: 9 3 10

Best stepping up run: #59

Best stepping down run: #94

ANEXOS C _ Resultados Criados Pelo Programa Estatístico Varbrul: Redução da Preposição PARA

CELL CREATION

=====

Name of token file: C:\Users\Priscila\Desktop\Lista de Casos atualizada\PARA\RESULTADOS VARBRUL\Junção de todos os programas.tkn
Name of condition file: Untitled.cnd

(
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
)

Number of cells: 194
Application value(s): 2
Total no. of factors: 22

Group	Apps	apps	Total	Non-
				%

1 (2)				
A	N	23	52	75 21
	%	30	69	
P	N	7	12	19 5
	%	36	63	
D	N	19	34	53 14
	%	35	64	
K	N	35	94	129 36
	%	27	72	
N	N	20	51	71 19
	%	28	71	
C	N	4	6	10 2
	%	40	60	
Total	N	108	249	357
	%	30	69	

2 (3)				
O	N	34	131	165 46
	%	20	79	
V	N	41	45	86 24
	%	47	52	
N	N	33	73	106 29
	%	31	68	
Total	N	108	249	357

		%	30	69		

3	(4)					
L	N		34	188	222	62
	%		15	84		
R	N		74	61	135	37
	%		54	45		
Total	N		108	249	357	
	%		30	69		

4	(5)					
M	N		85	166	251	70
	%		33	66		
F	N		23	83	106	29
	%		21	78		
Total	N		108	249	357	
	%		30	69		

5	(6)					
A	N		13	174	187	52
	%		6	93		
B	N		95	75	170	47
	%		55	44		
Total	N		108	249	357	
	%		30	69		

6	(7)					
F	N		27	162	189	52
	%		14	85		
I	N		81	87	168	47
	%		48	51		
Total	N		108	249	357	
	%		30	69		

7	(8)					
S	N		30	166	196	54
	%		15	84		
G	N		12	48	60	16
	%		20	80		
Q	N		66	35	101	28
	%		65	34		
Total	N		108	249	357	
	%		30	69		

8	(9)					
V	N		5	108	113	31
	%		4	95		
T	N		103	141	244	68
	%		42	57		

Total N	108	249	357
%	30	69	

Total N	108	249	357
%	30	69	

Binomial Varbrul

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0,050001

Stepping up:

Stepping up:

(...)

Run # 26, 30 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0,155

Group # 2 -- O: 0,229, V: 0,851, N: 0,616

Group # 3 -- L: 0,311, R: 0,787

Group # 5 -- A: 0,168, B: 0,853

Group # 7 -- S: 0,475, G: 0,245, Q: 0,703

Log likelihood = -111,602 Significance = 0,003

Groups selected while stepping up: 5 2 3 7

(...)

Run # 54, 30 cells:

Convergence at Iteration 11

Input 0,155

Group # 2 -- O: 0,229, V: 0,851, N: 0,616

Group # 3 -- L: 0,311, R: 0,787

Group # 5 -- A: 0,168, B: 0,853

Group # 7 -- S: 0,475, G: 0,245, Q: 0,703

Log likelihood = -111,602 Significance = 0,284

Groups eliminated while stepping down: 4 6 8 1

Best stepping up run: #26

Best stepping down run: #54

ANEXOS D _ Resultados Criados Pelo Programa Estatístico Varbrul: Redução da Sequência Final (Z)INHO.

CELL CREATION

=====

Name of token file: C:\Users\Priscila\Desktop\Tokens unificados
ZINHO.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
)

Number of cells: 33
Application value(s): 2
Total no. of factors: 17

Group	Apps	apps	Total	Non- %

1 (2)				
B	N	16	28	44 75
	%	36	63	
M	N	2	12	14 24
	%	14	85	
Total	N	18	40	58
	%	31	68	

2 (3)				
I	N	14	15	29 50
	%	48	51	
S	N	2	12	14 24
	%	14	85	
Z	N	2	13	15 25
	%	13	86	
Total	N	18	40	58
	%	31	68	

3 (4)				
L	N	7	31	38 65
	%	18	81	
R	N	11	9	20 34
	%	55	45	
Total	N	18	40	58
	%	31	68	

4 (5)				
M	N	17	27	44 75

	%	38	61		
F	N	1	13	14	24
	%	7	92		
Total	N	18	40	58	
	%	31	68		

5	(6)				
A	N	4	25	29	50
	%	13	86		
B	N	14	15	29	50
	%	48	51		
Total	N	18	40	58	
	%	31	68		

6	(7)				
F	N	3	16	19	32
	%	15	84		
I	N	15	24	39	67
	%	38	61		
Total	N	18	40	58	
	%	31	68		

7	(8)				
S	N	12	26	38	65
	%	31	68		
Q	N	6	14	20	34
	%	30	70		
Total	N	18	40	58	
	%	31	68		

8	(9)				
V	N	2	17	19	32
	%	10	89		
T	N	16	23	39	67
	%	41	58		
Total	N	18	40	58	
	%	31	68		

Total	N	18	40	58	
	%	31	68		

Binomial Varbrul

=====

Name of cell file: Untitled.cel

Using fast, less accurate method.

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0,050001

Stepping up:

Stepping up:

(...)

Run # 30, 23 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,123

Group # 2 -- I: 0,898, S: 0,250, Z: 0,040

Group # 3 -- L: 0,157, R: 0,960

Group # 4 -- M: 0,778, F: 0,019

Group # 5 -- A: 0,056, B: 0,944

Group # 7 -- S: 0,871, Q: 0,026

Log likelihood = -13,543 Significance = 0,003

Groups selected while stepping up: 5 3 4 2 7

(...)

Run # 55, 23 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0,123

Group # 2 -- I: 0,898, S: 0,250, Z: 0,040

Group # 3 -- L: 0,157, R: 0,960

Group # 4 -- M: 0,778, F: 0,019

Group # 5 -- A: 0,056, B: 0,944

Group # 7 -- S: 0,871, Q: 0,026

Log likelihood = -13,543 Significance = 0,089

Groups eliminated while stepping down: 8 1 6

Best stepping up run: #30

Best stepping down run: #55